



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

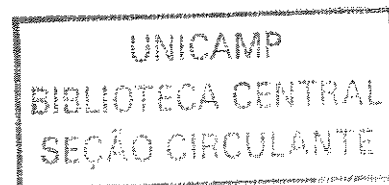
TESE DE DOUTORADO

AZILDE LINA ANDREOTTI

A FORMAÇÃO DE UMA GERAÇÃO: A EDUCAÇÃO PARA A
PROMOÇÃO SOCIAL E O PROGRESSO DO PAÍS NO JORNAL *A VOZ*
DA INFÂNCIA DA BIBLIOTECA INFANTIL MUNICIPAL DE SÃO
PAULO (1936-1950)

200408613

2004



TESE DE DOUTORADO

2004

UNIDADE PL
1ª CHAMADA UNICAMP
An25f
/ _____ EX _____
COMBO BC/ 58530
PROC 16-11-04
C _____ D X
PREÇO 11,00
DATA 23-06-04
Nº CPD _____

CM00198092-9

BIBID 317298

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Rosemary Passos - CRB-8ª/5751

Andreotti, Azilde Lina.

An25f

A formação de uma geração : a educação para a promoção social e o progresso do país no jornal " A voz da infância" da Biblioteca Infantil Municipal de São Paulo (1936-1950) / Azilde Lina Andreotti. -- Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientador : José Luiz Sanfelice.

Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Educação.

1. Jornais na educação. 2. Bibliotecas e educação. 3. Educação do adolescente. 4. Integração social. 5. Regionalismo – São Paulo (SP) – História. 6. Educação – História – 1936 – 1950. I. Sanfelice, José Luis. II.

Universidade

Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

04.012.955

RESUMO

Este trabalho tem como objeto central de análise o jornal *A VOZ DA INFÂNCIA*, produzido por crianças e jovens entre 1936 e 1950, na cidade de S. Paulo. A produção do jornal fez parte das atividades da Biblioteca Infantil Municipal, equipamento que compôs o projeto de criação do Departamento de Cultura da cidade, nos anos 30. Fonte primária de pesquisa, o jornal é representativo, de uma forma geral, do que a escola transmitia e também de um projeto de complementação escolar implementado pela Biblioteca. A análise do jornal tem o propósito de contemplar as matérias que exponham conteúdos referentes a aspectos da organização social do país, com o objetivo principal de verificar que as idéias reproduzidas no seu interior demonstraram um ideal de desenvolvimento nas décadas de 30 e 40, em um momento de expansão dos setores que compunham a sociedade brasileira. Os escritos expressos no jornal apontavam para uma certa modernidade, traduzida pela cultura urbana e por um plano de desenvolvimento sócio-econômico, na qual a educação escolar teve um papel fundamental na inserção das diversas classes sociais.

ABSTRACT

This work has as core object the analysis of the newspaper *A VOZ DA INFÂNCIA* produced by children and younger, among the 1936 to 1950, at city of S. Paulo, as a part of the activities of the Infantile Library County, equipment that setup the Culture Department County by the thirty years. Primary source research, by it contents and lasting, the newspaper is a representative periodical information from these children at such time, also as a leading deliver of the school programme and a complementally scholar project implanted at the Library. The analysis of this newspaper has as purpose to regard substances that bring aspects of the Brazilian society, mean objectify how the ideas reproduced in it contents had demonstrated an ideal of social development in the thirty and forty years, occurred in a moment of expansion of many social clusters that composed the Brazilian society. The writings pointed out to a modernity, translated by an urban culture and by a project of industrial development, wherefore the school had a main role in set in the many social sectors.

Os aspectos sociais ou sociais da essência do homem não podem ser separados dos outros aspectos de seu ser, exceto à custa da tautologia ou da extrema banalização. Não podem ser separados, mais que por um momento, dos modos pelos quais os homens obtêm seu sustento e seu ambiente material. Nem só por um minuto podem ser separados de suas idéias, já que suas mútuas relações são expressas e formuladas em linguagem que implica conceitos no momento mesmo em que abrem a boca. (Eric Hobsbawm, 1998, p. 87).

À memória de Romeu Andreotti e Nicolina C. Andreotti

Dedico este trabalho à Laura e Beatriz

AGRADECIMENTOS

Um trabalho de pesquisa mais demorado, que o espaço acadêmico exige, sempre conta com a colaboração de pessoas que, pela proximidade afetiva ou profissional, participam do processo de sua construção. Quero exprimir meus agradecimentos a todos que diretamente ou não, colaboraram com o andamento deste trabalho, incluindo os funcionários da Faculdade de Educação da UNICAMP, pela atenção que me dispensaram no decorrer desses anos em que mantivemos contato.

Alguns agradecimentos especiais que preciso mencionar:

À Profa. Dra. Ediógenes Aragão, que acompanhou uma primeira leitura do meu trabalho de pesquisa.

Aos alunos do Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP, integrantes das reuniões do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” - HISTEDBR, do Programa de Filosofia e História da Educação.

Ao Prof. Dr. José Claudinei Lombardi, que me incentivou no desenvolvimento do meu trabalho de pesquisa.

À Profa. Dra. Olinda Maria Noronha e ao Prof. Dr. Sergio Eduardo M. Castanho, que colaboraram com o meu trabalho no Exame de Qualificação.

Ao Ennio Bottini, companheiro de algumas horas deste trabalho.

À colaboração da Profa Márcia Helena Lopes.

À colaboração da Profa. Dra. Simone Siviero.

E, finalmente, ao meu orientador Prof. Dr. José Luis Sanfelice, sem dúvida a pessoa mais competente, dedicada e paciente, que muitas vezes me indicou por onde ir, na trajetória desta pesquisa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
A RECUPERAÇÃO DA FONTE DE PESQUISA: o jornal <i>A Voz da Infância</i>	1
Objetivos e organização da pesquisa.....	11
CAPÍTULO I	
JORNAL COMO FONTE DE PESQUISA: a especificidade do <i>A Voz da Infância</i>	17
CAPÍTULO II	
A BIBLIOTECA INFANTIL MUNICIPAL: projeto do Departamento de Cultura.....	45
A Biblioteca Infantil Municipal de São Paulo como instituição educativa.....	52
CAPÍTULO III	
A PRESENÇA DE SÃO PAULO.....	67
<i>A Vocação Paulistana</i>	79
CAPÍTULO IV	
A EDUCAÇÃO ESCOLAR: projeto de ascensão social e de progresso do país.....	91
A educa�o como fator de integra�o social.....	96
A criança que trabalha.....	104
A escola para o engrandecimento da pátria e a constru�o da na�o.....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
LOCAIS DA PESQUISA DE DOCUMENTOS.....	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	130
ANEXO I – JORNAL <i>A VOZ DA INFÂNCIA</i>	137

ANEXO II- ROL DAS PROFISSÕES.....	149
ANEXO III – CARTA DE MÁRIO DE ANDRADE.....	151
ANEXO IV - ARTIGO N. 38 DA LEI DE CRIAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE CULTURA.....	153
ANEXO V - FICHA DE LEITURA.....	155

INTRODUÇÃO

A recuperação do objeto da pesquisa: o jornal *A Voz da Infância*

Ao ingressar na Secretaria da Cultura do Município de São Paulo, para o cargo de socióloga através de um concurso promulgado na gestão da então prefeita Luiza Erundina do Partido dos Trabalhadores, fui admitida na Divisão de Bibliotecas e, na gestão seguinte, na Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, antiga Biblioteca Infantil Municipal. Sem uma função específica nessa biblioteca e tomando conhecimento de sua origem - 1936, com a criação do Departamento de Cultura do Município de São Paulo dirigido por Mário de Andrade, propus uma pesquisa de resgate de sua história em um *Projeto Memória*.

Esse projeto tinha propósito porque a Biblioteca, desde a sua origem, possuía um acervo de documentos preservados por uma antiga diretora. Ocorre que tais documentos estavam desorganizados, guardados em diferentes lugares, soltos e espalhados. Em suma, poucas pessoas haviam se debruçado sobre essa documentação. Considerarei também que a falta desse registro reduziria o que representou esta biblioteca, pela perda de referências passadas, no que concerne ao seu significado e trajetória.

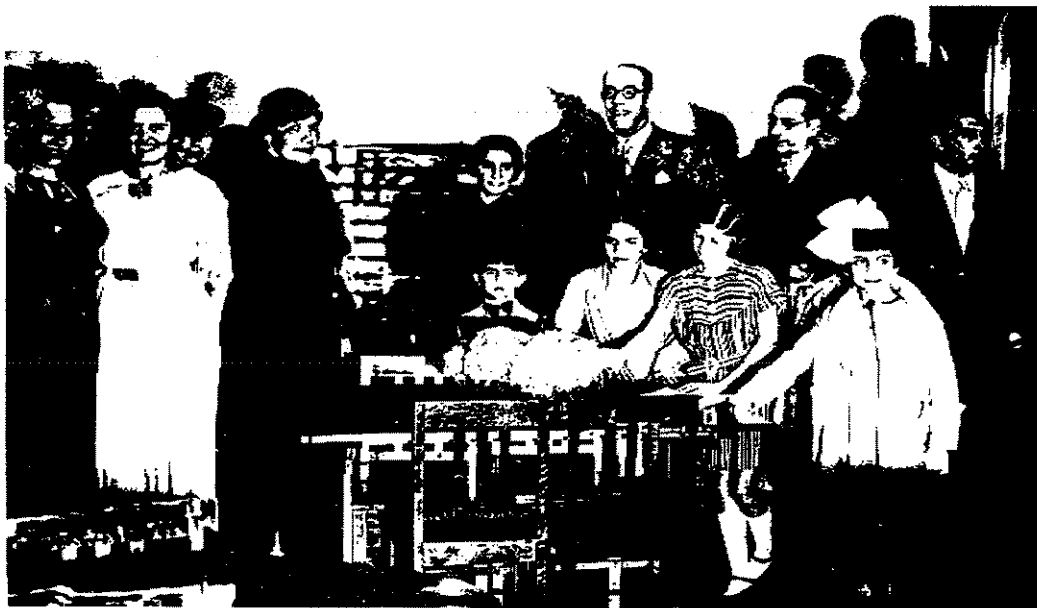
Inaugurada em 14 de abril de 1936, a Biblioteca compunha o projeto de criação do Departamento de Cultura de São Paulo, marco cultural da década de 30 e foi orientada para proporcionar alternativas de modo a complementar o que era oferecido pelas escolas de educação oficial, acompanhando os novos métodos pedagógicos recomendados para a educação da criança. A idéia de uma Biblioteca infantil, na época, estava reduzida a algumas poucas escolas, como a do Instituto Caetano de Campos, por exemplo.¹

¹ Criada em 1925, a Biblioteca Infantil da escola primária do Instituto Caetano de Campos sofreu várias interrupções, retomando suas atividades em 1933. Cf. Ana Regina PINHEIRO (2000), dissertação de mestrado que traz o histórico dessa biblioteca.

A Biblioteca Infantil tinha um projeto considerado de vanguarda, o de ser um centro de cultura em torno do livro e da leitura, como confirmam suas primeiras atividades: sessão de cinema “sonoro”, exposição de selos e moedas, concurso infantil de pintura, hora do conto e um jornal feito pelas crianças. Foi também o embrião de outras bibliotecas infantis, tanto na cidade como no estado de São Paulo e em outras capitais do país, tamanha a repercussão de sua criação e seu funcionamento.

Há várias matérias na grande imprensa da época a respeito da Biblioteca Infantil, as quais relacionarei no decorrer da descrição de sua trajetória na forma literal em que foram escritas. O *Diário da Noite* de 15 de abril de 1936, entre outros jornais, destaca como manchete a criação da Biblioteca:

Inaugurada a Primeira Biblioteca Infantil da Cidade – como decorreu a cerimônia de abertura, ontem, da nova casa de leitura instalada à rua M. Sertório. (Fonte: Pasta de recortes de jornais da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, na Seção de Bibliografia e Documentação).



Fotografia de inauguração da Biblioteca Infantil, em 14 de Abril de 1936. Lenyra Fraccaroli, diretora da Biblioteca, está à esquerda de Mário de Andrade. (Fonte: Arquivo da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato).

A história da Biblioteca confunde-se com a do bairro da Vila Buarque, atual região central da cidade de São Paulo. Neste bairro a Biblioteca ocupou, primeiramente, uma pequena casa na Rua Major Sertório. Contava com uma sala de leitura (livros de ficção e pequena coleção de referência), uma sala de revistas, um salão de festas que servia para as sessões de cinema e uma pequena varanda utilizada como sala de jogos: damas e xadrez.²

A divulgação de suas atividades atraiu crianças e jovens de várias regiões da cidade, chegando a atender mais de quatro mil frequentadores por mês, impondo a necessidade de um espaço mais amplo para o seu funcionamento.

Em 1945 a Biblioteca mudou-se para um casarão situado em uma quadra desapropriada pela prefeitura, no mesmo bairro, o *palácio* do senador Rodolfo Miranda:

Um Antigo Solar Paulistano Servirá de Sede a Primeira Biblioteca Infantil Modelo da Prefeitura - desapropriação do edificio da rua general Jardim, antiga residência do senador Rodolfo Miranda, é uma das manchetes do Diário da Noite de 23/07/1943. (Fonte: Pasta de recortes de jornais da Biblioteca).

Com a ampliação de suas instalações, outras atividades puderam ser organizadas, tais como a Sala Braille, para o atendimento sistemático de crianças com deficiência visual - o que já ocorria, mas sem um espaço específico - e foram iniciados os Congressos de Literatura Infantil e Juvenil, em que crianças e jovens debatiam temas ligados à literatura.³

² Celso Eduardo OHNO, *Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, cronologia resumida*. São Paulo, 1996, (mimeo). Texto arquivado na Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato.

³ Foram realizados seis Congressos de Literatura Infantil e Juvenil, com ampla cobertura da imprensa: I Congresso em São Paulo, 1945; II Congresso, em Belo Horizonte, 1946; III Congresso, no Rio de Janeiro, 1949; IV Congresso, em Recife, 1950; V Congresso, em Salvador, 1951 e finalmente, o VI Congresso, novamente em São Paulo, 1952. Nesse último deliberou-se que o seguinte seria em Curitiba, segundo matéria publicada na *Folha da Noite* em 16 de setembro de 1952, o que não aconteceu. Não há indicadores dos motivos do encerramento desses Congressos na imprensa ou nos arquivos da Biblioteca. Os Congressos tiveram o apoio e participação de escritores e jornalistas como Monteiro Lobato, Vicente Guimarães e Thales de Andrade, entre outros. Os congressistas, jovens de vários estados do país, participavam com *teses* sobre diversos assuntos relacionados à literatura infanto-juvenil. As melhores teses eram premiadas. Há pouco material arquivado sobre esses Congressos: basicamente fotografias, uma boa fonte em recortes de jornais e algumas matérias no jornal *A Voz da Infância*. Nos estados que sediaram esses Congressos, a grande imprensa sempre publicou matérias, participando inclusive com opiniões e críticas a respeito de sua organização. Entre outros jornais: *Jornal de Notícias* (RJ); *Tribuna da Imprensa* (RJ); *Diário Comercio e Indústria* (SP); *A Época* (SP); *Folha da Manhã* (SP); *Folha da Noite* (SP); *O Estado de São Paulo*; *Diário de Notícias* (Ribeirão Preto); *Correio de São Carlos*; *Jornal do Comercio* (Recife); *Diário de Pernambuco*; *A Imprensa*

Com a morte de Monteiro Lobato em 1948, a família doou alguns bens para a Biblioteca, que já havia iniciado um pequeno acervo do escritor, conhecido na época como *Museu da Emilia*.

Na quadra ocupada pela Biblioteca desde 1945, foi construído o prédio atual, com uma área de 2.334 metros quadrados,⁴ especialmente para o seu funcionamento, inaugurado em 24 de dezembro de 1950. Novas sessões foram iniciadas, como o Teatro Infantil, Sala de Arte, Discoteca, passando a ser considerada a Biblioteca infantil central, a partir de uma rede distrital que se ampliaria na década de 50. Manchetes de dois, dentre outros jornais sobre esse novo prédio:

Será Inaugurada na Véspera de Natal a maior Biblioteca Infantil da América do Sul – concluídas as obras do prédio, na rua general jardim. (Folha da Noite de 08/11/1950).

Está o Brasil em Primeiro Lugar no Mundo na Organização de Bibliotecas Infantis – o que há na Europa são salas anexas às escolas. (Diário de São Paulo de 02/12/1952). (Fonte: Pasta de recortes de jornais da Biblioteca).

Em 1955, o nome "Monteiro Lobato" foi dado à Biblioteca, em homenagem ao escritor.

Desde a sua criação, em 1936, a Biblioteca Infantil Municipal teve como diretora Lenyra de Arruda Camargo Fraccaroli (1906-1991), até que se aposentasse, em 1960. Durante esse período de 24 anos à frente da biblioteca, Dona Lenyra, como era conhecida, preocupou-se em guardar toda a documentação que envolvia a Biblioteca, além da administrativa, reunindo um acervo rico em informações para pesquisadores.

Sobre essa diretora vale comentar sua participação na difusão de várias bibliotecas infantis no Estado de São Paulo e no Brasil, como a instalação da Biblioteca Infantil de Salvador, Bahia, em 1950, cuja proposta de criação apresentada a Anísio Teixeira, então secretário de Educação e Saúde desse Estado, foi antes enviada para apreciação à Lenyra

(Salvador); *A Tarde* (Salvador); *O Estado da Bahia*; *Diário de Minas* etc. (Fonte: Pasta de recortes de jornais da Biblioteca da Seção de Bibliografia e Documentação).

Ver KATZENTEIN, B. As relações humanas num Congresso Infante Juvenil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* n. 30 de set./out., 1947, que traz um artigo descrevendo algumas impressões sobre o II Congresso de Belo Horizonte.

⁴ Projeto do arquiteto Willian Hentz Gorham, da Divisão de Arquitetura da Prefeitura Municipal de S. Paulo.

por Denise Tavares, sua primeira diretora.⁵ Nas correspondências arquivadas, inúmeras cartas solicitavam orientação para a organização de bibliotecas infantis, desde o espaço, móveis adequados, acervo etc., a pareceres sobre algum livro de literatura infantil. Na expansão das bibliotecas infantis pela cidade de São Paulo, a partir de 1946 e principalmente nos anos 50, Lenyra Fraccaroli, acumulando o cargo de chefe da Divisão de Bibliotecas Infanto-Juvenis, teve a função de ver o terreno, o bairro de localização, como também participar da organização das primeiras bibliotecas instaladas.

É de sua autoria a publicação, em 1953, da *Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil em Língua Portuguesa*.⁶

Após sua aposentadoria, Lenyra afastou-se da direção da biblioteca, mas seguiu participando de atividades voltadas à literatura infantil com a criação da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil em 1978, da qual foi presidente de honra.⁷

No seu afastamento da Biblioteca, no início da década de 60, Lenyra, não se sabe ao certo por qual razão, levou para a sua casa toda a documentação que havia acumulado desde 1936. Talvez desconfiasse que não seria dada a importância devida aos documentos tão bem guardados por ela. Em 1985, esse acervo foi doado por Lenyra para a Biblioteca, acrescido de alguns documentos pessoais, conforme termo de doação, com a presença de então secretário da Cultura do município, Gianfrancesco Guarnieri.⁸

Com a sua morte, em uma cerimônia que contou com a presença de sua filha Dulce, Lenyra foi homenageada com uma sala em seu nome na Biblioteca, onde funciona

⁵ Nos arquivos da Biblioteca encontra-se uma correspondência entre as duas diretoras.

Cf. BORTOLINI, S. *A Leitura literária nas Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) UNESP de Marília, 2001. Esse trabalho traz uma análise das ações atuais, quanto à promoção da leitura, nessas duas bibliotecas.

⁶ Essa Bibliografia, a primeira publicada no Brasil, tinha o objetivo de servir de obra de referência para os catalogadores das bibliotecas infantis e escolares, conforme a apresentação da autora. Organizada por ordem alfabética pelo sobrenome dos autores, incluiu livros infantis publicados no Brasil e alguns, em Portugal. A bibliografia em questão levantou 1843 títulos, trazendo como referências, o número de páginas; se havia ilustração; o tamanho do livro em centímetros; um rápido resumo do conteúdo, com duas ou três linhas; a determinação da faixa etária adequada, dividida de dois em dois anos e o preço.

⁷ Registrada em 26/08/1978, sob sua presidência, essa Academia tinha a finalidade de promover a literatura infantil e incentivar a criação de salas de leitura nos municípios. Em 1979 organizou o curso de Literatura Infantil e Formação de Salas de Leitura. Não tenho informações das atividades atuais dessa Academia, como também de sua extinção. O arquivo da Biblioteca tem pouco material sobre o assunto.

⁸ A cópia desse termo, nos arquivos da Biblioteca, não está assinada.

atualmente a Seção de Bibliografia e Documentação, acervo de literatura infantil e juvenil para pesquisadores. Há uma Biblioteca infanto-juvenil na Vila Manchester, região norte da cidade de São Paulo, que leva seu nome, como também uma na cidade de Rio Claro, inaugurada em 1981.

Essa documentação preservada, conhecida na Biblioteca como *Acervo Lenyra*, nos surpreendeu, mesmo levando-se em conta a conotação de um arquivo construído conforme os desígnios de uma pessoa, na seleção particular do que deve ser lembrado e documentado. A própria iniciativa de guarda dessa documentação destoou do que acontecia e ainda acontece quanto à preservação de documentos, que são fontes de pesquisa importantes para a historiografia em geral. No Brasil ainda lidamos com problemas em relação às fontes documentais por não serem preservadas, porque se perdem, são destruídas ou deterioradas pelas condições de guarda. Quem trabalha com o levantamento de fontes para a pesquisa e reconstituição histórica conhece as dificuldades encontradas quanto à preservação, ao acesso e à disponibilidade dos acervos.

Destaco uma rápida descrição desse material organizado por Lenyra: cinco álbuns de fotografias, indicados como *Documentário fotográfico das Bibliotecas*, desde 1925 até a década de 50, com 700 fotos;⁹ sete álbuns de recortes de jornais, a maioria da grande imprensa, de 1924 até 1960, em que há artigos descrevendo as primeiras atividades da Biblioteca e sua trajetória, a atuação de Lenyra Fraccaroli frente à sua direção e a criação de outras bibliotecas ramais, artigos destacando a realização de Congressos de Literatura Infantil e Juvenil, artigos sobre Monteiro Lobato, artigos de políticos, artigos quanto à carreira de bibliotecário etc.

Quanto às correspondências, são nove álbuns entre correspondências recebidas e enviadas, desde 1936 e mais sete álbuns, em que se confundem correspondências e recortes de jornais. Deste material, muitas cartas foram retiradas, o que se percebeu pelas folhas rasuradas nos álbuns (as cartas eram coladas ou grampeadas e as folhas numeradas). Mesmo assim, encontram-se cartas de Mário de Andrade e de políticos, como Jânio Quadros e Adhemar de Barros, correspondências de outros países da América Latina, bem

⁹ Essas fotos datam de 1925 e estavam coladas ou grampeadas. Os álbuns foram remontados e para resguardar as fotografias foram confeccionadas, à mão, mais ou menos 3.500 cantoneiras, por falta de material e respaldo institucional em relação ao trabalho de organização desse acervo. Foram montados também outros álbuns, com fotografias mais recentes.

como de outros estados brasileiros pedindo orientação para a montagem e organização de bibliotecas infantis, solicitação de livros etc. Há também material sobre Biblioteconomia, sobre o funcionamento e organização de bibliotecas e outros.

Nesse amplo acervo, encontrava-se o jornal *A Voz da Infância*, objeto de pesquisa deste trabalho, encadernado e guardado em um armário na sala da diretoria da Biblioteca. Criado em julho de 1936, com tiragem mensal, foi editado ininterruptamente pelas crianças e jovens que freqüentaram a Biblioteca, até dezembro de 1948. Entre 1949 e 1951 não há exemplares, voltando a ser publicado em 1952 e as matérias indicam que o jornal parou de circular nos anos anteriores por falta de papel, de colaboradores e a mudança da biblioteca em 1950, para um outro prédio. Existem alguns exemplares de 1952 até 1956, totalizando 159 números. Depois, o jornal perdeu sua periodicidade, como também o perfil dos primeiros tempos. Qualquer publicação em que havia a participação dos freqüentadores ou funcionários das bibliotecas infanto-juvenis levou o nome de *A Voz da Infância*, em uma tentativa de continuar a dar importância a um jornal, que na época de sua criação, chamou a atenção até da grande imprensa local, como comprovam os recortes de jornais arquivados e as correspondências que o mencionam. Mas foram esporádicos e com pouca continuidade.

O *Projeto Memória*, de resgate da história da Biblioteca, durou dois anos: 1995 e 1996 e, com a participação de um outro funcionário, o arquiteto Celso Eduardo Ohno, compilamos, sistematizamos e organizamos esse acervo para futuros pesquisadores. Junto à *Agenda Cultural*, publicação mensal, na época, da Secretaria da Cultura sobre eventos promovidos pela Prefeitura de São Paulo, divulgamos esse material e conseguimos que alguns ex-freqüentadores da Biblioteca retornassem à biblioteca, atraídos principalmente pelos álbuns de fotografias, como também pesquisadores interessados em algum recorte do material organizado.

Nosso trabalho serviu de apoio a atividades da Biblioteca durante estes dois anos. O acervo esteve à disposição de um grupo de teatro de jovens que encenou parte da história da Biblioteca o que resultou na vinda, para uma palestra, de Iacov Hillel, hoje um renomado diretor de teatro e ex-diretor da Escola de Arte Dramática da Faculdade de Comunicações da USP, que iniciou sua carreira teatral na biblioteca com um grupo de teatro nos anos 60. Contribuiu também para a organização de uma associação de moradores do bairro da Vila Buarque, onde a Biblioteca se encontra desde a sua origem, iniciando-se o

“Núcleo dos Amigos da Praça Rotary”, entidade ainda atuante e que conseguiu resgatar a praça que sedia a Biblioteca para o seu lazer. A partir dessa documentação foram feitas algumas exposições na Biblioteca, a mais significativa quando dos 60 anos de sua criação, em abril de 1996.¹⁰ Não fomos adiante em relação a alguma publicação que pudesse divulgar o acervo organizado ou o histórico e trajetória da Biblioteca e, com isso, encerramos o trabalho. Atualmente, esse acervo está disponível na seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato.

Depois dos anos 50 a Biblioteca não registrou ou resguardou, de forma sistemática, suas atividades, provavelmente pela saída de Lenyra, uma das responsáveis pela guarda dessa documentação. Os registros são esparsos. Não há uma política ou hábito de se preservarem documentos nos órgãos públicos, a não ser os administrativos. A direção da Biblioteca, a partir da aposentadoria dessa diretora em 1960, se alternou, de acordo com as mudanças no poder municipal, que acontecem de quatro em quatro anos e nem sempre dão continuidade aos trabalhos de administrações passadas. A permanência de Lenyra durante tanto tempo, sem dúvida personalizou sua gestão, mas também garantiu a continuidade de projetos e, com isso, o envolvimento de funcionários.

Algumas atividades posteriores desenvolvidas na Biblioteca deixaram registro, pela longa duração ou por terem se destacado. Entre elas, a Academia Juvenil de Letras, fundada em 19 de dezembro de 1968, que funcionou na Biblioteca até 1983, quando mudou a sua denominação para Academia Juvenil de Artes, existindo até 1986. Foi iniciada por Magdalena Carneiro Maia, funcionária da Biblioteca, responsável pela sala de leitura e tinha como objetivo estimular a produção literária dos frequentadores que não podiam, pela idade, frequentar a sala de leitura da Biblioteca.¹¹ Essa Academia era regida por estatutos nos moldes da Academia Paulista de Letras e composta por 40 membros, sendo seu presidente honorário Cassiano Ricardo. Com reuniões semanais, a Academia produziu uma revista trimestral, *A Chama Acadêmica*, publicada pela biblioteca, com trabalhos elaborados pelos acadêmicos na forma de poesias, ficção e ensaios. Há também um acervo de livros em geral não catalogado. Todo esse material encontra-se em parte organizado,

¹⁰ Exposição *60 anos de Memória*, com módulos divididos em períodos, desde os anos 30, sobre a trajetória da Biblioteca.

¹¹ A Sala de Leitura tinha um acervo voltado para o público infantil.

com dezoito caixas-arquivo e dois álbuns de fotografias de 1968 a 1986 e ainda não foi pesquisado.

Outra atividade que deixou registro foi o TIMOL (Teatro Infantil Monteiro Lobato), produzido pelos jovens frequentadores da Biblioteca. Com a peça *O Museu da Emilia*, estreou em 1965 no Teatro Leopoldo Fróes,¹² na praça da Biblioteca, tendo a frente Iacov Hillel, hoje um conhecido diretor de teatro. O TIMOL encenou mais do que 50 peças, chegando a ser premiado e contou sempre com a participação dos jovens e o envolvimento dos funcionários da biblioteca. Em meados dos anos 80, o grupo se desfez. Qualquer grupo ou oficina de teatro oferecida pela Biblioteca tenta retomar o nome TIMOL, mas, da mesma forma que o jornal *A Voz da Infância*, não tem havido continuidade. Desse grupo de teatro a Biblioteca tem uma caixa-arquivo, três pastas e quatro álbuns, com 233 fotografias. A maioria do material se perdeu.

Muitas das atividades, pelos registros, dependeram da participação e empenho direto de funcionários da Biblioteca. É o caso do jornal *A Voz da Infância*, do TIMOL, da Academia Juvenil de Letras e do Acervo Monteiro Lobato, entre outros.

Atualmente, a Biblioteca perdeu o seu perfil inicial de centro de cultura e está mais voltada para a função de empréstimo e consultas de livros, revistas e jornais, sendo muito usada para tarefas escolares por estudantes das escolas públicas do entorno, que são inúmeras, mantendo um espaço de teatro e algumas atividades, como sessões de vídeo e sala de leitura, entre outras. O espaço da Biblioteca é ocupado com projetos de acordo com as prioridades e políticas culturais das várias gestões municipais.

A seção de Bibliografia e Documentação, que leva o nome de *Sala de Documentação Lenyra C. Fraccaroli*, é muito procurada por pesquisadores, com um acervo

¹² O Teatro *Leopoldo Froes* foi construído na década de 50, na mesma praça da Biblioteca, para a montagem de peças infantis. Com a falta de teatros na cidade de São Paulo foi utilizado para apresentação de peças teatrais em geral. Em 1973, após vários problemas na sua estrutura, o teatro foi demolido para dar lugar a um Centro de Arte na gestão do prefeito Paulo Egidio. O projeto nunca foi começado. A respeito, no jornal *Folha de São Paulo* de 16 de junho de 1973, com um desenho do projeto do Centro de Arte, lê-se a seguinte matéria: *Teatro Leopoldo Froes cai, surge o Centro de Arte*. (Fonte: Álbum de recortes de jornais do arquivo da Biblioteca).

Leopoldo Froes (1882-1932) foi ator teatral e grande incentivador do teatro nacional. Cf. PRADO, D. de A. Teatro: 1930-1980 (ensaio de interpretação). In: HOLANDA, S. B. (Dir.) *O Brasil Republicano: Economia e Cultura* (1930-1964). RJ. Bertrand Brasil. 1995. v. 4. p. 527-531. (Col. História Geral da Civilização Brasileira).

de algumas obras raras do século XIX, livros de literatura infantil desde a década de 10 do século XX, obras de literatura infanto-juvenil estrangeiras, teses e revistas sobre literatura infantil e juvenil, *Coleção Revista Tico-Tico* e o *Acervo Monteiro Lobato*.¹³

Sobre o Acervo Monteiro Lobato é importante uma apresentação. Iniciado nos anos 30 com figuras de personagens infantis doados por Lobato e doações da família do escritor em 1948, esse acervo contém toda a obra de Lobato: as primeiras edições dos livros de literatura infantil, seus ilustradores, traduções, adaptações, documentos pessoais, farta correspondência, homenagens, artigos sobre o autor e sua obra, artigos escritos por Lobato em vários periódicos desde o início do século XX, livros e teses sobre Lobato, fotografias e alguns pertences seus em uma vitrine em exposição. São 3028 documentos abrangendo os vários aspectos da vida do autor e de sua obra. O acervo Lobato ou Museu, como é chamado, nunca conseguiu ser institucionalizado, nem como uma seção da Biblioteca. A tentativa de formar-se uma Associação dos Amigos do Museu, buscando recursos na iniciativa privada, não se consolidou, nos anos 90, por falta de respaldo institucional.¹⁴ A Biblioteca já informatizou esse acervo.

Outro exemplo de envolvimento pessoal de funcionários: Hilda Junqueira Villela Merz, pesquisadora apaixonada por Monteiro Lobato, contratada pela prefeitura por “notório saber” em 1982, esteve durante 16 anos à frente do *Acervo Lobato* na Biblioteca, pesquisando por conta própria no jornal *O Estado de São Paulo* e em outras fontes, complementando um acervo para pesquisadores. É indicada como especialista em Lobato, sendo que a maioria das obras a respeito do autor conta com a sua participação, mesmo que nem sempre os créditos a contemplem. Após completar 75 anos, em 1998, Dona Hilda, como é chamada, aposentou-se, mas continua suas pesquisas sobre Monteiro Lobato, atende pesquisadores e não perdeu seu vínculo com a Biblioteca, onde, sistematicamente, passa algumas manhãs.

¹³ Trabalho não publicado, elaborado pela bibliotecária Jacira Rodrigues Garcia da Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, em setembro de 1993 e arquivado na Biblioteca, contendo um resumo do acervo disponível para pesquisadores.

¹⁴ Na época do Projeto Memória (1995-1996), tive informações de que a família de Monteiro Lobato não se dispunha a doar para a Biblioteca o restante do material do escritor, por não achar esse espaço o mais adequado. Provavelmente, o material seria doado para uma Universidade. Em dezembro de 2001, a família do escritor doou em comodato para o Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio - CEDAE, vinculado ao Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, um acervo que ainda mantinha em seu poder. Após cinco anos, se os entendimentos continuarem, o material fica em definitivo para a Instituição.

A Biblioteca tem um espaço privilegiado. É uma construção da década de 50, com salas amplas, um andar superior e está instalada em uma praça. Esteve fechada durante um ano por problemas no prédio, sendo reaberta em abril de 2001.

Objetivos e organização da pesquisa

A proposta central deste trabalho é a análise do jornal *A Voz da Infância* (que tratarei por *A Voz*), com 159 números, escrito por 368 crianças e jovens de 11 a 16 anos, publicado desde julho de 1936 até o início dos anos 50 e produzido na Biblioteca Infantil Municipal de São Paulo, atual Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato.

Fonte primária de pesquisa por se tratar de um documento impresso original e ainda não analisado,¹⁵ esse jornal, pelo seu conteúdo e duração, traz várias possibilidades de abordagem e, de uma forma geral, é representativo de um projeto educacional desenvolvido por uma instituição educativa, a Biblioteca Infantil Municipal, nas décadas de 30 e 40, na cidade de São Paulo e pode ser considerado um documento que expõe valores presentes na sociedade naquele momento, contribuindo para o entendimento de um período da história já contemplado por estudiosos, notadamente da educação.

O jornal denominava-se *Órgão divulgador da Biblioteca* e com isso traz escritos com dados sobre o funcionamento dessa Biblioteca, destacando as atividades desenvolvidas no seu espaço como as datas comemorativas, a prática da leitura, as visitas *ilustres*, os concursos e premiações e uma estatística mensal de livros mais lidos e os mais retirados; entre sessões literárias, matérias sobre fatos e personagens da história do país, sobre personalidades do momento e outras. O conteúdo do *A Voz* é demonstrativo, principalmente

¹⁵ As fontes de pesquisas para a História e as discussões em torno da especificidade desses documentos fazem parte do estudo de José Honório RODRIGUES (1969, p.143), que sobre os instrumentos dos trabalhos históricos nos informa: *De modo simples, pode-se dizer que fonte primordial é aquela que contém uma informação de testemunha direta dos fatos, enquanto que a secundária é a que contém uma informação colhida por intermédio de terceiros. A primeira é original e a segunda é derivada. Uma mesma fonte pode ser primária em certos pontos e secundária em outros, completa este autor.*

Várias áreas do conhecimento colaboraram para a guarda e preservação de documentos e fontes de pesquisa: a arquivologia, a biblioteconomia e a arqueologia. Atualmente, novas tecnologias são utilizadas. Cf. FARIA, L. M. (Org.) *Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias: questões para a história da educação*. Campinas, Autores Associados, 2000.

do que a educação escolar desenvolvia como programa, por ser essa instituição, o meio mais acessível de informação dessas crianças e jovens na época, como também dos objetivos de um projeto de complementação escolar desenvolvido pela Biblioteca Infantil Municipal, através da atividade do jornal.

Para a análise do jornal busquei conhecer algumas de suas características, como também uma forma de abordagem de seus escritos. Uma das questões que se apresentou foi identificar seus colaboradores e concluí, a partir de alguns dados, que as crianças e jovens que produziram o jornal eram majoritariamente das camadas médias urbanas da população, como será apontado no decorrer do trabalho, na apresentação do perfil dos frequentadores da Biblioteca.

Uma outra questão sobre a análise do jornal foi como abordar esses *escritores* a partir do que escreveram. O risco de uma análise desse tipo, ou seja, de impor a crianças e jovens a responsabilidade por escritos e termos usados nas matérias do jornal me provocou uma certa intranquilidade. Nos vários momentos de construção deste trabalho, senti-me pouco à vontade para admitir que determinados valores e idéias presentes no jornal seriam impingidos a pessoas com idade em formação e talvez com pouca clareza do significado mais amplo dos seus escritos. Considerei, então, que somente um rigor metodológico poderia resolver esse impasse e, a partir dessa constatação, defini que pela idade dos participantes e por ser um jornal produzido dentro de uma instituição pública com um perfil educativo, os seus escritos reproduziram idéias e valores presentes na sociedade do momento. Sempre a partir do jornal, a abrangência da análise irá considerar as crianças e os jovens como reprodutores, através dos seus escritos, de pontos de vista presentes na sociedade mais ampla.

Ainda em relação ao método, uma outra questão se apresentou: perante uma fonte de pesquisa com tantas possibilidades, quais assuntos e matérias privilegiar para viabilizar uma análise que permitisse caracterizar o jornal de forma abrangente? Por que a escolha de determinados temas para a análise e não outros? Na proposta deste trabalho a relação entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa envolve um comprometimento a partir da formação do pesquisador e do seu olhar frente ao que está analisando, sem perder de vista a especificidade do objeto. Com isso, um dos critérios utilizados na escolha dos temas, a serem analisados no jornal, foi à frequência com que se apresentaram e outro, que

trouxessem conteúdos representativos sobre a organização social do país, com o intuito de apreender alguns valores associados ao processo de desenvolvimento urbano-industrial nos anos 30 e 40, momento da produção do jornal.

Essa representação será entendida a partir de um contexto, como interpretação do real produzido pelos sujeitos sociais. Na *Ideologia Alemã*, Marx (1976, p. 25) situa que *a produção de idéias, de representações e da consciência está em primeiro lugar diretamente e intimamente ligada à atividade material.*

E finalmente, foi uma preocupação, no decorrer desta pesquisa, constatar como uma fonte documental única, o jornal, poderia ser expressão de conteúdos mais amplos. Para avançar nessa questão considerarei que a produção teórica em geral e a produção histórica em particular devem atentar para o rigor do método de análise, no sentido de abranger as relações possíveis e assim, indico, como ponto de partida para o desenvolvimento deste trabalho, que analisarei conteúdos que expressam idéias e que as idéias são expressão das relações materiais de existência e da forma como se organizam essas relações.

Ainda na *Ideologia Alemã*, na formulação sobre a produção de idéias e de representações, Marx (1976, p.25) indica,

São os homens que produzem as suas representações, as suas idéias, etc., mas os homens reais, atuantes e tais como foram condicionados por um determinado desenvolvimento das suas forças produtivas e do modo de relações que lhes corresponde, incluindo até as formas mais amplas que estas possam tomar.

A análise do jornal *A Voz* pode colaborar para o entendimento de algumas concepções presentes nas décadas de 30 e 40, no processo de reorganização das forças sociais no país, considerando que nessas décadas houve o encaminhamento de um projeto de industrialização e a expansão das diversas camadas sociais. Um dos objetivos dessa análise é dar conta das matérias que de alguma forma tragam conteúdos referentes a aspectos sociais do país e, da sociedade paulistana, por ser um jornal local, produzido em São Paulo. Nesse sentido, foram privilegiados conteúdos que versam sobre São Paulo e também sobre a composição da sociedade brasileira.

A proposta principal deste trabalho é verificar que as idéias reproduzidas no jornal demonstraram um ideal de desenvolvimento social nas décadas de 30 e 40, em um

momento de expansão dos diversos setores que compunham a sociedade brasileira e, com isso, seu conteúdo poderá ser explicativo de processos históricos posteriores, considerando que uma geração¹⁶ estava representada no jornal através de um projeto educativo, como também que os escritos apontam para uma certa modernidade, através de aspectos de uma cultura urbana e de um plano de desenvolvimento industrial, em que a educação escolar teve um papel fundamental na inserção dos diversos setores sociais.

O jornal *A Voz* será analisado como uma atividade vinculada a um projeto educacional mais amplo dentro de uma instituição pública; como representativo de idéias e valores presentes naquele momento, construídos a partir de um contexto, das referências do país, da posição de São Paulo nesse contexto e como manifestação de um modo de vida, através da forma de expressão do jornal: suas propagandas, a importância da palavra escrita, a importância do livro e aspectos de São Paulo da época, através das crônicas sobre a cidade, suas ruas e praças.

Considerarei mais adequado para os objetivos desse trabalho analisar todos os números do jornal e não uma amostra, como também não personalizar suas matérias, que eram assinadas, com a idade de seus colaboradores. Os conteúdos transcritos virão acompanhados do número do jornal, data de sua publicação e idade do colaborador. Os textos das crianças e jovens serão respeitados, mesmo que essa transcrição indique inadequações na escrita e não observação de atuais regras gramaticais da língua portuguesa.

A utilização desse jornal tem também a intenção de apresentá-lo e preservá-lo, já que seus originais foram tombados recentemente pela Biblioteca e podem constituir fonte para outras pesquisas.¹⁷

Na organização deste trabalho indico, no primeiro capítulo, a especificidade do jornal *A Voz*. Como demonstrativo dos aspectos do jornal, disponho uma base de dados sobre o jornal e seus colaboradores. Assim, na primeira parte apresento dados sobre seus participantes, suas sessões e conteúdos mais significativos. Relato também a organização e funcionamento do jornal a partir dos arquivos pesquisados. Ainda nesse capítulo trago

¹⁶ Para este trabalho vou considerar geração um conjunto de pessoas que tem aproximadamente a mesma idade, característica dos que escreveram para o *A Voz*.

¹⁷ Todos os números do jornal se encontram na Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, como também o acervo descrito sobre a Biblioteca. Um exemplar do jornal *A Voz* está reproduzido no Anexo I.

algumas pesquisas realizadas na década de 30, dentre elas a que indica a origem sócio-econômica dos freqüentadores da Biblioteca.

No segundo capítulo, para resgatar a proposta de educação da Biblioteca Infantil Municipal, desde o seu início, em 1936, descrevo alguns aspectos sobre o Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, dirigido por Mário de Andrade, projeto cultural que englobou a Biblioteca e já indicava um jornal das crianças no Ato n. 861¹⁸ de sua criação. Não me estendo sobre esse Departamento pela quantidade de trabalhos que tratam desta questão, trabalhos que aponto, traçando apenas algumas linhas gerais.

Sobre a Biblioteca Infantil Municipal, a partir de um artigo de sua diretora publicado em 1940, na *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, destaco seus objetivos como instituição educativa, sua organização e o que oferecia para as crianças e os jovens, mostrando que as práticas desenvolvidas na Biblioteca foram representativas das propostas da *nova educação*.

Indico no terceiro capítulo alguns aspectos urbanos da cidade de São Paulo e seu ideal de progresso, como também a *vocação paulistana* presente no jornal, que foi produzido em um momento de crise da hegemonia paulista, com os acontecimentos da década de 30 e também de expansão urbana da cidade de São Paulo.

No quarto capítulo abordo temas que apresentam conteúdos representativos sobre a organização social do país, tendo também como critério a freqüência com que apareceram no jornal. Os temas escolhidos expõem as diferenças entre as classes sociais, a educação escolar como instrumento de promoção social e o culto à pátria e à nação enquanto prática educativa.

¹⁸ Ato n. 861, de 30 de maio de 1935, que criou o Departamento de Cultura da cidade de São Paulo. A *Revista do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo*, n. 12, de maio de 1935, traz a íntegra dessa lei.

CAPÍTULO I

JORNAL COMO FONTE DE PESQUISA

Um acontecimento importante. Fundou-se um jornalzinho na Biblioteca, "A Voz da Infância". Dirigido e feito por crianças, ele representará algo para a instrução e aperfeiçoamento de todos os freqüentadores. Mimiografado, só traz colaborações de crianças. Desenhos, contos, cartas enigmáticas, composições, poesias, etc. (A Voz, n. 34, abr. 1939, 15 anos).

A especificidade do jornal *A Voz da Infância*

Os periódicos, assim chamados por terem alguma regularidade, diária, semanal, mensal e assim por diante, diferem entre si por suas particularidades, objetivos, representações, duração, público alvo etc., mas apresentam, de alguma forma, um registro vinculado a essas especificidades e são demonstrativos de uma época. Fonte primária de investigação, o jornal não traduz o longo alcance, mas o acontecimento presente, o cotidiano e, de uma forma geral, pode ser utilizado como documento de pesquisa para a reconstituição histórica.

Os jornais informativos são descartáveis em um curto espaço de tempo porque substituíveis, mas como fonte de pesquisa trazem uma densidade no registro dos acontecimentos, já que valores e idéias se encontram representados em seus conteúdos e contribuem para o resgate da história. Os periódicos são significativos na reconstrução de

um tempo passado, tanto em relação aos fatos relatados, quanto à concepção transmitida a partir desses fatos.

Como meio de comunicação o jornal é uma manifestação urbana porque depende de um público letrado, consumidor de bens culturais impressos e informativos, de alguma liberdade de opinar e de espaços para a sua divulgação e distribuição, características do desenvolvimento de um mercado consumidor que se originou nas cidades.

Ciro Marcondes (1989, p. 58) assinala a imprensa como produto do desenvolvimento das forças produtivas, fundamentalmente da época burguesa, [...] *o jornal surgiu das necessidades do comércio mundial no começo dos tempos modernos; o cálculo capitalista necessitava de um fluxo de informações controlável, regulável e acessível em geral.*

Valorizados por documentarem o passado com textos e imagens, os periódicos foram objeto de vários trabalhos, vinculando-os às idéias transmitidas, ao que essas idéias representaram, a grupos, a classes, a interesses e à identificação de seus objetivos, desde a sua origem, dependendo de seu grau de abrangência e de interferência como formador de opinião. O jornal *O Estado de São Paulo*, entre outros, é exemplo de jornal com uma trajetória densa, vinculada à organização política de São Paulo e do país em várias épocas e muito procurado como fonte de pesquisa.¹

A representatividade de um jornal como fonte de pesquisa ou sua utilização como fonte documental para a história e a história da educação deve considerar alguns fatores: o contexto em que foi produzido, sem secundarizar a fonte de pesquisa; a identificação de quem o apresenta, significando de qual segmento social o jornal é porta voz; seus objetivos; o público que quer atingir; qual o seu teor; o momento de sua publicação e duração. Dessa forma, a partir do singular, de um objeto de análise, conseguem-se reconstituir aspectos mais amplos de um período, ultrapassando-se o meramente descritivo e buscando, na interpretação de seus conteúdos, um maior grau de abrangência.

¹ Como exemplo o livro de Maria H. CAPELATO e Maria Ligia PRADO (1980) e também Vavy P. BORGES (1979), que indica as relações de Getúlio Vargas com a oligarquia paulista através das pesquisas nos jornais *Correio Paulistano*, *O Estado de São Paulo* e *Diário Nacional*. Ver SODRE, N. W. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Mauad, 1998, 4ª. ed.. sobre a produção jornalística no Brasil, fruto de uma pesquisa de 30 anos.

Nos trabalhos que utilizam o jornal como fonte de pesquisa para a história da educação há pouca produção sobre jornais infanto-juvenis. Há alguns estudos de análise desse gênero enquanto suplementos da grande imprensa.² No decorrer das décadas de 20 e 30, várias revistas e jornais infantis e juvenis foram editados, alguns escolares. Enumero, entre outros, *O Estimulo*, jornal da Escola Normal do Instituto de Educação Caetano de Campos; *Nosso Esforço*, do curso primário do Instituto de Educação Caetano de Campos;³ *Alvorada*, do Colégio Paulista; *O Liceu*, do Colégio Rio Branco; *O Periquito*, revista infantil; *O Gury*, suplemento das terças feiras do jornal *Diário da Noite*. Esses dois últimos foram mencionados, em forma de propaganda, no *A Voz*. (*A Voz*, n.4, out.1936).

Essas publicações demonstravam a prioridade, na época, da leitura e da palavra escrita e atendiam a uma parcela da população capaz de se exprimir e se entreter através desses meios de comunicação: jornais, almanaques, revistas, etc. A produção do texto impresso voltado à criança e ao jovem, a publicação de livros para esse segmento com a expansão do mercado editorial,⁴ a criação de uma Biblioteca Infantil institucional e em escolas e as reformas de ensino da época, entre outros fatores, são indicativos de uma preocupação com a criança e o acesso à educação: a educação como valor importante para o desenvolvimento e a criança reconhecida como o futuro da nação, personagem a ser educada e ilustrada, atendendo ao próprio processo de crescimento econômico do país.

Nos centros urbanos, como a cidade de São Paulo, esse processo significou maior densidade demográfica, investimentos públicos na urbanização da cidade e projetos

² Cf. ALVES, J. C. *O jornal Infantil: expressão e participação*. Tese (Doutorado em Comunicação), USP, 1993. FARAONE, N. A. *Temas de Cidadania em jornais infantis: um estudo dos suplementos a Gazetinha, Folhinha e Estadinho*. Dissertação (Mestrado em Comunicações), USP, 2001.

³ Esses jornais do Instituto Caetano de Campos são mencionados no trabalho de Maria Cândida Delgado REIS (1993, p.64 e p.119). Sobre o *Nosso Esforço*, Reis indica que *divulgava em suas páginas, trabalhos de alunos, referentes, principalmente, aos temas do civismo, higiene, moral e disciplina. Através dessa publicação mensal, em sua primeira fase, de 36 a 41, é possível conhecer parte da orientação dessa escola, completa a autora*.

A dissertação de mestrado de Ana Regina PINHEIRO (2000), já citada, analisa o jornal “Nosso Esforço”, no período de 1936 a 1939.

⁴ Sergio MICELI, sobre a atuação do mercado de livros, apresenta um quadro da produção de livros segundo o gênero entre 1938 e 1943, em que os livros infantis se encontram abaixo somente dos livros de ficção, didáticos, de direito e de variedades. (1979, p. 81- 82).

culturais tendo em vista uma organização social em mudança, com a crescente emergência das classes médias e das camadas populares.

O jornal *A Voz* é representativo desse momento. O objetivo inicial da atividade do jornal foi manter as crianças e os jovens no espaço da Biblioteca Infantil. Na medida em que transcorreu a produção do jornal, objetivos mais amplos transpareceram em suas matérias. Um projeto educacional foi desenvolvido, indo ao encontro de um determinado segmento – camadas médias em expansão, como será apontado no decorrer deste trabalho. Esse projeto cumpriu a demanda por bens culturais além da educação escolar, com a intenção educativa de promover o exercício da escrita, da leitura e da comunicação.

Gramsci (1968, p.162) aponta alguns aspectos sobre jornal que se identificam com o *A Voz*, principalmente em relação a sua organização e finalidades, já que teve longa duração e se constituiu a partir de um grupo. Como ponto de partida para a produção de um jornal, este autor destaca a necessidade *de um agrupamento cultural (em sentido lato) mais ou menos homogêneo de um certo tipo, de um certo nível e particularmente com uma certa orientação geral.*

Como órgão da Biblioteca Infantil, o jornal *A Voz* constituiu um veículo de expressão de seus colaboradores, representativo de idéias e de um período, através dos temas e dos conteúdos abordados. Foi um jornal mensal, artesanal, o que demandava algum tempo de elaboração, pois era mimeografado, com a participação das crianças e jovens em todas as etapas de sua produção.

Sua circulação era reduzida, 200 números iniciais, com campanhas internas, na Biblioteca, para aumentar a tiragem para 500 exemplares (*A Voz*, n. 16, out. 1937). Não foi um jornal de notícias, informativo de fatos do momento, mas um jornal institucional, com as limitações de um projeto previsto e incentivado por uma instituição pública e escrito por crianças e jovens. Por sua duração e frequência, quase 15 anos e 159 números, o *A Voz* acumulou informações, auxiliando na configuração de uma época, como uma produção em que transparecem algumas idéias, um certo olhar, uma determinada formação, o que a escola desenvolvia como conteúdo, já que essa instituição era um dos meios importantes de informação desses jovens ilustrados e o que reproduziam enquanto valores. Um projeto além da escola circunscrevia todo o processo de produção do jornal. Esses fatores concedem ao *A Voz* um valor documental.

Existem inúmeros trabalhos que contribuem para a história da educação utilizando o jornal como fonte de pesquisa. A maioria desses estudos trata da imprensa pedagógica ou educacional, termos utilizados por Catani (1999) e Bastos (2002), entre outros, significando jornais e revistas especializadas e voltadas para a educação enquanto instituição escolar. Outros trabalhos utilizam a imprensa em geral, buscando, em seu interior, discussões, campanhas e artigos sobre educação para configurar aspectos que contribuam para a história da educação.⁵ O jornal *A Voz* não se enquadra nessa imprensa educacional, mas é revelador de práticas educativas, pois contém uma intencionalidade de formação extra-escolar enquanto atividade da Biblioteca.

Para a periodicidade, organização, divulgação e duração do jornal *A Voz*, foi, sem dúvida, necessária a participação da instituição pública, a Biblioteca. A disciplina, o espaço para a sua produção, o incentivo através de premiações, concursos e o prestígio envolviam a atividade do jornal, configurando um compromisso que ao mesmo tempo aproximava e arregimentava os participantes, também através de sua divulgação nos jornais locais, em outros estados e países da América Latina com que a Biblioteca mantinha contato. Mudavam os colaboradores, mas a formatação e os temas abordados no *A Voz* pouco se modificaram ao longo do tempo de sua produção.

Gramsci (1968, p. 167) em suas notas sobre jornalismo destaca que:

Não pode existir associação permanente, com capacidade de desenvolvimento, que não seja sustentada por determinados princípios éticos, que a própria associação determina para seus componentes singulares, a fim de obter a compacticidade interna e a homogeneidade necessárias para alcançar o objetivo.

O jornal acabou após mais ou menos quinze anos de duração. Segundo Gramsci, as premissas iniciais de um periódico se modificam, se adaptam, porque as finalidades previstas se realizam e essa mesma realização modifica as premissas iniciais. O que não aconteceu com o jornal. Ele cumpriu sua missão e a orientação inicial: foi divulgado, teve certo prestígio dentro do espaço a que se propôs como comprovam sua duração e

⁵ Entre outros trabalhos que indicam a imprensa para a reconstituição da história da educação, verificar CATANI, D. *A imprensa periódica e a História da Educação*. S. Paulo. Escrituras, 1997. Denise B. CATANI e Cynthia SOUZA (Orgs.) (1999) e José C. ARAUJO e Decio GATTI Jr. (Orgs.) (2002).

visibilidade, mas não se adequou às mudanças ocorridas, tais como novos elementos nos meios de comunicação, de apresentação da imprensa escrita e o início de uma indústria cultural no período pós-guerra, que ocorreu nos anos 50, época que representou um ritmo mais acelerado da vida moderna, completando as mudanças em andamento nas décadas anteriores. Essa modernização abrangeu todos os setores da sociedade, se estendendo às manifestações culturais, expandindo os meios de comunicação e atingindo um número cada vez maior de pessoas, principalmente nos centros urbanos, espaço que se antecipa às mudanças. O desenvolvimento dos meios de comunicação de massa – imprensa, rádio, cinema e o surgimento da televisão marca a expansão da circulação de informações.

O jornal não acompanhou essas mudanças, modificando muito pouco sua forma e conteúdo durante os quase quinze anos de existência. Sua edição, como já foi apontado, vai de 1936 até 1948, voltando a ser publicado no período compreendido entre 1952 - 1956, com várias interrupções. O jornal acabou porque continuou com a mesma orientação. A finalidade inicial do jornal, de atrair as crianças e jovens para o espaço da Biblioteca com um projeto participativo não atendeu mais ao momento, não conseguindo envolver seus participantes. Em outubro de 1956, há uma nota no jornal sobre a falta de colaboradores, nota que já se apresentava em números anteriores, demonstrando o desinteresse que acompanhou o fim do jornal.

Informações sobre as crianças e jovens que compuseram o jornal *A Voz da Infância*

1. A origem sócio-econômica

Três meses após a instalação da Biblioteca Infantil em abril de 1936, saiu a primeira edição do jornal *A Voz da Infância*, que no decorrer de mais de uma década de sua duração acolheu vários participantes, já que o limite de idade para freqüentar a Biblioteca era de 16 anos. Em um artigo no qual descreve a Biblioteca Infantil, Lenyra, sua diretora, confirma essa informação:

(A catalogação) passa atualmente por modificações. Terá a mesma orientação da futura Biblioteca Municipal de São Paulo que segue as últimas normas ditadas pela moderna biblioteconomia.[...] Familiarizados com a nossa organização, não encontrariam

*dificuldades quando, forçados a nos abandonar, por ter atingido o limite de idade cronológica admitido, penetrassem no vasto recinto destinado aos espíritos amadurecidos.*⁶

Para melhor caracterizar o jornal, buscou-se identificar a condição sócio-econômica das crianças que freqüentavam a Biblioteca e para tanto foram utilizados dados de uma pesquisa elaborada na década de 30, que usou como critério a metodologia de uma pesquisa anterior promovida pelo Instituto de Educação a respeito da população infantil nas escolas primárias da cidade de São Paulo. A descrição dessas pesquisas nos remete aos primeiros passos da Sociologia no país, nas décadas de 30 e 40.

Com a colaboração do Laboratório de Psicologia do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo e, principalmente, da Escola Livre de Sociologia e Política, ambas criadas nos anos 30, foram desenvolvidas pesquisas, na época, com o objetivo de obter dados sócio-econômicos, demográficos e medir o padrão de vida da população, principalmente de baixa renda, da cidade de São Paulo, a partir da Divisão de Documentação Histórica e Social do Departamento de Cultura.

Sobre essa Divisão vale referir que foi organizada em duas subdivisões: a subdivisão de Documentação Histórica, com a função de reunir, preservar e restaurar a documentação antiga do município de São Paulo, dando origem ao atual Arquivo Histórico Municipal⁷ e a subdivisão de Documentação Social e Estatística que promoveu diversas pesquisas sobre a população de São Paulo nas décadas de 30 e 40, subsidiando, muitas vezes, a ação administrativa da cidade.

⁶ *Revista do Arquivo Municipal*, n. 64, p.295. A Biblioteca mencionada é a atual Mário de Andrade, principal Biblioteca da cidade de São Paulo, inaugurada em 1926.

⁷ O Arquivo Histórico Municipal de São Paulo atualmente é uma Divisão do Departamento de Patrimônio Histórico e pertence à Secretaria Municipal da Cultura, criada em 1975, em uma reforma administrativa do município. Possui documentos sobre a cidade de São Paulo desde o século XVI. Sua institucionalização deu-se em 1907, como uma seção da secretaria geral da Prefeitura. Nesse mesmo ano, toda a documentação administrativa conservada do município foi transferida para a prefeitura. Com a criação do Departamento de Cultura, em 1935, a documentação ficou a cargo da subdivisão de Documentação Histórica. *Foi considerado documento antigo todo aquele existente de 31 anos para trás. Com isso, a documentação recolhida no Arquivo Histórico chega, mais ou menos até 1906.* (Fonte: Guia do Arquivo Municipal, 2000).

A maioria dessas pesquisas envolvia a administração municipal de São Paulo e a Escola Livre de Sociologia e Política, que fornecia a metodologia, a operacionalização e a análise dos dados obtidos e estão publicadas na *Revista do Arquivo Municipal*.⁸ A metodologia usada traduzia uma concepção de Sociologia que teve na Escola de Chicago,⁹ sua maior influência. Criado em 1892, na Universidade de Chicago, o Departamento de Sociologia e Antropologia desta Universidade promoveu uma Sociologia de investigação empírica, principalmente voltada para questões urbanas.

A partir de seu teórico mais influente, Robert E. Park e pelas próprias características da cidade de Chicago, com problemas raciais, larga imigração européia e muita pobreza, considerada um laboratório para sociólogos e antropólogos, desenvolveu-se um tipo de sociologia de interferência, utilizando a coleta de dados e diagnóstico da realidade investigada. A *Escola de Chicago*, como ficou conhecida, teve seu auge na primeira metade do século XX e influenciou o desenvolvimento da Sociologia no Brasil, a partir principalmente da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, que, diferentemente da Universidade de São Paulo, de tradição mais européia, acolheu diversos professores americanos em seus primeiros tempos.¹⁰

O paradigma teórico dessa vertente em Sociologia tem raízes no positivismo. Sebastião Vila Nova (1998) a chama de naturalista-pragmática. Outra denominação seria darwinismo social ou abordagem evolucionista de intervenção no meio social através do planejamento científico, já que as pesquisas em questão tiveram objetivos práticos, de

⁸ A *Revista do Arquivo Municipal*, editada desde junho de 1934, constitui um rico instrumento de pesquisa com a publicação de documentos históricos, pesquisas padrão de vida da cidade de São Paulo, artigos sobre cultura e educação, entre outros. A Biblioteca do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo tem em seu acervo todos os números, de 1934 até 1992, quando sua edição foi interrompida. Um guia-índice sobre o conteúdo da *Revista* foi publicado pelo Arquivo Histórico Municipal em 2002.

⁹ Sobre a Escola de Chicago verificar: Sebastião VILA NOVA (1998) e EUFRASIO, M. E. *E Estrutura urbana e ecologia urbana: a escola sociológica de Chicago*, São Paulo, Ed. 34, 1999.

¹⁰ Sobre o desenvolvimento da Sociologia no Brasil, verificar, CÂNDIDO, A. *Informação sobre a Sociologia em São Paulo*. São Paulo, Anhembi, 1958. CHACON, V. *História das Idéias Sociológicas no Brasil*. São Paulo, USP, 1977. FERNANDES, F. *A Sociologia no Brasil*. Rio e Janeiro, Vozes, 1977.

intervenção. Como bem assinala Octavio Ianni (1988), um mesmo paradigma, em Sociologia, confere *status* a várias teorias.¹¹

Essas pesquisas se basearam em uma tradição empírica de investigação, de valorização do rigor na coleta dos dados, de utilização do método quantitativo de amostra estatística da população; davam ênfase ao micro social, já que a pesquisa de coleta de dados, para ser possível, deve estar circunscrita a alguma localidade ou grupo social e trouxeram contribuições de caráter informativo, sem a preocupação com a compreensão do processo que instaurou a realidade investigada.

Nas décadas de 30 e 40, na cidade de São Paulo, a aplicação de muitas dessas pesquisas objetivaram esquadrihar a cidade, exercer um controle sobre a população de baixa renda e apresentar dados que embasassem políticas públicas e serão retomadas posteriormente. O que apresento a seguir é um perfil dos frequentadores da Biblioteca a partir da descrição das pesquisas sobre a população infantil da cidade de São Paulo na década de 30.

Algumas dessas pesquisas sobre a população infantil de São Paulo utilizaram a amostra estatística, o questionário como instrumento de coleta de dados e a profissão dos pais como medida sócio-econômica.¹² A *Revista do Arquivo Municipal* número 23, de maio de 1936, traz uma pesquisa sobre a origem social das crianças das escolas primárias públicas, sob o título: *Ensaio de um método de investigação do nível social de SP pela distribuição da profissão dos pais dos alunos das escolas primárias públicas*, de 1935. Elaborada pela sub-divisão de Documentação Social, em colaboração com o Laboratório de

¹¹ IANNI (1988, p. 5) destaca três principais matrizes ou princípios explicativos que informam a produção em Sociologia: *causação funcional, conexão de sentido e contradição. Várias tendências, escolas, teorias e interpretações se reduzem, em essência, a essas três polarizações fundamentais*, afirma o autor.

¹² Alguns estudos de Sociologia no início dos anos 60 indicam, na sua metodologia, a ocupação profissional dos chefes das famílias como um recurso empregado na determinação da origem sócio-econômica. Verificar Luis PEREIRA (1963, p. 169-172) *O Magistério primário em uma sociedade de classes*. Segundo o autor, esse procedimento justifica-se porque os chefes de família aparecem *como unidade de consumo ao sistema de produção ao qual se liga diretamente a estrutura de classe*. Porém, os dados recolhidos devem ser explorados de maneira a relacioná-los a outros dados e contextos mais amplos, completa o autor.

Outro trabalho que se destacou nessa época foi o de Marialice M. FORACCHI sobre os estudantes da Universidade de São Paulo, USP. A partir de um formulário preenchido por 377 estudantes, a autora levantou algumas categorias para identificar a origem sócio-econômica desses universitários. Essas categorias foram assim norteadas: estudantes totalmente mantidos pela família; parcialmente mantidos e os estudantes que trabalhavam. Cf. FORACCHI, M. M. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo, Nacional, 1965.

Psicologia Aplicada do Instituto de Educação da USP, essa pesquisa utilizou questionários enviados a diretores de 84 grupos escolares da capital.

A metodologia aplicada considerava a profissão dos pais ou tutores um indicador do nível social das crianças e jovens. Segundo o relato da pesquisa, a eficácia desse método correspondia a relação que há entre nível social e cultural e nível econômico.

No argumento sobre a metodologia utilizada, o texto indica que traços hereditários inatos são influenciados com a cooperação do ambiente.

A moderna genética conclui [...] que traço algum surgiria sem a cooperação do ambiente amplamente considerado. (p.190). [...] na escola, de duas crianças com igual inteligência, aprende mais e mais depressa, sob idênticas condições, a que goza de um ambiente social mais favorecido.(p.191).

Os novos conhecimentos da biologia e da psicologia, relativos à formação humana, reconheceram a importância da influência do meio, questionando as idéias tradicionais sobre hereditariedade.

A pesquisa divide as profissões dos pais em três grandes grupos, de acordo com a média dos salários e o preparo necessário para exercê-las.

Avaliamos na cidade de SP, a média dos salários e o preparo essencial necessário as várias profissões e, nessa base, conseguimos agrupá-las para a nossa análise e interpretação. [...] profissões de baixos salários, não exigindo preparo inicial, ou preparo muito pequeno; profissões de salários médios e que exigem preparo médio inicial – o grupo intermediário; e profissões de salários relativamente elevados, que exigem preparo inicial longo – o grupo das profissões liberais., Ao grupo (O), chamamos operário e aos grupos (B) e (C), não operários (N). (p.192).

A relação das profissões dos pais das crianças está listada no Anexo II.

A partir da análise dos questionários enviados aos diretores dos grupos escolares, o texto concluiu: *Podemos afirmar que a maioria da população das escolas primárias da capital vem de classes operárias (p.194).*

A pesquisa não teve como objetivo avaliar quantas crianças estavam fora dos cursos primários. A conclusão a que chega vem ao encontro do que acontecia na época em relação à educação escolar. Os cursos primários das escolas públicas, mesmo não contemplando a

demanda, eram procurados, principalmente, pelas classes populares. Quanto à continuidade da escolarização, ou seja, o ingresso no ensino secundário, essa população era minoria. Essas questões serão retomadas posteriormente, na discussão sobre o reconhecimento da educação escolar para a promoção social. A intenção aqui é caracterizar a população que freqüentava a Biblioteca e colaborava para o jornal, população que abrangia a idade entre 11 e 16 anos, indicando que cursavam o ensino secundário.

A pesquisa sobre a origem sócio-econômica das crianças que freqüentaram a Biblioteca Infantil está publicada na *Revista do Arquivo* no. 64, de fevereiro de 1940, (p.319) e traz um perfil dos seus freqüentadores. Sob o título *Condições Econômicas dos pais das crianças que freqüentam a Biblioteca Infantil*, a pesquisa, feita em 1938, usou como metodologia informações de 500 crianças matriculadas na Biblioteca e considerou além da profissão dos pais como um indicador de classificação sócio-econômica, também o bairro de moradia da criança. A classificação das profissões foi baseada na pesquisa anteriormente descrita e também realizada pelo Laboratório de Psicologia da Faculdade de Educação, em colaboração com a Subdivisão de Documentação Social e Estatísticas do Departamento de Cultura. As profissões foram assim classificadas:

A (não exigindo preparo inicial e salários baixos)

B (que exigem médio preparo inicial e salários médios)

C (que exigem preparo inicial longo e grupos de profissionais liberais, com salários relativamente elevados).

As profissões foram agrupadas em operárias, assinaladas com a letra A e não operárias, referentes às letras B e C. A pesquisa concluiu, em um primeiro momento que 29% das crianças que freqüentavam a Biblioteca eram de origem operária e 71% de origem não operária.

O cruzamento com os dados do Laboratório de Psicologia que levantou o perfil econômico da população dos bairros da cidade de São Paulo, naquela época, levou a um outro número relatado na pesquisa: 34% de origem operária e 66% de origem não operária.

Parece, portanto, sensato dizer que, dentro dum raio de ação limitado, as crianças de todas as classes procuram a Biblioteca; à medida que o raio de

ação se alarga, ela atinge somente as classes privilegiadas, conclui a pesquisa.

A Biblioteca Infantil sempre ocupou o bairro da Vila Buarque, incrustado entre Santa Cecília e Higienópolis, região aristocrática na década de 30,¹³ atual região central da cidade e foi durante 10 anos a única biblioteca infantil pública de São Paulo. Em 1946 foi inaugurada uma segunda biblioteca infantil no bairro do Itaim e outras na década de 50, distribuindo, assim, esse atendimento para várias regiões da cidade.¹⁴

Nem todas as crianças e jovens que freqüentavam a Biblioteca participaram do *A Voz*, mas a caracterização sócio-econômica indicada a partir das categorias analíticas levantadas pela pesquisa, atinge os seus integrantes.

Outra informação que auxilia na caracterização sócio-econômica de boa parte das crianças e jovens que escreveram para o jornal é a escola que freqüentavam, escolas privadas do entorno da Biblioteca.¹⁵

¹³ Sobre os bairros da cidade de São Paulo, Ernani BRUNO (1954, p. 947) destaca que, *eram principalmente considerados elegantes na primeira parte do século atual (XX) em São Paulo - pelas suas edificações – além do Higienópolis, a Vila Buarque, os Campos Eliseos, [...] mas, sobretudo a avenida Paulista.*

Edgard CARONE (1977, p. 108-109) ilustra também a estratificação social-urbana da cidade de São Paulo, indicando que, *da metade do século XIX à década de 30, podemos distinguir, com certo rigor, os bairros proletários, os das diversas camadas da pequena burguesia, os das camadas das oligarquias rurais (café) e a dos estrangeiros ricos.[...] Perdizes e Santa Cecília são locais de concentração da alta classe média brasileira. (Os bairros) da alta classe média são ocupados por casas que se assemelham aos palacetes, com jardins, grades de ferro e outros elementos demonstrativos do status de classe. Os bairros ricos são mais diferenciados etnicamente: os tradicionais do café são os Campos Eliseos, abertos entre 1870 e 1880, e Higienópolis, entre 1910 e 1920.*

¹⁴ A cidade de São Paulo tem, atualmente, 36 Bibliotecas Infanto-Juvenis municipais. Inúmeros bairros, com o crescimento da cidade, não têm acesso a Bibliotecas.

¹⁵ Em uma pesquisa feita nos arquivos da Biblioteca que resguardou um fichário com dados desde os seus primeiros consulentes, verifiquei, a partir de uma amostragem de 20% das 368 crianças e jovens que escreveram para o jornal, totalizando 78 nomes, em quais escolas estudaram. Esse levantamento percorreu todo o período de duração do jornal. Os dados obtidos informam que escolas como Colégio Rio Branco, Escola Americana, atual Colégio Mackenzie e Colégio Oswaldo Cruz, entre outros, eram as escolas de boa parte dos freqüentadores da Biblioteca. O Colégio Rio Branco foi, muitas vezes, homenageado no jornal.

2. Idade dos participantes do jornal *A Voz da Infância*

Todas as matérias do jornal *A Voz* eram assinadas e incluíam a idade de seus autores. As idades que aparecem com maior frequência são de 12 a 14 anos. A maioria das matérias escolhidas e aproveitadas para a análise proposta neste trabalho foi assinada por crianças e jovens entre 12 e 16 anos. Essa informação merece ser apresentada porque a escola constituiu um importante meio de informação desses participantes e a idade é indicativa do grau de ensino freqüentado, o ensino secundário,¹⁶ o que pode contribuir com alguma informação sobre esses cursos.

Demonstro, abaixo, as idades e a frequência, em número de vezes com que apareceram nas matérias do jornal.

IDADE	FREQUÊNCIA
07 anos	(4)
08 anos	(3)
09 anos	(17)
10 anos	(28)
11 anos	(32)
12 anos	(59)
13 anos	(71)
14 anos	(60)
15 anos	(25)
16 anos	(3)

Em negrito constam as idades das crianças e jovens que escreveram para o jornal com maior frequência.

Quanto ao sexo, dos 368 participantes do jornal, 114 eram do sexo feminino.¹⁷

¹⁶ A idade padrão para a frequência no ensino primário era de 7 a 11 anos e no ensino secundário, de 12 a 18 anos. Os termos ensino primário e secundário foram tirados de Otaiza ROMANELLI (1978). Muitas vezes aparecem, na historiografia educacional, os termos ensino elementar ou primário e ensino médio para caracterizar esses níveis de escolarização na época.

¹⁷ A porcentagem menor de crianças e jovens do sexo feminino deveu-se à condição da mulher, principalmente das camadas médias da população, educada para o lar, com pouca autonomia de ação fora do ambiente doméstico. Nas escolas ainda predominava a divisão entre os sexos e a convivência no mesmo espaço, que a Biblioteca proporcionava, não era uma prática tão comum, principalmente nos anos 30.

3. Informações sobre o conteúdo do jornal *A Voz da Infância*

Mimeografado, o jornal continha mais ou menos dez páginas, com todos os números datados e numerados, formato de uma atual folha A4,¹⁸ e seu público alvo era principalmente a criança da Biblioteca e das escolas do bairro.

As informações contidas no jornal eram principalmente sobre a Biblioteca: relatos do seu funcionamento e das principais atividades, homenagens a personalidades, visitas recebidas, festas, concursos internos, livros adquiridos etc. O *A Voz* trazia, em todos os números, sob o título *Movimento da Biblioteca*, dados numéricos, fornecidos pela administração da Biblioteca, da frequência daquele mês, dos livros mais lidos em relação ao gênero, os mais consultados, o número de crianças matriculadas e autores mais procurados. O jornal era informativo também sobre São Paulo, na forma de crônicas que descreviam seu cotidiano e na reprodução eventual de alguma notícia tirada da grande imprensa, como acidentes de automóvel e eventos esportivos.

As sessões do jornal, no decorrer de sua produção, variaram muito pouco. Personagens e algum fato histórico eram destaque, principalmente nas datas comemorativas e, às vezes, capa do jornal; havia um espaço literário na forma de contos, descrições, crônicas, composições; uma sessão de entretenimento com charadas, cartas enigmáticas, palavras cruzadas e histórias em quadrinhos; uma página feminina inaugurada em junho de 1940, sem muita continuidade, que tratava basicamente sobre moda e era reprodução de alguma publicação da grande imprensa; ilustrações na forma de desenhos e alguma propaganda. Mudavam os colaboradores, mas o perfil do jornal continuou o mesmo.

A partir de 1942 o jornal tornou-se mais literário, com textos mais longos e contos em capítulos. Em 1943 foi criada uma página do *Grêmio Juvenil de Cultura Monteiro Lobato*. Na descrição do Grêmio aponta-se sua finalidade: *Uma associação que reúna os frequentadores da Biblioteca Infantil (A Voz, ago.1943)*. Esse Grêmio promovia passeios acompanhados por funcionários da Biblioteca.

¹⁸ Várias fotos arquivadas na Biblioteca apontam as crianças no mimeógrafo, produzindo o jornal.

Em 1944 e 1945 aparece o *Prêmio Napoleão Mendes de Almeida*.¹⁹ Premiavam-se em dinheiro os melhores trabalhos literários e desenhos.

No decorrer da leitura do jornal *A Voz*, para a sua análise e como forma de demonstrá-lo, organizei-o em várias sessões.

Sessões do jornal

A) Informes mensais sobre a Biblioteca

- Frequência da Biblioteca
- Livros mais lidos (basicamente de ficção)
- Livros mais consultados
- Notícias internas sobre os frequentadores
- Notícias sobre as atividades da Biblioteca
- Concursos
- Premiações
- Passeios
- Visitas “ilustres”
- Reunião da diretoria do jornal etc.

B) Sessão literária

- Crônicas
- Poemas
- Histórias
- Composições dos jovens e também transcrição de autores
- Descrição de viagens
- Transcrição de fábulas

C) História do Brasil

- Fatos históricos
- Personagens históricos
- Comemorações cívicas
- Datas históricas

D) Histórias em quadrinhos

- Histórias comuns
- Fatos históricos

E) Entretenimento - *Folha Charadística*

- Palavras cruzadas

¹⁹ Napoleão Mendes de Almeida, autor de livros de Gramática da Língua Portuguesa, muito utilizado nos currículos escolares.

Carta enigmática
Charadas
Curiosidades

- F) Ilustrações (todas as ilustrações do jornal eram feitas pelas crianças)
Capas desenhadas, a maioria homenageando alguma personalidade
Ilustrações internas: desenhos acompanhando alguma matéria
Propagandas desenhadas pelas crianças

O jornal apresenta, em boa parte de suas matérias, fatos históricos e seus personagens, na forma de descrições, biografias e comemorações, como também entrevistas e relatos de personalidades da política e artísticos. Abaixo, descrevo essas personalidades, listadas pela frequência com que apareceram no jornal e com as denominações com que foram citadas.

Personagens históricos mais presentes nas matérias do jornal:

Tiradentes
Duque de Caxias
D. Pedro I
Cristóvão Colombo
Rui Barbosa
José Bonifácio
Princesa Isabel
Padre Anchieta
Pedro Álvares Cabral
Marechal Deodoro da Fonseca
Bandeirante Diogo: Caramuru
Santos Dumont
D. Pedro II
Barão do Rio Branco
Oswaldo Cruz
Florianópolis
General Osório
Joaquim Nabuco
Pedro de Toledo
Benjamin Constant
Rafael de Albuquerque
Frei Caneca
Campos Sales
Prudente de Moraes

Personalidades artísticas e políticas:

Prefeitos de São Paulo, principalmente Prestes Maia
Castro Alves
Carlos Gomes
Machado de Assis
Érico Veríssimo

Mário de Andrade
José de Alencar
Euclides da Cunha
Fagundes Varela (poeta)
Martins Fontes (poeta e médico paulistano)
Cyro da Costa (poeta)

Personagens históricos e personalidades artísticas e da política que aparecem com mais frequência, de forma geral:

Prefeitos da cidade de São Paulo
Tiradentes
D. Pedro I
Duque de Caxias
Cristovão Colombo
Rui Barbosa
José Bonifácio
Princesa Isabel
Padre Anchieta
Bandeirantes
Castro Alves
Deodoro da Fonseca

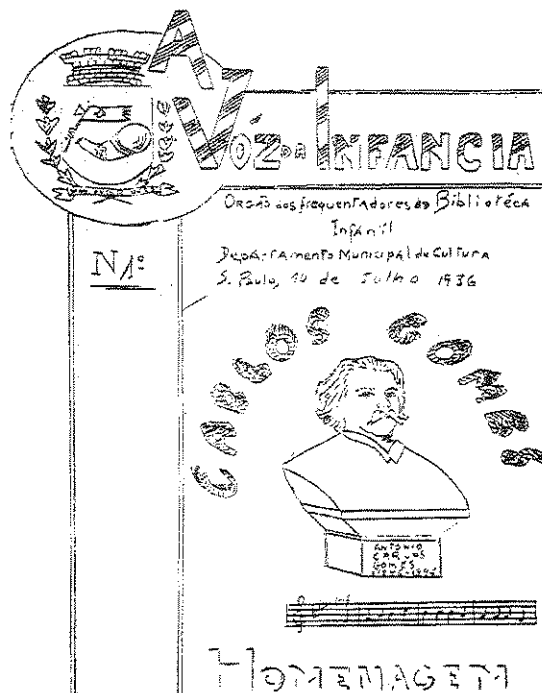
Monteiro Lobato foi matéria de inúmeras edições, concedeu entrevistas e várias cartas das crianças foram transcritas no jornal após a sua morte.

O aspecto regionalista do *A Voz* manifesta-se nos escritos sobre personagens históricos ligados a São Paulo, como o bandeirante, o Padre Anchieta, homenageado como o fundador da cidade, nas ilustrações e matérias sobre personalidades da política paulista e no enaltecimento do estado frente ao país. Esse aspecto regionalista será retomado na análise do conteúdo do jornal.

4. O jornal *A Voz da Infância*: Organização e Funcionamento

Rua Major Sertório, 638, Vila Buarque. Esse foi o endereço inicial da Biblioteca Infantil durante nove anos, funcionando das 12h às 18h durante a semana e das 9h às 12h aos sábados. Onze de julho de 1936: em uma tarde fria, com a garoa de São Paulo,

reuniram-se em uma pequena sala os integrantes do jornal *A Voz*, provavelmente entusiasmados com o primeiro número do jornal.



Capa do primeiro número do “A Voz da Infância” de 10 de julho de 1936, homenageando Carlos Gomes.

A transcrição da Ata da fundação do jornal e de como ele foi pensado na sua organização é matéria desse número inaugural:

“... temos o jornal composto por nós mesmos, com as nossas colaborações, por nós dirigido e cuja diretoria está assim constituída:

*Presidente: Leo Ravinowich;
1ª. secretaria: Eleonora Cardoso;
2ª. secretario: Mario Bruno Capuani;
tesoureiro: Gastão Gorestein;
1ª. redatora: Cecília Ulson de Mattos;
2ª. redator: Benedito Mendes da Silva;
1º. repórter: Paulo Emilio Vanzolini;
2º. repórter: Arquiticlinio dos Santos e
3º. repórter: Henrique Capuani.*

E adiante, como *Notas da Redação*, as regras para participação no jornal:

Para colaborar neste jornal, é preciso obedecer as seguintes cláusulas:

Para descrição ou composição:

- a) *letra boa, que se possa compreender;*
- b) *escrever em folhas pautadas;*
- c) *assinatura, idade e data.*

Para desenhos: não fazer desenhos grandes,

- a) *a não ser para a capa do jornal.*
- b) *desenhar em papel sem pauta; tamanho: 0,12cm.*
- c) *assinatura e idade;*

Para charadas, cartas enigmáticas, adivinhações, palavras cruzadas e anedotas:

- a) *não copiar de outras revistas e jornais.*
- b) *trazer as colaborações com as respectivas soluções.*
- c) *nome e idade. (A Voz, n.1.jul.36).*

O nome *A Voz da Infância*, escolhido entre outros que não mencionados, foi de autoria de Arquitiçlinio dos Santos, colaborador e repórter da primeira diretoria. O *A Voz* seguiu uma regra quase geral em relação aos jornais, que trazem explícito, no nome, o seu propósito. Alguns exemplos semelhantes: *A Voz do Povo*, *A Voz do Artista* e *O Brado da Miséria*, entre outros.²⁰

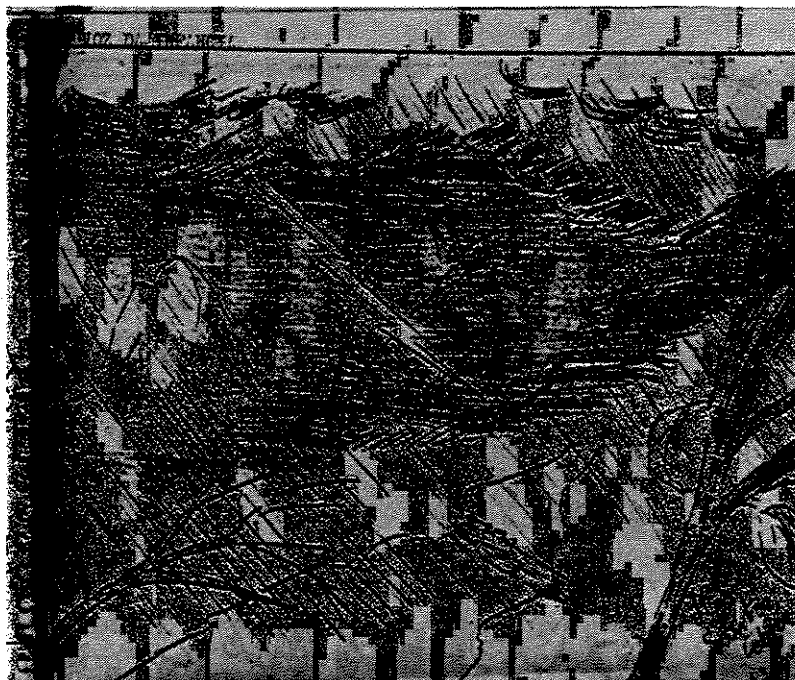
Com tiragem inicial de 200 números, propondo-se a aumentar a partir da divulgação e preço de assinatura anual de 2\$000 reis,²¹ o jornal foi um sucesso. Prestigiado pela grande imprensa, contando com o incentivo e a participação direta da direção da Biblioteca e seus funcionários, o jornal, entre outros propósitos, foi uma atividade que aproximava os frequentadores, um ponto de encontro no espaço da Biblioteca. A participação era

²⁰ Exemplos tirados de: LEITE, M. L. *O periódico: variedade e transformação* - notas a respeito da organização dos periódicos do Museu Histórico Municipal José Chiachiri, de Franca do Imperador, Estado de São Paulo. Realizado pelo Setor de Documentação Histórica de Departamento de História da USP de 1977 a 1978. Anais do Museu Paulista. Tomo XXVIII, São Paulo, 1977/78.

²¹ Até 1942 a moeda nacional era o mil reis. Em 1942, o cruzeiro substituiu o mil reis, mudando a grafia da moeda de 1\$000 para CR\$1.000. Nem sempre o jornal foi vendido e sim, distribuído. Não há preço em sua capa.

incentivada a partir do jornal. Com uma sala própria, reunia os integrantes de sua diretoria todas as segundas-feiras. No arquivo da Biblioteca encontra-se uma pasta das Atas das reuniões do jornal, de 1937. Uma caixa era utilizada para que os freqüentadores da biblioteca pusessem suas colaborações. Por exemplo, a figura de alguma personalidade era divulgada com os dizeres: *mandem um trabalho para publicação* ou, *enviem colaboração para o jornal com alguma historinha* ou sobre alguma data histórica. Promoviam-se concursos e havia premiações. Há pouca informação, no *A Voz*, sobre artigos não publicados: artigos mal escritos ou histórias que tivessem muitas mortes, eram vetadas pela diretoria do jornal.

Há uma carta de Mário de Andrade (Anexo III) solicitando de Lenyra a autoria e possível cópia de uma ilustração no jornal *A Voz* n. 14 de agosto de 1937, com o título *A Tempestade*, desenho que destaco a seguir.²²



A Tempestade - Haroldo Santos – 13 anos

²² Segundo Ana Lucia G FARIA (1993, p. 97), em seu trabalho sobre os Parques Infantis do DC, *Mário desenvolve interessante reflexão sobre arte-educação na infância, futuramente matéria de suas aulas no Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal*. Mário de Andrade colecionava desenhos de crianças desde os anos 20. Cf FARIA, *Direito à Infância: Mário de Andrade e os Parques Infantis para as crianças de família operária de São Paulo*.

O jornal tinha uma propaganda considerada *infalível*: o cartão, que foi distribuído em alguns números, para a entrada no cinema num dia de fita de longa metragem. A Biblioteca promovia sessões de cinema às quartas-feiras.

A leitura era incentivada: *Ler é o supremo bem da vida – leiam os bons livros da Biblioteca Infantil e assim passarão horas agradáveis se ilustrando em um ambiente são* (*A Voz*, n.22, abr.1938), eram dizeres freqüentes.

A divulgação do jornal também: *Campanha dos 500: façam propaganda do jornal e será premiado o que mais assinaturas conseguir* (*A Voz*, n.16, out. 1937). O prêmio, no caso, era uma lapiseira.

Premiava-se também quem fizesse a melhor ficha de leitura, publicando-a no jornal. (*A Voz*, n.2, jul.1936 e n.9. fev.1937). Os freqüentadores da biblioteca tinham fichas para preencher com suas impressões sobre a leitura dos livros. Essas fichas serão apontadas no decorrer da apresentação do projeto educativo da Biblioteca Infantil.

Freqüentem com assiduidade a Biblioteca Infantil, aparecia regularmente nos rodapés do jornal.

O jornal *A Voz* trazia em alguns números a coluna *Visitas Ilustres*, destacando personalidades que a visitavam: O bispo auxiliar da arquidiocese de São Paulo e Paulo Duarte, um dos criadores do Departamento de Cultura (*A Voz*, n.15, set.1937); o escritor Guilherme de Almeida, (*A Voz*, n.20, fev.1938); Francisco Pati, que substituiu Mário de Andrade na direção do Departamento de Cultura em 1937, (*A Voz*, n.29, nov.1938); Thales de Andrade, escritor e políticos, como os prefeitos, Fábio Prado e Prestes Maia - este último apareceu com grande freqüência no jornal.

No número 30, de dezembro de 1938, noticia-se uma festa de fim de ano na Biblioteca, onde foram premiadas as crianças *que maior número de vezes vieram à Biblioteca, as que leram maior número de livros, as que colaboraram em nosso jornalzinho*. Premiados também em relação à *freqüência no orfeão*, e as melhores *fichas de leitura*. Os prêmios foram distribuídos por Monteiro Lobato e encenada uma peça de sua autoria, *O Museu da Emília*.

Presença de Lobato

A presença de Lobato merece uma observação à parte. Jornalista, intelectual polêmico e escritor, Lobato frequentou a Biblioteca desde a sua inauguração. Recupera-se essa proximidade através do jornal, na forma de entrevistas, publicação de cartas das crianças ao escritor e informações sobre sua participação. Nos arquivos da Biblioteca, algumas fotos e matérias da grande imprensa testemunham sua presença. O segundo número do jornal *A Voz* traz uma entrevista das crianças com o escritor, com chamada na capa: *Reportagem Sensacional*. Dois integrantes do *A Voz* foram ao escritório de Lobato para entrevistá-lo e se depararam com sua irreverência:

- *A mim coube, sr. Monteiro Lobato, a subida honra de vir pedir ao ilustre amigo das crianças e insigne homem de letras...*

Monteiro Lobato interrompeu-o:

- *Não fale complicado assim que eu não entendo. Fale como você fala em sua casa, com sua mãe ou seu pai – fale sem gramáticas, como se estivesse no recreio contando um caso para os companheiros.*

E adiante,

- [...] *Só uso acento quando necessário...Naquele seu passeio pelo País da Gramática, a pestinha (Emília) teve um pega danado com a Velha Ortografia e escangalhou-a. E também varreu do tal país todos os acentos inúteis. Foi em vista dessa revolução emiliana que eu passei a escrever sem acentos.*

- *Mas o professor X diz que...*

- *E que tem que o professor X diga que? Ele vai dizendo e a gente vai fazendo como é sensato. [...]. (A Voz, n. 2, ago. 1936).*

Alguns números do jornal trazem a correspondência das crianças com o autor:

Eu sei que o senhor não é como muita gente grande que pensa que criança não é gente, e por isso nunca perdi a esperança (de receber uma carta sua). Lygia Salati de Almeida (8 anos), em 02 de novembro de 1946. Carta publicada no A Voz em julho de 1948.

Um pequeno acervo de Lobato foi iniciado na Biblioteca, como já descrito, por doações do próprio escritor. No número 34, de abril de 1939, há uma matéria sobre esse início com o título, “Os novos atrativos da Biblioteca”:

Havia dias que não aparecia na Biblioteca. – Vim uma quarta-feira e vi na portaria umas figuras interessantes e exóticas que o Snr. Monteiro Lobato havia mandado. Andei até ajudando a armá-las naquela saleta.[...] Passaram-se mais alguns dias. Torno a voltar hoje à Biblioteca (meu horário escolar não me permite vir nos outros dias, com grande pesar meu) e vejo todas as figuras armadas e espalhadas pelas estantes. – Dona Benta, com seus óculos na ponta do nariz; Emilia vestida com uma roupa de mûpcias; o Rabicó, o Quindim, enfim toda aquela nossa querida família, e a dirigir, a figura risonha e amiga de Monteiro Lobato. –Agora, pergunto, que novidades encontrarei na próxima quarta-feira? (A Voz, n. 34, abr.1939, 13 anos).

Assim começa uma matéria do jornal *O Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, de julho, intitulada “O escritor e seu público”:²³

Foi numa tarde chuvosa que Monteiro Lobato me levou a visitar a Biblioteca Infantil de São Paulo. É uma declaração a Lobato e um testemunho da presença do escritor entre as crianças. Continuando,

[...] nem o mais encaramujado introvertido deixaria de sair de si, de ser todo olhos e ouvidos, diante da algazarra com que as crianças recebiam a seu autor predileto. Mal os leitores que se espalhavam pela sala abismados no que liam, avistaram Monteiro Lobato, e logo dezenas de braços o empurraram para um sofá, cruzaram-se palavras de carinho e exclamações de alegria. Sentado, quase à força, foi o escritor crivado de perguntas pela miúçalha que o cercava. Do assento, do encosto, dos braços do sofá, escorriam figuras infantis, verdadeiros cachos de meninos. – Emergindo da onda dos rostos jovens, mais marcada se fazia a fisionomia de Monteiro Lobato:mas nos seus vivos olhos de ave havia o mesmo brilho dos olhos que o miravam, entre admirativos e familiares. E o seu riso adquiria sonoridades inesperadamente frescas. A principio só os garotos falavam:

- Como é que se vai ao Sítio de D. Benta?

- Você já viu mesmo o Saci preso na garrafa?

Para responder, ele foi inventando, ali mesmo, novas aventuras de seus heróis, fazendo pilhérias, lendo nas mãozinhas que se lhe entregavam, confiantes, maravilhosas e futuras proezas; e, em breve, apenas a sua voz se ouvia, um pouco velada, não sei se de fadiga ou de emoção.

²³ Lucia Miguel Pereira. *O escritor e seu público*. Artigo publicado no jornal *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, em 18 de abril de 1948. (Fonte: Álbum de recortes de jornais da Biblioteca). Escritora e jornalista, Lucia Pereira (1905-1959) publicou romances e vários ensaios sobre literatura.

O artigo não menciona o dia em que ocorreu o encontro entre o *escritor e seu público*, mas o cansaço descrito não passou despercebido. Poucos meses depois da publicação da matéria, Lobato faleceria.²⁴

O número 148, de outubro de 1948, traz uma colaboração de Monteiro Lobato especialmente para o jornal, pouco tempo antes de seu falecimento:

- Meus amigos: Aqui estou na salinha de Dna. Lenyra, autografando livros e papéis. E agora recebi uma intimação para escrever um artigo para a "Voz". Muito bem! Lá vai! - Declaro que li na mão de Acácio grandes coisas. Ele vai ter, quando crescer, três aviões Douglas e uma Fortaleza Voadora.- Vai cair três tombos de três mil metros de altura – mas não quebrará nem a unha do minguinho. Vai casar-se com a Marisa e ter cinco filhos – um deles chamado Antonio Carlos.- Vai ser vice-Presidente da República do Paraguai e abafará três revoluções. Por fim terá uma estátua a cavalo na praça da Sé! A cavalo no cavalo branco de Napoleão. – E no Paraguai vai nomear seu irmão José Alfredo chefe de polícia – ou chefe dos hospitais (esse posto não está bem decidido). E José Alfredo se casará com a Heloisa X-9. –E está pronto o artigo de Monteiro Lobato.

O jornal *A Voz* publicou várias homenagens ao autor e transcreveu, durante meses após a sua morte, cartas das crianças para o escritor:

A irreverência e as polêmicas que envolveram Lobato parecem contrastar com as diretrizes mais rígidas da Biblioteca e talvez fosse assim. Poucas foram as declarações de Lenyra, em sua vida profissional de divulgadora das bibliotecas infantis e da importância da literatura infantil, sobre o autor.²⁵ Lobato declarou-se ateu, foi considerado membro ou ao menos simpatizante do Partido Comunista, foi preso durante o Estado Novo e brincava com a língua portuguesa, perfil que parecia não condizer com as diretrizes educativas e de formação da biblioteca.

²⁴ Em 21 de abril de 1948, Lobato sofre um espasmo vascular cerebral e em 04 de julho falece, vítima de um derrame.

Nos 50 anos de sua morte, em 1998, foram lançados alguns livros sobre Lobato. Merece destaque a publicação, ainda em 1997, de uma biografia premiada: AZEVEDO, C. CAMARGOS, M. e SACCHETA, V. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*, S. Paulo, Ed. SENAC. Dos mesmos autores, em 1998, a edição fac-similar *O Sacy-Pererê – Resultado de um Inquérito*, com o patrocínio da Fundação Banco do Brasil e da Construtora Odebrecht. Publicado no começo de 1918, este livro foi o resultado de um inquérito lançado por Lobato no *Estadinho*, edição vespertina do *O Estado de São Paulo*, convidando os leitores a escreverem sobre a figura do Sacy.

²⁵ Nos arquivos da Biblioteca há inúmeras cópias de discursos, matérias e entrevistas de Lenyra Fraccaroli.

O contexto em que seu nome foi dado à Biblioteca, em 1955, era bem diverso daquele dos anos 30 e 40. O pós-guerra e a amenização das ideologias autoritárias com o colapso do nazismo e do fascismo e a democratização pós Estado Novo evidenciavam uma outra época. Em Salvador, Bahia, outra Biblioteca Infantil já citada, com o nome de Monteiro Lobato foi inaugurada nos anos 50. O nome causou polêmica, como indicam recortes de jornais arquivados na Biblioteca.

Em quase todos os números, o *A Voz* trazia informações do funcionamento da Biblioteca, a partir de dados fornecidos pela administração. Demonstro abaixo uma dessas estatísticas, registrada no número 60 de junho de 1941.

Movimento da Biblioteca Infantil durante o mês de junho:

<i>Livros mais lidos e consultados.....</i>	<i>1.924</i>
<i>Revistas.....</i>	<i>5.980</i>
<i>Frequência.....</i>	<i>4.026</i>
<i>Obras existentes.....</i>	<i>3.365</i>
<i>Obras mais lidas: O saci, Picapau Amarelo e Novas reinações de Narizinho.</i>	
<i>Autor preferido – Monteiro Lobato</i>	
<i>Dias úteis: 24 (os sábados eram contados).</i>	

Até o fim dos anos 30 o jornal trazia algumas propagandas na forma de tijolos e feitos pelas crianças. Empresas comerciais colaboravam com a Biblioteca e eram anunciadas em suas páginas, como o exemplo que transcrevo, de uma loja que oferecia prêmios para serem distribuídos em concursos.

*O Natal vem chegando – É bem oportuna uma visitinha à casa São Nicolau,
o paraíso dos brinquedos – Praça Patriarca, 8.*

Outras propagandas que apareceram com frequência no *A Voz*:

Bicarbonato de Soda Carlo Erba - é o único puro cem por cento.

Leiam Periquito –revista Infantil – Assinatura anual – 4\$000 –R. Vitorino Carmilo, 106.

Dr. Darwin Araújo – Cirurgião Dentista Especialista em cirurgia da boca e extrações dentarias completamente sem dor. Prótese moderna – raios X – Diatermia e Diatermocoagulação. Pça. Ramos de Azevedo, 18 – 2º. andar tel:4-1826.

Tomem diariamente o Nestlé.

A atividade que envolvia o jornal é mencionada em vários momentos da implantação da Biblioteca Infantil. Já na lei de criação do Departamento de Cultura, Ato n. 861, citado na introdução deste trabalho, na seção que trata da Divisão de Bibliotecas, a Biblioteca Infantil é indicada como um *centro de atração e de cultura infantil* e que publicaria um *jornal das crianças*. No parágrafo 3º do artigo 38 dessa lei, definiu-se que

A Bibliotheca Infantil organizará diariamente, para ser lido, desde a hora de sua abertura, o Jornal das Crianças, feito de recortes de todos os jornaes diários de noticias, informações e commentarios que possam interessar às crianças e contribuir para a sua educação.

Fábio Prado em uma entrevista concedida ao jornal *O Estado de São Paulo* sobre a sua administração e o Departamento de Cultura em 1936, 17 meses após a sua nomeação, faz referência ao jornal: *A Bibliotheca organizará também uma coisa que ainda não se viu no Brasil e possivelmente na América Latina. É o jornal das crianças feito diariamente, para ser lido desde a hora de sua abertura...*,²⁶ repetindo, depois, o que estava previsto na lei de criação da Biblioteca Infantil.

Essa idéia inicial, entretanto, não prevaleceu e deu espaço para a produção de um jornal elaborado pelos próprios freqüentadores da Biblioteca, fazendo eles mesmos todo o

²⁶ *A Administração Fábio Prado na Prefeitura de São Paulo através de entrevista concedida ao O Estado de São Paulo, 1936, p 68. Coleção Departamento Municipal de Cultura. Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.*

trabalho, desde a pauta, as ilustrações, as reportagens e demais textos, até a produção final da edição em cópias mimeografadas, como já foi apontado. O jornal contava com uma diretoria eleita anualmente que selecionava as matérias e também contribuía para o jornal. Enviado para outras cidades de São Paulo, outros Estados e países da América Latina, (segundo correspondências guardadas na Biblioteca), o jornal *A Voz* foi mencionado pela grande imprensa da época e fotos, arquivadas na Biblioteca, retratam os jovens na sua produção.

O jornal passou por vários momentos do processo político brasileiro pós 30. Foi elaborado por crianças e jovens representantes, na sua maioria, dos segmentos médios da população, que freqüentavam o ensino secundário, como já foi destacado. Um dos objetivos do *A Voz* foi divulgar a Biblioteca Infantil como seu órgão informativo, demonstrando a concretização de sua ação educativa e promovendo a Biblioteca tanto interna como externamente, já que o jornal teve visibilidade, sendo amplamente divulgado.

Enquanto projeto educativo, o *A Voz* conseguiu, em um determinado período, reunir os seus freqüentadores para participarem do jornal, originando um espaço para a produção escrita desses jovens como atividade de complementação à educação escolar, como também promover a permanência das crianças na Biblioteca Infantil.

CAPÍTULO II

A BIBLIOTECA INFANTIL MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Projeto do Departamento de Cultura

A nossa querida Biblioteca é uma das mais louváveis iniciativas prócultura da criança brasileira. Aqui ela encontra todos os elementos necessários para uma perfeita educação intelectual, ambiente, companhia, bons livros, cinema, etc. (A Voz, n. 39, set.1939, 13 anos).

Inaugurada em abril de 1936, a Biblioteca Infantil Municipal integrou a legislação que instituiu o Departamento de Cultura e Recreação da cidade de São Paulo, em 1935. Apresento, neste capítulo, a Biblioteca Infantil como instituição educativa e algumas questões sobre esse departamento, objeto de estudo já contemplado em vários trabalhos sobre a década de 30.

O DC (sigla que usarei para indicar o Departamento de Cultura) foi considerado um marco na história cultural da cidade e do país, pela extensão e intenção a que se propôs. Seu projeto, herdeiro em parte dos modernistas, assimilado pelos dirigentes políticos do Partido Democrático de São Paulo e inserido em um momento de pioneirismos educacionais e culturais, como a formação da Universidade de São Paulo e da Escola Livre de Sociologia e Política, chamou a atenção, tanto no momento de sua consolidação, quanto no decorrer dos estudos sobre a chamada modernidade nacional.

A educação e a cultura, entendidas respectivamente como possibilidade de inclusão e mobilidade social, de acesso ao conhecimento e suporte necessário para o desenvolvimento científico, respondem, em cada época, às necessidades da estrutura e da

organização social. No Brasil, as discussões em torno da educação demonstraram, nas primeiras décadas do século XX, a preocupação com a inclusão de setores sociais no processo educativo, necessária ao desenvolvimento do sistema produtivo, mesmo que dentro dos limites da especificidade do processo de industrialização em andamento. A década de 30 representou a quantificação do acesso à escola, com o aumento da matrícula nos vários níveis de ensino e a expansão da demanda por bens culturais.

No seu estudo sobre a Educação no período pós 30, Beisiegel (1995, p. 383) assinala *a progressiva extensão das oportunidades de acesso à escola, em todos os níveis de ensino, para setores cada vez mais amplos da coletividade*. No período abrem-se possibilidades para além de um ensino elitizado que atendia minorias privilegiadas, sistema esse que *vai sendo substituído por um novo sistema de ensino, relativamente aberto no plano formal e pelo menos tendencialmente acessível à maioria da população*.

A expansão dos centros urbanos trouxe novas exigências de cunho cultural. Na cidade de São Paulo, palco de movimentos de vanguarda, como a *Semana de 22*, os equipamentos culturais se multiplicavam: bibliotecas, cinemas, teatros, a indústria editorial, a preocupação com a guarda e preservação de documentos e a própria criação do DC, indicando que havia um público crescente à aquisição desses bens culturais. Os anos 30 foram palco de iniciativas culturais como a criação do Serviço Nacional de Teatro, o Instituto Nacional do Livro e o Instituto Nacional do Cinema Educativo. Em 1934, Gustavo Capanema, então Ministro da Educação, solicitou a Mário de Andrade um projeto de lei de proteção às artes no Brasil. Foi aprovada em 1937 uma proposta que iniciaria o serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Armando de Salles Oliveira, integrante do jornal *O Estado de São Paulo*, nomeado interventor de São Paulo, em 1933, por Getúlio Vargas, após entendimentos com os políticos do estado recém saído da Revolução Constitucionalista;¹ Fábio da Silva Prado, de tradicional família paulistana e casado com a Condessa Crespi, indicado por Armando para a prefeitura de São Paulo em 1934 e Mário de Andrade, intelectual do grupo modernista, foram os principais protagonistas do Departamento de Cultura, todos vinculados ao Partido Democrático de São Paulo.

¹ Entre 1930 e 1934, durante o *Governo Provisório*, foram nomeados interventores nos Estados. Edgard CARONE (1965, p. 126-129) em *Revoluções do Brasil Contemporâneo*, indica que essas nomeações, muitas vezes aconteceram com acordos entre Getúlio Vargas e forças políticas locais.

O governo municipal, estruturado em Departamentos, organizou o DC em quatro divisões: Divisão de Expansão e Cultura, Divisão de Bibliotecas, Divisão de Educação e Recreios e Divisão de Documentação Histórica e Social, esta última já mencionada no primeiro capítulo.

A contribuição e a discussão presentes na maioria dos estudos sobre o DC abordam a intenção do seu projeto cultural e educacional,² incluindo o contexto mais amplo da reorganização política do país e de São Paulo naquele momento, como também a estrutura do DC e a sua história, principalmente no período de 1935 a 1938, destacando Mário de Andrade como seu principal protagonista.

Apresento algumas dessas análises que discutem aspectos diversos da atuação do DC. Dentre os trabalhos acadêmicos sobre esse Departamento, Schelling (1991) contempla suas propostas, dando ênfase aos projetos populares e traçando um paralelo entre Mário de Andrade, *questionador da divisão entre cultura de elite e cultura para a população* e o projeto de educação popular de Paulo Freire.

Abdanur (1992), a respeito da elite dirigente em São Paulo, na época, indica que o Partido Democrático tinha a intenção de acomodar os anseios da população e o projeto do DC, elaborado por intelectuais, veio ao encontro dessa proposta, na medida em que incluía as camadas populares.

Alguns desses trabalhos partem da análise de um objeto mais específico, dentro do leque de intenções e realizações desse Departamento. É o caso da contribuição de Faria (1993), que traz um diagnóstico dos Parques Infantis, projeto do DC para os filhos das classes populares, basicamente, os operários. É um trabalho entusiasmado com o projeto de Mário de Andrade em relação à infância e à classe operária.

Silveira (1993) analisa a relação entre cultura e sociedade com a mediação da política do Estado. Trabalho voltado para a ação de Mário de Andrade nas políticas

² Destaco por ordem cronológica: Vivian SCHELLING (1991) *A presença do povo na cultura brasileira: ensaio sobre o pensamento de Mário de Andrade e Paulo Freire*. Elizabeth F. ABDANUR (1992) *Os ilustrados e a política cultural de São Paulo: O Departamento de Cultura na gestão Mário de Andrade (1935-38)*. Ana Lucia Goulart FARIA (1993) *Direito à Infância - Mário de Andrade e os parques infantis para as crianças de família operária de São Paulo*. Sirlei Aparecida SILVEIRA (1993). *Nas trilhas da brasilidade - Mário de Andrade e o projeto de construção da nação brasileira*. Rita de Cássia Alves OLIVEIRA (1995) *Colonizadores do futuro: cultura, estado e o Departamento de Cultura do Município de São Paulo (1935-38)*. Silvana RUBINO *Clube dos pesquisadores: A sociedade de Etnografia e Folclore e a Sociedade de Sociologia*. In: MICELI, Sergio (1995, p. 479-525). Patrícia Tavares RAFFAINI. (1999) *Esculpindo a Cultura na Forma Brasil: O Departamento de Cultura de S.Paulo (1935-38)*, entre outros.

culturais a partir o *ideário da semana de 22*, inclui um capítulo sobre o DC como um *projeto amplo educacional e cultural*.

A dissertação de Oliveira (1995) analisa o conteúdo da *Revista do Arquivo Municipal*, de 1935 a 1938, buscando, através das linhas temáticas da *Revista* e de seus colaboradores, a concepção de cultura presente naquele momento. A autora aponta algumas linhas centrais na *Revista*, a partir dos artigos nas áreas da História, Sociologia e Etnologia, identificando como temas mais presentes, a busca de uma identidade nacional e a idéia valorativa de desenvolvimento.

Rubino (1995, p. 491) apresenta um artigo que destaca o DC a partir de seu vínculo com as Sociedades de Etnografia e Folclore e de Sociologia, abordando o caráter local do projeto cultural, como uma reação paulista à revolução de 32 e a consagração de São Paulo a partir da cultura. A autora aponta o depoimento de Paulo Duarte, um dos idealizadores e realizadores desse projeto de cultura, que deixou uma vasta obra de memórias sobre o processo de elaboração do DC, como um *relato mítico*.

Raffaini (1999) traz uma análise crítica em relação ao projeto cultural do DC, como fator de controle e direcionamento do lazer, indicando, a partir de pesquisa na documentação administrativa do Departamento, *que a cultura popular urbana foi desestimulada com a cobrança de altos impostos, por exemplo, o que inviabilizava sociedades dançantes, parques de diversões, circos etc.* Assinala também a questão do reduzido público leitor e a intenção de se formar leitores para um futuro mercado consumidor.

Esses trabalhos acadêmicos, que não se esgotam nessa listagem, trazem inúmeras contribuições sobre a trajetória do DC. O que não deixa dúvidas é que esse Departamento, na sua origem, foi direcionado por uma elite ilustrada que almejava uma política cultural nacional a partir de São Paulo,³ norteando-se pela idéia de pioneirismos nacionais e da

³ A possibilidade de Armando de Salles Oliveira ser o próximo presidente do país não vingou com o golpe de Getúlio Vargas em 1937, como também as intenções nacionais do projeto do DC, com a formação do Instituto Brasileiro de Cultura - IBC. Segundo relato de Paulo DUARTE (1986, p. 55) *Nós sabíamos que o Departamento era o germe do IBC. Primeiro, um instituto paulista, que Armando Sales no governo já nos garantia [...] depois, com Armando na presidência da República, seria o Instituto Brasileiro, uma grande fundação libertada das influências políticas, com sede no Rio.*

Armando de Salles Oliveira renunciou ao governo de São Paulo em 1936 para iniciar sua campanha presidencial como candidato do Partido Constitucionalista e da União Democrática Brasileira. Foi preso e exilado, voltando antes do fim do Estado Novo, quando faleceu.

hegemonia paulista. Sua abrangência incluía a preservação de documentos antigos e o Serviço de Diversões Públicas, além de equipamentos culturais e educacionais. O projeto cultural do DC atendeu os vários segmentos sociais, dentro das diferenças estabelecidas e do direcionamento a que se propôs, com a intenção de propagar uma política cultural nacional ditada pelas elites de São Paulo.

Eu não contemplo, neste trabalho, uma análise que caracterize os objetivos do projeto cultural do DC, mas talvez o depoimento de Mário de Andrade que consta no *Testamento de uma Geração*, publicado em 1944,⁴ esclareça um pouco algumas questões. Como uma autocrítica, Mário faz um depoimento despojado,

E eu que sempre me pensei, me senti mesmo sadiamente banhado de amor humano, chego no declínio da vida à convicção de que faltou humanidade em mim. Meu aristocracismo me puniu. Minhas intenções me enganaram. Vítima do meu individualismo, procuro em vão nas minhas obras e também nas de muitos companheiros, uma paixão mais temporânea, uma dor mais viril da vida. [...] Franco, dirigidos, muitos de nós demos as nossas obras uma caducidade de combate. [...] Deveríamos ter inundado a caducidade utilitária do nosso discurso de maior angústia do tempo, de maior revolta contra a vida como está.

Sobre os artigos a respeito do DC, alguns números da *Revista do Arquivo Municipal* divulgaram os seus projetos.⁵ Paulo Duarte, em várias publicações descreve o projeto de implantação do DC, publicando em 1976 *Mário de Andrade por ele mesmo*, livro de correspondências entre Mário e o autor, que a editora Hucitec e a Prefeitura de São Paulo reeditaram, em 1986, em uma edição comemorativa dos 40 anos do falecimento de Mário, com prefácio de Antonio Cândido. Este livro é utilizado na maioria dos trabalhos sobre o DC. Com um relato apaixonado e romântico, Duarte descreve a elaboração do projeto do

⁴ Edgard CAVALHEIRO (1944, p. 277) *Testamento de uma geração*. Essa publicação decorreu de um inquérito entre as figuras mais representativas do pensamento brasileiro e foi publicado no *O Estado de São Paulo*, em 1942. Mário foi convidado e se eximiu de participar da enquete. Cavaleiro, quando da publicação do inquérito em livro, transcreveu parte de uma Conferência de Mário, no Itamarati, como adendo dos depoimentos e justificativa da ausência de Mário.

⁵ Entre outras, a *Revista do Arquivo Municipal* n. 19, de janeiro de 1936, edição comemorativa do aniversário da cidade, com discursos de Mário de Andrade, Fábio Prado e Armando de Salles Oliveira; *Revista* n. 64, de 1940, sobre a Biblioteca Infantil Municipal; *Revista* n. 89, de 1943, sobre os Parques Infantis e *Revista* n. 106 de 1946, sobre Mário de Andrade.

DC no fim da década de 20, em reuniões regadas a bons vinhos, em seu apartamento na Av. São João.

A polêmica que a instalação do DC causou entre alguns vereadores, pelas despesas que acarretava em um município sem participação na educação escolar naquele momento, está presente no trabalho de Mascaro.⁶

Essa polêmica não consta no livro de Paulo Duarte (1986, p. 52) sobre o DC. O que esse autor apresenta como críticas de *amigos e inimigos*, diz respeito ao processo de nomeação de mais de 100 funcionários para o DC, sem que os diretórios do Partido Democrático fossem consultados e a nomeação, inclusive, de *perrepistas*.

Em relação a Mário de Andrade como diretor do DC, sua gestão e dedicação foram marcantes. O Departamento se confunde com Mário. Há um consenso a esse respeito. Na discutível, porque muito pessoal, obra já citada de Paulo Duarte, o título dramático do capítulo: “Departamento de Cultura – vida e morte de Mário de Andrade”, narrando a história do Departamento desde a sua gestação, seus projetos, implementação e a saída de Mário, em 1937, ilustra um pouco essa questão. Nas correspondências de Mário, algumas descritas no trabalho de Faria,⁷ manifesta-se o entusiasmo e comprometimento do escritor:

[...] me perguntando como vou no departamento, e imaginando que tenho bastante trabalho! Não é 'bastante' Oneida, nem mesmo 'muito', é formidável, é gigantesco, é absurdo, tomou minha vida completamente, integralmente, todinha! Desde uns dois dias do 5 de junho em que tomei posse nada, mas absolutamente nada mais fiz do que trabalhar, sonhar, respirar, conversar, viver o departamento.

⁶ O trabalho de Carlos MASCARO (1960) indica a discussão naquele momento sobre a municipalização do ensino. Esse autor aponta a tardia participação dos municípios no ensino público como consequência da organização administrativa do estado brasileiro, que por longo tempo ficou entre a centralização do poder e o poder regional. O encaminhamento das políticas do ensino brasileiro, que se expandiram somente a partir da década de 30, deram continuidade ao modelo da Primeira República, de divisão dos níveis de ensino pelos diversos poderes, ou seja, o ensino elementar, o normal e o profissional, sob a legislação dos estados e os cursos secundários e os de nível superior, sob o poder do governo central. A partir dos anos 40, em São Paulo, estado e prefeitura estabeleceram sucessivos convênios para a construção e manutenção dos grupos escolares. O município de São Paulo assumiu integralmente o ensino primário, com a assinatura do decreto de criação do Ensino Municipal, em 02 de agosto de 1956. Neste ano foi inaugurada a primeira escola municipal, no bairro do Tucuruvi.

⁷ Apud. FARIA (1993, p. 66) *Uma carta de Mário para Oneida Alvarenga*, sua discípula e integrante do DC, de 06/07/1935.

Sobre a Biblioteca Infantil Municipal, alguns desses trabalhos a registram como um dos projetos do DC, sem nenhum destaque maior. Quanto ao jornal *A Voz*, somente Raffaini (1999, p. 55) o menciona, como uma atividade da Biblioteca.

Lenyra Fraccaroli esteve à frente da Biblioteca durante 24 anos, levando adiante o projeto da Biblioteca Infantil engendrado no DC, considerado, na época, ambicioso e de vanguarda enquanto proposta. Na escolha para a direção da Biblioteca, em 1936, segundo relato de Paulo Duarte (1986, p. 53) um outro nome estava previsto, Alice Meireles Reis, a quem o autor atribuiu o adjetivo de “perrepista perigosa”. Essa mesma pessoa foi cogitada para dirigir os parques infantis e se negou.

Não encontrei os motivos da indicação e da substituição na direção da Biblioteca Infantil. Na implantação do DC os funcionários mais graduados foram indicados pelo próprio Paulo Duarte, por Mário de Andrade e pelo prefeito, Fábio Prado.

Segundo Paulo Duarte (1986, p. 32) em um dos poucos depoimentos disponíveis sobre a questão:

Quando Fábio Prado, então prefeito de São Paulo e Armando Salles Oliveira, governador, no início de 1935 aprovaram o plano por mim estruturado do Departamento Municipal de Cultura, o autor do plano impôs apenas uma condição, caso aprovado: os funcionários superiores – chefes de Divisão e de Seção necessários seriam por ele indicados; os especializados, por concurso. Os burocráticos, datilógrafos, escrivães, contínuos e serventes, a sua indicação caberia ao Partido Constitucionalista⁸ ou ao Prefeito e ao governador do Estado [...].

A escolha de Lenyra Fraccaroli para a direção da Biblioteca Infantil Municipal foi feita pelo próprio Mário. Lenyra já havia participado da implantação de uma biblioteca infantil na Escola Caetano de Campos.⁹

⁸ O Partido Constitucionalista foi formado pela ala democrática da Chapa Única, união do Partido Democrático – PD e do Partido Republicano Paulista - PRP nas eleições para a Assembleia Constituinte de 1933. Essa frente dissolveu o PD e formou um partido de bases mais amplas, em 1934. O Partido Constitucionalista tinha como bandeira principal a defesa da autonomia estadual.

⁹ Em 1933, na condição de professora substituta efetiva na escola Caetano de Campos, sob a orientação do Prof. Antonio D'Ávila iniciei a organização da Biblioteca escolar dessa Escola. Texto manuscrito de Lenyra para alguma palestra. (Fonte: pasta de textos de Lenyra. Arquivo da Biblioteca).

A Biblioteca Infantil Municipal de São Paulo como instituição educativa

O Ato n. 861 da Prefeitura de São Paulo, em 30 de maio de 1935, de criação do DC, no Título III, capítulo I, no artigo n. 38, “Das Bibliotecas”, prevê:

Fica creada, annexa à Bibliotheca Municipal, uma Biblioteca Infantil que poderá funcionar, provisoriamente, no edificio daquela. (a integra do artigo n. 38 encontra-se no Anexo IV).

A Biblioteca Municipal mencionada é a atual Biblioteca Mário de Andrade. A proposta inicial não aconteceu e a Biblioteca Infantil Municipal instalou-se em uma casa da Vila Buarque precedendo uma rede de bibliotecas que se multiplicou a partir de 1946. Durante 10 anos foi a única Biblioteca infantil pública da cidade de São Paulo, atraindo crianças e jovens de vários bairros da capital.

O parágrafo 1º. desse artigo contempla que:

A Bibliotheca Infantil será installada e organizada de maneira a constituir um centro de attracção e de cultura infantil.

No parágrafo 2º:

A Bibliotheca Infantil será constituída de obras nacionaes de literatura infantil e de traducções autorizadas de obras estrangeiras, histórias de figuras e revistas infantis recreativas e educativas, de mappas, gravuras, selos e moedas.

Pioneira, considerada a primeira Biblioteca pública infantil na América Latina, seu perfil foi audacioso na época por se apresentar como um centro de cultura proporcionando, em seu espaço, atividades em torno do livro e da literatura infantil.

A importância dada ao livro e sua utilização como instrumento auxiliar da educação escolar e a propagação da literatura infantil foram, na época, condições favoráveis à criação

Segundo Ana Regina PINHEIRO, (2000, p. 48) sobre a biblioteca da escola Caetano de Campos, nas suas várias interrupções: *De maio de 1933 a maio de 1935 foi fundada uma biblioteca infantil pela Profa. Lenyra Fraccaroli.*

de uma Biblioteca infantil pelos poderes públicos, demonstrando a preocupação com a criança e a infância, produto da *nova educação* que, a partir da década de 20, influenciou educadores e as diretrizes educacionais no país.

Com a expansão dos meios de produção, o aumento populacional e a quantificação da educação, à escola e a outras instituições coube a função de educar. A Biblioteca tinha o perfil de auxiliar na formação da criança e do jovem, cumprindo a demanda por bens culturais, principalmente das camadas médias da população, já que era voltada para a criança letrada.

A Biblioteca cumpriu a função de orientar uma educação extra-escolar, procurando atender as diretrizes da moderna pedagogia no trato com as crianças e jovens. Lenyra Fraccaroli, sua diretora durante 24 anos, foi normalista da Escola Caetano de Campos da turma de 32 e depois diplomada em Biblioteconomia pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, na década de 40, quando esses cursos se organizaram.

Em seu artigo sobre as instituições educativas, Magalhães (1999, p. 68-69) assinala:

A instituição educativa constitui, no plano histórico, como no plano pedagógico, uma totalidade em construção e organização, investindo-se de uma identidade. Totalidade em organização, a instituição educativa apresenta uma cultura pedagógica que compreende um ideário e práticas de diversa natureza, dados os fins, os actores, os conteúdos, inserida num contexto histórico e desenvolvendo uma relação educacional adequada aos públicos, aos fins, aos condicionalismos e às circunstâncias.

A Biblioteca se insere nessa definição porque apresentou e desenvolveu um projeto educativo que se evidenciou tanto pela continuidade de seus trabalhos, com o que conseguiu atrair um público fiel e constante, quanto pela intenção formativa e socializadora de seus objetivos, que será indicado no decorrer deste capítulo.

Por ser uma instituição educativa, a biblioteca é identificada como espaço neutro, insuspeito, mas a sua função socializadora valorizou o caráter civilizatório da educação, elemento fundamental da sociedade moderna, promovendo em seu espaço comemorações, datas cívicas, festas e concursos que destacavam os frequentadores mais assíduos, os mais participativos, os que se sobressaíam nos trabalhos propostos, demonstrando o feitiço moral, integrador e de inserção social da educação.

A reconstituição histórica da Biblioteca através dos arquivos resguardados pela sua diretora, que incluem o jornal *A Voz*, só mostra em parte essa trajetória, mas é significativa como recuperação do seu projeto educativo.

O resguardo de um arquivo ou acervo de forma pessoal (como foi indicado na introdução deste trabalho), sem dúvida constitui um registro parcial e filtrado.

Como afirma Magalhães (1999, p. 69):

O quotidiano de uma instituição educativa é um acúmulo de comunicação, tomada de decisões e de participação, cujas representação e memória apenas em parte ficam vertidas a escrito, ou traduzidas noutra tipo de registros, mas boa parte das quais se apagam, quer porque se integram em rotinas, que pela sua freqüência não constituem um objecto de registro dos resultados.

Os objetivos e a função da Biblioteca Infantil estão representados em um artigo escrito por sua diretora, Lenyra Fraccaroli. Vou apresentar a biblioteca através desse artigo, o registro mais completo que encontrei na descrição do seu espaço físico, organização e funcionamento, mesmo considerando a limitação de um depoimento feito pela pessoa responsável pela biblioteca, mas que ao mesmo tempo desvenda o perfil dessa direção.

Publicado na *Revista do Arquivo Municipal* no. 64 de fevereiro de 1940 (p. 291 - 325), sob o título: *A Biblioteca Infantil do Departamento de Cultura*, o artigo, já na introdução, confirma a penetração e interesse que causou esta biblioteca, provavelmente por ser, como já assinalamos, a primeira biblioteca pública infantil do país.

Afim de satisfazer inúmeros pedidos de interessados e ultimamente, depois de solicitações da Associação Paulista de bibliotecários, resolvi proceder à composição deste trabalho [...] que tentará dar uma idéia geral da organização da Biblioteca Infantil do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo. (p.291).

A função socializadora da Biblioteca, como espaço de promoção cultural e ação educativa de complementação escolar estão assim descritas,

As bibliotecas infantis, centros de larga irradiação cultural, partes indispensáveis dum sistema de educação, reúnem tripla finalidade: social, moral e educacional.

Se, a função da escola, é formar na criança o hábito de pensar, oferecendo-lhe oportunidade de construir os seus moldes de comportamento adaptáveis ao arcabouço social em mutações constantes, a biblioteca, torna-se complemento indispensável das salas escolares, abrindo, à criança, as largas estradas que poderão conduzi-la ao conhecimento das realidades sociais. (p.292).

O artigo enfatiza as novas tendências pedagógicas, em contraste com a educação tradicional, proporcionada pelo espaço mais descontraído da Biblioteca e que a autora *chama de escola da iniciativa, opondo-se como investigação livre, à educação ensinada* e também a importância do livro e da leitura para as crianças e jovens, apontando que *o livro torna-se valor decisivo na auto-educação, contribuindo de maneira direta, para a formação de traços individuais.* (p.292).

Em seu trabalho sobre o Instituto de Educação do Distrito Federal nos anos 30, que aborda a pedagogia da *escola nova*, Vidal (2001, p. 207) assim se expressa a respeito da prática da leitura:

Os livros de literatura eram divididos entre os que serviam para despertar o gosto por ler, como livros de estampa, álbuns, de histórias e folhetos diversos; e os que serviam para a aprendizagem e cultivo da leitura, como livros de leitura, de histórias, contos, seletas, romances, revistas e jornais.

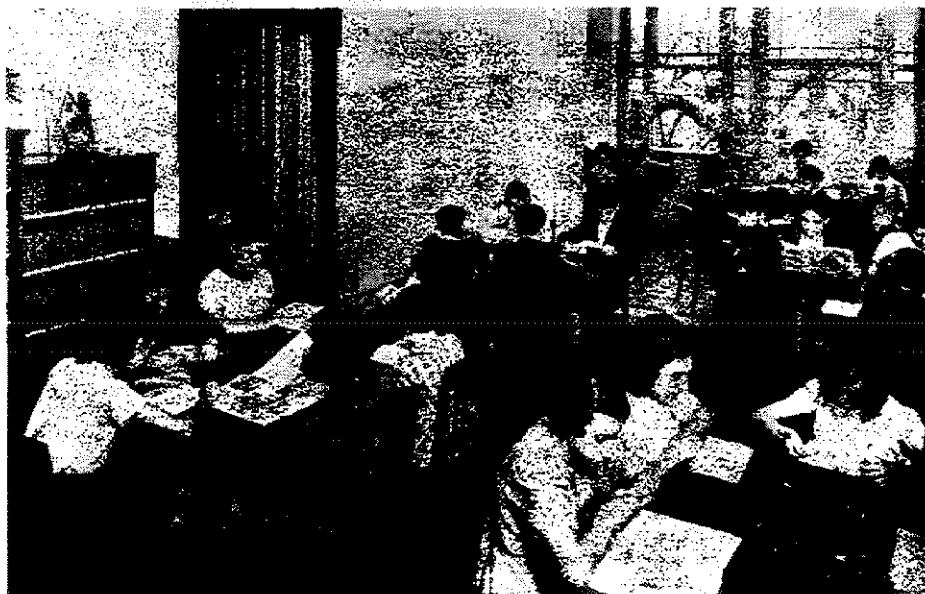
Nos dizeres de Lenyra, a Biblioteca contemplava vários gêneros de literatura infantil,

[...] lendas, contos de fadas, mitos, fábulas, aventuras, viagens, alguns clássicos, poesia, história, biografias, belas artes, ciência, humor, romances leves, várias publicações periódicas e ainda imprescindíveis dicionários e enciclopédias. (p.293).

Sobre o espaço físico, há, no artigo, uma descrição do ambiente ideal para uma biblioteca infantil:

Muita luz, bastante ar, salas espaçosas e de pintura sugestivas à imaginação infantil, quadros e cartazes vistosos, estantes acessíveis, livros produtivos de belos coloridos. (p.293)¹⁰.

¹⁰ A Biblioteconomia enquanto curso ou disciplina de ensino era recente no país. O próprio Departamento de Cultura promoveu cursos anuais de Biblioteconomia, de 1936 a 1939, para atender essa lacuna. Em 1940 o curso foi transferido para a Escola Livre de Sociologia e Política, que o mantém até hoje. A moderna biblioteconomia, na época, influenciada pelo modelo americano, tinha como ideário servir mais ao leitor do



Sala de revistas e de empréstimo de livros da Biblioteca Infantil Municipal. (Fonte: Separata da *Revista do Arquivo Municipal*, número 64, de fevereiro de 1940).

Quanto à função da bibliotecária, é vista como de complementação do professor,

Deve aliar à calma perfeita, uma serena afabilidade e, principalmente, uma atitude amistosa capaz de atrair os pequenos leitores. [...] É, pois, indispensável, que a bibliotecária goste de estar entre crianças e livros, não lhe sejam desconhecidas todas as forças que exercem influência sobre o mundo infantil, participe dos seus interesses, saiba conduzir com firmeza e resultados, conheça literatura infantil adequada e seja estudiosa. (Refiro-me sempre à bibliotecária, porque sou de opinião que somente a mulher deve dirigir uma biblioteca infantil). (p.293).

O campo do trabalho feminino na época, como uma continuidade do papel de mãe, prolongou-se por muitas décadas. Foram nessas funções, de professora ou profissões afins

que preservar os livros, herança das antigas bibliotecas que se constituíram mais para o resguardo de acervos. O ambiente, o espaço arejado e adequado para os leitores eram diretrizes recentes para as bibliotecas, como também o acesso direto ao livro em estantes abertas e ao alcance das crianças, como dispunha a Biblioteca Infantil.

A primeira bibliotecária no Brasil, Adelpha Figueiredo formou-se em Ciências Biblioteconômicas na Universidade de Columbia, nos EUA, com uma bolsa oferecida pela American Association of University Women, entre 1930 e 1931. (Fonte: *Revista do Arquivo Municipal* n. 68, de julho de 1940, p. 208).

que se deu, naquele momento, a participação da mulher das camadas médias na população economicamente ativa¹¹.

Segundo o artigo, a Biblioteca Infantil possuía, em 1940, 3000 volumes, sendo 2814 de ficção, na maioria estrangeira, pela reduzida produção nacional em literatura infantil e juvenil e outros didáticos e de referência. Já havia atendido 6900 crianças. (p.294).

Diferentemente das bibliotecas infanto-juvenis públicas atuais, os livros de ficção eram maioria. Atualmente, os livros didáticos tomam grande espaço dessas bibliotecas, que muitas vezes substituem os das escolas públicas. Eu presenciei, durante os dois anos em que permaneci na Biblioteca Infanto Juvenil Monteiro Lobato, a utilização do espaço da biblioteca e dos livros para trabalhos escolares, tanto que nos períodos de datas comemorativas, as bibliotecárias já separavam os livros adequados que seriam procurados pelas crianças e jovens.

Sobre a organização da Biblioteca, indica o artigo,

Há na nossa biblioteca duas sessões completamente distintas: uma parte de livros fixos, para ser lida nas nossas salas de leitura, e outra, circulante, que depois de ser desinfetada convenientemente em forno elétrico, pode ser levada pelas crianças, uma vez que tenham, para isso, autorização dos pais. (p.294).

E adiante,

Com o máximo cuidado, foram todas as obras revistas e selecionadas, de maneira a evitar a presença de livros que possam falsear a compreensão moral ou cívica daqueles a quem devemos não só instruir, mas também, educar. (p.295).

A preocupação com a adequação de livros para crianças, na época, constava na já mencionada primeira *Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil em Língua Portuguesa*, publicada por Lenyra, indicando a faixa etária para cada livro e já era um filtro do que seria permitido. Juntamente com a propagação da literatura infantil, buscavam-se critérios de sua

¹¹ Sobre a questão da profissão feminina e a educação, verificar, entre outros: Luis PEREIRA (1963) *O Magistério Primário na Sociedade de Classes* e M. Cândida Delgado REIS (1993) *Tessituras de destinos: mulher e educação em São Paulo - 1910/20/30*.

aplicação. Nas correspondências arquivadas na biblioteca, muitos livros infantis e juvenis eram enviados à Lenyra para sua apreciação.

Os livros mais lidos na Biblioteca eram registrados, tanto os consultados quanto os retirados como empréstimo permitindo, mensalmente, uma estatística do número de livros, títulos e autores mais procurados. Essa informação, da administração da Biblioteca, o jornal *A Voz* trazia em suas páginas, como já foi demonstrado.

A Biblioteca possuía duas fichas para identificação: uma ficha de matrícula, em que todos os frequentadores eram registrados com dados pessoais: idade, endereço, escola, profissão do pai e data de nascimento. Esses dados serviram para a pesquisa, que indicou o perfil sócio-econômico desses frequentadores, em 1938. Essas fichas ainda encontram-se guardadas em um armário da Biblioteca.

Outra ficha era a de leitura (Anexo V), que indicava os livros lidos na biblioteca ou os de empréstimo, em que era exigido que as crianças resumissem seu conteúdo e dessem alguma opinião sobre o livro lido. Elaborar fichas de leitura era uma prática escolar, que levava os alunos a aprender, a resumir, a criar o hábito de sintetizar, de ordenar logicamente, como também a se conscientizar da importância do livro e da leitura. Prática essa que, sem dúvida, trouxe importante contribuição, facilitando a escrita e o entendimento de textos.

Sobre as fichas de leitura na escola, o trabalho de Vidal (2001, p. 238) aponta essa prática e sua contribuição para a formação do educando, a partir de algumas entrevistas. Segundo essa autora,

É interessante perceber que os hábitos de leitura incentivados nas escolas do Instituto (de Educação do Distrito Federal) influenciaram a vidas das alunas. As entrevistadas, todas, acabaram optando por uma vida acadêmica. Escreveram livros, viajaram pelo país disseminando seus conhecimentos, continuaram os estudos participando de programas de pós-graduação.

Na Biblioteca, as fichas de leitura eram incentivadas, não pela nota, como na escola, mas premiavam-se as melhores fichas em comemorações ou concursos internos e, algumas vezes, eram publicadas no jornal da biblioteca.

Essas fichas de leitura se perderam, mas serviram de base para uma pesquisa, na época, intitulada: *Algo do que as crianças gostam de ler – estudo de dois livros preferidos*

por meninos e meninas, realizada em 1939, pelo Laboratório de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade São Paulo e com a colaboração da Biblioteca Infantil.¹²

A pesquisa elegeu quinze títulos infantis cujos enredos foram aproveitados para o cinema, critério justificado pelo teor do estudo que visava conhecer os efeitos recíprocos entre o livro e o filme. A partir das fichas dos freqüentadores da Biblioteca Infantil, desde julho de 1936 até 1939, desses quinze títulos, dois apareceram com mais freqüência: *Mulherzinhas*, de Louise May Alcott e *O Rancho do Fantasma*, adaptação de A. Brussolo. O relato do método e andamento da pesquisa é longo e bastante minucioso. Vale esse apontamento para demonstrar a preocupação presente, naquele momento, quanto a influência da leitura na população infantil e sua importância para a educação e formação da personalidade.

Penteado (2001, p. 39) no capítulo que antecede a análise da obra *Cazuza*, de Viriato Correa, objeto de sua pesquisa, aponta os passos da literatura infantil no Brasil, assinalando que nos anos 30 e 40, essa literatura,

[...] evidenciava seu claro compromisso com o ensinamento e com a formação, em virtude de seu caráter eminentemente pedagógico, didático. Assimilada pela escola, que passou a destinatária fundamental da produção dos livros infantis, escola e literatura irão, aliados, propagar os ideais que deveriam ser incutidos desde a infância para a formação dos pequenos cidadãos.

A finalidade educativa da literatura infantil foi priorizada na Biblioteca já que todos os projetos que envolviam a criança e o jovem giravam em torno da leitura.

Além do relato sobre o funcionamento da biblioteca na sua ação em oferecer e estimular a leitura, o artigo de Lenyra descreve outras sessões oferecidas às crianças em relação ao entretenimento, a atividades conjuntas e lúdicas, sem deixar de lado a sua função de instruir. Destaca-se a Filatelia e Numismática que, a partir de doações, selos e moedas do Brasil e de outros países eram classificadas, *com a cooperação das crianças*, (p.299) e uma sessão de gravuras que, pela descrição, seria a atual Hemeroteca, com recortes de

¹² Com autoria de Betti KATZSENSTEIN e Beatriz de FREITAS. a pesquisa está publicada na *Revista do Arquivo Municipal* n. 77, de junho e julho de 1941.

jornais e revistas e 20.000 gravuras arquivadas por assunto. Esse material, segundo o artigo, era procurado por professoras normalistas para ilustrarem suas aulas.

Eram oferecidos também *jogos educativos e recreativos*, com a organização de torneios de damas e xadrez e sessões de cinema projetadas,

[...] com aparelhamento moderno que permite, a semelhança dos nossos bons cinemas, a exibição de 'films' sonoros. A sala de projeção que também era destinada a festas, com capacidade para 150 crianças, oferecia duas a três sessões de cinema as quartas feiras, tamanha a procura. Mickey, Popeye, Pato Donald e todos os habitantes do maravilhoso mundo colorido, criado por desenhistas extraordinários, não tem mais segredo para as nossas crianças, e entusiasmada: O lápis mágico de Walt Disney, a mais recente e espantosa revelação do cinema.(p.299).

Arte recente no país, o cinema chamou a atenção pela influência que exercia sobre crianças e jovens e foi muito utilizado, nos anos 30, como instrumento educativo dentro das novas concepções de educação.

Segundo a tese *Cinema Sonoro e a Educação* apresentada ao concurso para Técnico de Educação e publicada em 1939: *O filme educativo sonoro tem lugar de destaque ao lado dos modernos processos de educação.* (Araujo,1939, p.59).

Em São Paulo, o cinema educativo foi incentivado por Lourenço Filho em 1931, como projeto para equipar as escolas com aparelhos de projeção. Criado por Gustavo Capanema em 1936, o Instituto Nacional do Cinema Educativo passa a fazer parte da nova organização do Ministério da Educação e Saúde em 1937, durante o Estado Novo, sendo utilizado também como propaganda política.

Na Biblioteca, o cinema era uma atividade lúdica, mas de acordo com os registros nos arquivos da Biblioteca, às sessões de cinema *sonoro*, por exemplo, que aconteciam às quartas-feiras (havia duas a três sessões nesse dia), somente eram admitidas crianças que tivessem permanecido na sala de leitura durante um tempo determinado. Essas crianças tinham direito a uma ficha de ingresso ao cinema, demonstrando que todas as atividades eram controladas e obedeciam a regras voltadas para a ação educativa.

Nas escolas, o cinema servia como instrumento de aprendizagem, como recurso para atividades didáticas, junto com o cinema chamado de extra-escolar, que instruía em relação à saúde, aos males do álcool, à tuberculose, à higiene etc.

Lembrando questões atuais quanto ao uso das novas tecnologias e a educação, havia uma preocupação em relação ao cinema substituir o professor. Assim se expressa Araújo (1939, p. 59):

Muita gente imagina que num futuro mais ou menos próximo, o filme falado poderia substituir o mestre. É hipótese absolutamente errada. É absurdo pensar que um meio mecânico possa substituir o espírito humano para a formação espiritual dos povos. (grifo do autor).

A Biblioteca promovia festas comemorativas alusivas a fatos históricos, personagens nacionais, dia do trabalho etc., com a finalidade de *incentivar, dessa maneira, o amor as coisas nossas, solidificando conhecimento ainda as vezes não bem definidos.* (p.301).

Palestras, poesia, o *orfeão* das crianças, dirigido pelo maestro Martins Braunwiser,¹³ audições musicais e uma peça de teatro que Lobato escreveu especialmente para ser interpretada pelas crianças da Biblioteca, *O Museu da Emília*, eram atividades constantes.

A Hora do Conto, com a participação de escritores e professores, como Thales Castanho de Andrade e Vicente Guimarães, tinha a função de incentivar o gosto pela leitura e aproximar a criança do escritor.

O objetivo principal da Biblioteca, a prática da leitura, era acompanhado de outras ações. Promoviam-se excursões a fábricas, a museus, visitas ao Instituto Butantã entre outras. Uma primeira excursão, em 1936 a Campinas, em comemoração ao centenário de nascimento de Carlos Gomes, foi fartamente comentada, com fotografias e depoimento das crianças.

Todas essas atividades estão documentadas na forma de fotografias, recortes de jornais, correspondências e foram assunto no jornal *A Voz da Infância*, e muitas, na grande imprensa.

¹³ O canto orfeônico foi considerado uma prática educativa, fazendo parte dos currículos escolares. Na transcrição de uma conferência de Villa-Lobos em 1936, em Praga, está indicado que: *O canto orfeônico, praticado pelas crianças e por elas propagado até os lares, nos dará gerações renovadas por uma bela disciplina da vida social, em benefício do país, cantando e trabalhando, e ao cantar, devotando-se a pátria.* Cf. Simon SCHARTZMAN (2000, p. 108) *Tempos de Capanema*. Villa-Lobos foi considerado o músico oficial do regime Vargas e esteve à frente da administração musical durante o *Estado Novo*, criando o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico em 1942.

Sobre o jornal *A Voz*, Lenyra o descreve como uma das atividades da Biblioteca. Transcrevo o parecer do artigo sobre o jornal e sua organização, para expor como era vista essa publicação por quem incentivou, apoiou e participou do projeto de sua produção.

Segundo o artigo:

Por iniciativa das crianças, foi fundado um jornalzinho A Voz da Infância, órgão oficial da Biblioteca Infantil. O primeiro número saiu no dia 10 de julho de 1936. Publica quaisquer trabalhos dos consulentes, desde que sejam aprovados pela diretoria, constituída de 10 membros e renovada anualmente. Para preenchimento das vagas verificadas, submetem-se os candidatos a provas escritas examinadas pelos diretores que se servem dos mesmos processos usados pelos ginásios nos exames de promoção: os nomes dos candidatos são destacados dos respectivos trabalhos. Fazem parte da diretoria os melhores elementos dentre os freqüentadores da Biblioteca. Não bastam as tendências literárias para que dela participem; é julgado indispensável para atingirem os cargos mais elevados, a freqüência regular e atividade de cooperação. Teem plena liberdade de agir, sendo necessária a minha intervenção apenas para esclarecimento que por vezes são necessários. Os trabalhos apresentados pelos colaboradores, artigos e ilustrações, são semanalmente julgados. De todas as reuniões realizadas, são feitas atas que patenteiam o valor e a responsabilidade que as crianças assumem, timbrando em desempenhar perfeitamente as atividades a seu cargo. (p.302).

Adiante, Lenyra transcreve uma Ata de reunião do jornal, que lhe pareceu mais interessante. Na descrição do jornal *A Voz* apresentei a Ata de sua fundação, por isso não me pareceu necessária a transcrição de uma Ata escolhida especialmente para um artigo. Lenyra descreve o jornal como iniciativa das crianças que freqüentavam a biblioteca. Essa foi uma forma ideal de apresentar o jornal e as crianças, pois, como já vimos no decorrer da descrição do *A Voz*, no ato de criação do DC, no parágrafo sobre a Biblioteca Infantil, estava previsto um jornal para as crianças, como também, na comemoração do terceiro aniversário do jornal, há uma saudação, que transcrevo a seguir, aos funcionários da Biblioteca pela sua participação no jornal, indicando a influência da direção da Biblioteca na sua produção,

[...] quero lembrar-vos que devemos dar um viva mais forte ainda as pessoas que desde o principio instruíram os diretores e que não poupam esforços, não só guiando o corpo do jornal, como também orientando todos os

freqüentadores da Biblioteca Infantil; são elas: D. Lenyra, D. Haydee e D. Noemia. (A Voz, n. 36, jul.1939).

A Biblioteca oferecia atividades complementares à educação escolar. Era uma instituição com normas, certa disciplina, não obrigatória, mas que mantinha projetos envolvendo os jovens para que a freqüentassem e permanecessem em seu espaço. As atividades promovidas pela Biblioteca, em torno da leitura, tinham um caráter pedagógico, obedecendo as recentes diretrizes quanto ao processo de aprendizagem, de participação da criança e do envolvimento a partir de atividades pessoais, diretrizes da *Escola Nova*. Em sua pesquisa sobre o livro como recurso de aprendizagem Vidal (2001, p. 202) ressalta que *nos discursos da década de 30, emergia o desejo em destacar a importância do livro para ensino renovado. A associação dos novos métodos ao ensino ativo parecia afastar o livro como recurso didático*, indicando que o livro, na época, não tinha outras funções além de mediador ou auxiliar da educação escolar.

No dizer da *Escola Nova*, o processo de aquisição do conhecimento, diferentemente da escola tradicional, surge da ação da criança, a *escola ativa*, (Lenyra, sobre a biblioteca, usa o termo *escola da iniciativa*), movimento de renovação escolar que se desenvolveu em vários países e chegou ao Brasil na década de 20.

Sobre a *Escola Ativa*, Lourenço Filho (1978, p. 151), um de seus precursores no país, afirma:

[...] aprende-se observando, pesquisando, perguntando, trabalhando, construindo, pensando e resolvendo situações problemáticas apresentadas, quer em relação a um ambiente de coisas, de objetos e ações práticas, quer em situações de sentido social e moral, reais ou simbólicos.

As propostas de trabalho da Biblioteca atendiam a necessidade de despertar o interesse da criança, indicando a semelhança com os princípios da *Escola Nova*, considerados processos mais criativos e menos rígidos do que as práticas educacionais tradicionais. Lourenço Filho (1978, p. 165) indica que, *só impelida por interesses reais, chega a criança a ser auto-ativa ou auto-educadora [...]*.

Em São Paulo, segundo Lourenço Filho (1978, p. 175-176), as escolas pioneiras na aplicação dos novos métodos de aprendizagem foram a Escola Experimental Rio Branco, a Escola Modelo, anexa à escola Normal da Praça da República, hoje Instituto Caetano de

Campos e a Escola Americana, atual Instituto Mackenzie, primeiramente nos cursos primários. Somente na década de 40 as idéias da renovação atingiram o ensino médio. Essas escolas citadas, sendo duas particulares, eram as escolas freqüentadas por boa parte das crianças e jovens da Biblioteca, pela proximidade geográfica: localizavam-se no mesmo bairro da Biblioteca, a Vila Buarque.

Na sua exposição sobre a *Escola Nova*, Lourenço Filho (1978, p.199) relata uma experiência com alunos do curso primário na Escola Experimental Rio Branco, sobre a *técnica dos projetos*, como procedimento didático, desenvolvida por John Dewey, indicando que o sistema de projetos foi desenvolvido como recurso didático e prima pela participação do aluno, o que promove sua motivação e a aprendizagem com objetivos definidos. Ainda sobre sua experiência na Escola Rio Branco, Lourenço Filho (1978, p.210) aponta que *o projeto implica ensino globalizado [...] e o papel do mestre como conselheiro discreto, (que) encaminha, estimula, sugere.*

Segundo a descrição de Lourenço Filho, há muita semelhança entre a técnica dos projetos como recurso didático e a atividade do jornal: a organização e iniciativa das crianças, claro que induzidas pela Biblioteca e a forma de participação; a utilização de várias áreas do conhecimento; o trabalho em conjunto e o papel da diretora da Biblioteca como um mestre, indicando uma concepção de educação, mesmo que fora da escola.

Na discussão sobre o caráter pedagógico da escola tradicional e da *Escola Nova*, Saviani (1985, p. 13) indica que, nessa última, a aprendizagem,¹⁴

Seria uma decorrência espontânea do ambiente estimulante e de relação viva que se estabeleceria entre os alunos e entre estes e o professor. [...] a feição das escolas mudaria seu aspecto sombrio, disciplinado, silencioso e de paredes opacas, assumindo um ar alegre, movimentado, barulhento e multicolorido.

A Biblioteca, como instituição educativa, cumpriu o papel de extensão da educação escolar no momento em que outras instituições, além da escola, se empenharam em participar da formação de crianças e jovens. A procura da compreensão da criança como

¹⁴ O estudo de Saviani nos informa sobre as teorias da educação enquanto propostas pedagógicas, agrupando a Pedagogia Tradicional e a Pedagogia Nova, que se destacaram no período proposto neste trabalho, como teorias não críticas da educação. Cf. Dermeval SAVIANI, *Escola e Democracia*, 1985, p. 11-14.

um todo, a ação intencional de educar, de formar a personalidade a partir da contribuição da biologia e da psicologia e o ambiente propício aos novos parâmetros educativos permeou todo o projeto da biblioteca.

Foi pioneira pela sua ação educativa de complementação escolar e buscou, nos princípios da educação moderna, a prática de proporcionar conhecimentos e incentivar a presença de crianças e jovens através de atividades participativas. Segundo os novos parâmetros educacionais do momento, a aprendizagem surgia de um processo ativo e isso a biblioteca proporcionava. As atividades pessoais das crianças indicam isso.

Saviani (1986, p. 14), sobre a propagação da pedagogia da *nova escola* nos indica que,

[...] a “Escola Nova” organizou-se basicamente na forma de escolas experimentais ou como núcleos raros, muito bem equipados e circunscritos a pequenos grupos de elite. No entanto, o ideário escolanovista, tendo sido amplamente difundido, penetrou nas cabeças dos educadores acabando por gerar conseqüências também nas amplas redes escolares oficiais organizadas na forma tradicional. Cumpre assinalar que tais conseqüências foram mais negativas que positivas uma vez que, provocando o afrouxamento da disciplina e a despreocupação com a transmissão de conhecimentos, acabou por rebaixar o nível do ensino destinado às camadas populares as quais muito freqüentemente têm na escola o único meio de acesso ao conhecimento. Em contrapartida, a “Escola Nova” aprimorou a qualidade do ensino destinado às elites.

Esses dados sobre a *Escola Nova* se identificam com o projeto educativo da Biblioteca, que pela sua localização na época e seu propósito de atendimento à criança letrada favorecia as camadas médias da população, como já indicado.

Os objetivos que na época deveriam ser alcançados pela educação, de uma forma geral, tais como desenvolver aptidões e capacidades; servir como instrumento de mobilidade social; capacitar para o desenvolvimento, através da profissionalização que exigia melhor habilitação e a possibilidade de ingresso nos cursos universitários estavam contemplados na Biblioteca, mesmo na sua condição de instituição não escolar, na medida em que seu espaço, prestigiado, envolvia as crianças através de concursos internos, incentivando o hábito da leitura, promovendo congressos infanto-juvenis de literatura e mesmo a participação em um jornal que foi veiculado e distribuído de forma ampla.

Lajolo (1985, p. 76), sobre a finalidade educativa da literatura infantil e os ideais da classe média, indica,

Para esse grupo (a classe média) a educação é um meio de ascensão social e a literatura, um instrumento de difusão de seus valores, tais como a importância da alfabetização, da leitura e do conhecimento (configurando o pedagogismo que marca o gênero) e a ênfase no individualismo, no comportamento moralmente aceitável e no esforço pessoal.

A ilustração, aqui entendida como uma educação mais aprimorada, envolvendo não somente a escola, a Biblioteca cumpriu. O livro e a leitura foram atividades incentivadas pela própria função da biblioteca. Os dois parágrafos a seguir, tirados do jornal *A Voz*, fornecem uma amostra desses valores:

(Meu divertimento preferido) Meu divertimento preferido é a leitura. Quando leio parece que sou um dos personagens do livro, e com isso me divirto muito.[...] Assim através de leituras interessantes, vou me distraindo e ilustrando o espírito. (A Voz, 12 anos).

Ler é o supremo bem da vida. Aprendam o amor a boa leitura. É lendo bons livros que a inteligência se apura e o caráter se forma. Procurem conhecer os bons livros, que muito terão a lucrar. (A Voz, n.23, maio.1938).

A Biblioteca Infantil implementou um projeto de educação abrangente e avançado, destinado à criança letrada e fez parte das diretrizes culturais do DC. Além da promoção da leitura, que por si só é uma prática educativa, a instituição propunha atividades diferenciadas, objetivando a formação moral, a instrução, como também, segundo sua diretora, incentivar a presença das crianças na Biblioteca. Através da análise do jornal *A Voz*, a abrangência dessa ação educativa será resgatada.

CAPÍTULO III

A PRESENÇA DE SÃO PAULO

Oh! este orgulho máximo de ser paulistamente!!!
Paulicea desvairada - Mário de Andrade

No *A Voz*, boa parte dos temas abordados refere-se à cidade e ao Estado de São Paulo, enaltecendo-os frente ao país e homenageando seus personagens históricos, políticos e intelectuais. Lançado em 1936, em um momento ainda recente das consequências da Revolução Constitucionalista de 1932, o jornal revela um forte regionalismo vinculado ao que representou São Paulo enquanto Estado, com uma trajetória econômica e poder político hegemônico, desde os fins do século XIX até o término da Primeira República.

As matérias sobre São Paulo se expressam primeiro, na forma literária, destacando a presença física da cidade nas décadas de 30 e 40, em descrições sobre o seu espaço urbano. Segundo, através dos feitos históricos de São Paulo, em que se evidencia a *locomotiva*,¹ no dizer de muitos, que se adianta ao país, conduzindo-o, como estado pioneiro, desbravador e propulsor do desenvolvimento.

Partindo do critério abordado na introdução deste trabalho de contemplar, na análise do jornal, os temas mais frequentes e que contribuam para o entendimento de uma época, o

¹ Joseph LOVE. (1982, p. 300) historiador americano, estudioso do período republicano brasileiro, sobre o regionalismo paulistano destaca a *Crença na superioridade de S. Paulo, idealizada como a locomotiva a puxar vagões vazios, como o centro dinâmico do progresso, num quadro de atraso generalizado.*

processo de urbanização de São Paulo e o regionalismo como manifestações presentes no jornal serão analisados estabelecendo-se as relações que expliquem seu contexto formador.

Por retratar o cotidiano, o espaço físico e a configuração de uma cultura urbana, o jornal *A Voz* é uma fonte de pesquisa que nos remete a alguns aspectos históricos da cidade de São Paulo. Sobre os estudos urbanos Hobsbawm (1998, p. 97) considera que uma cidade não se constitui por si só, não é autônoma. O próprio processo de urbanização, se estudado isoladamente, não constitui história, mas, *a história urbana pode revelar aspectos específicos de mudança e estrutura societal*, indica esse autor.

Em uma primeira abordagem, a partir de escritos no jornal, retomo alguns dados do ritmo de urbanização da cidade de São Paulo, fruto do desenvolvimento das forças produtivas que deslocou o eixo da produção de um modelo econômico agroexportador para o industrial. A configuração física da cidade acompanhou esse processo econômico e a arquitetura e o modo de vida de São Paulo chamam a atenção por suas mudanças radicais. Já no fim do século XIX houve um processo de transformação da cidade, decorrente das alterações econômicas, principalmente no que hoje é chamado *centro velho* ou *triângulo* da cidade.²

O modelo urbano em andamento demandava algum planejamento, preocupação com a malha viária, diferente do traçado estreito e irregular do período colonial. O processo de industrialização e conseqüente urbanização, nos primeiros anos do século XX, transformaram rapidamente a cidade, que vivenciou, nesse período, seu primeiro surto de crescimento e transformação urbana, decorrente de uma longa trajetória de mudanças econômicas, vinculadas à exportação e à cultura do café.

Produto primário, a agricultura do café se desenvolveu na segunda metade do século XIX, na região centro-sul: Rio de Janeiro, parte de Minas Gerais e São Paulo. O crescimento populacional e a expansão física da cidade de São Paulo aconteceram a partir de 1890, já com o produto financeiro da comercialização do café. O período agro exportador,³ que regeu a economia brasileira durante quatrocentos anos, foi acompanhado

² Rua Direita, rua XV de Novembro e rua São Bento, local em que a cidade de originou e que representou, até o início do século XX, o São Paulo rural, metrópole do café.

³ Florestan FERNANDES, em *Revolução Burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976, traz uma análise do papel da aristocracia agrária do setor cafeeiro no processo de mudanças desencadeado nas primeiras décadas do século XX.

de um processo de industrialização descontínuo nas primeiras décadas do século 20, sendo a acumulação do setor cafeeiro, em grande medida, responsável pela industrialização, que se expandiu a partir da década de 30.

Diferentemente da produção agrária, mais esparsa, a atividade fabril implicou na delimitação e na ocupação mais densa do espaço físico, acentuando a urbanização de núcleos já formados nos locais próximos a essa produção ou nos seus mercados consumidores. A urbanização representou, naquele momento, uma divisão de trabalho entre o campo, produção agrícola e a cidade, atividade fabril e apresentou necessidades sociais novas com o crescimento de uma burguesia industrial e a emergência das camadas médias e dos trabalhadores fabris. A expansão da cidade de São Paulo estava atrelada ao incremento de um mercado urbano, constituindo-se referência tanto de produção quanto de consumo.

Deslocaram-se para a cidade o centro do poder, as atividades administrativas, o setor financeiro já iniciado com o empreendimento comercial do período colonial, ou seja, o *antigo urbano* (Patarra, 1995, p. 260) deu lugar ao modelo moderno de cidade, centro de decisões. A autonomia política e administrativa das diversas regiões do país, oriundas da primeira república, veio ao encontro do modelo agroexportador que, pela especificidade do processo produtivo, mercantil e voltado à monocultura, acentuou os regionalismos. Nos anos 30, o modelo político administrativo regionalista foi substituído por um modelo centralizador, que incentivou o processo de produção industrial.⁴ À intervenção do Estado na economia assiste-se ao crescimento da burguesia industrial.

A industrialização se concentrou em determinadas regiões do país, já propícias, pela ação da produção agroexportadora, aos investimentos para o incremento da indústria, atividade econômica mais dinâmica. Vários aspectos explicam a industrialização de São Paulo, aspectos que não podem ser vistos isoladamente, pois fizeram parte de um amplo processo de desenvolvimento das forças produtivas. Entre outros, a questão da infraestrutura já montada, como a rede ferroviária; o porto de Santos; a rede elétrica a partir de 1891, com a iluminação pública; a constituição de um mercado consumidor mais numeroso

⁴ Sobre a industrialização em São Paulo, verificar, entre outros: MARTINS, J. S. *O cativo da Terra*. S. Paulo, Ed. Ciências Humanas, 1979. FURTADO, C. *Formação Econômica do Brasil*. S. Paulo, Cia Ed. Nacional, 1977. SILVA, S. *Expansão cafeeira e origens da Indústria no Brasil*. S. Paulo, Alfa Omega, 1976. CANO, W. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. RJ, Difusão Européia, 1977. DEAN, W. *A industrialização de S. Paulo*. S. Paulo, Difusão Européia, s.d.

e com maior poder aquisitivo; a mão-de-obra constituída por imigrantes estrangeiros (estímulo à imigração européia) e pela migração interna (significando que o desenvolvimento local afetou outras regiões do país), a partir da década de 20 e, também a acumulação decorrente da comercialização do café e de alguns imigrantes que se estabeleceram em São Paulo já com algum capital. O modelo industrial foi, em um primeiro momento, induzido pelo setor exportador (Cano, 1998); após 1930, esse modelo foi o de substituição de importação e de bens não duráveis e a implantação de produtos considerados de interesse nacional, como o aço e o petróleo.⁵

Alguns dados quantitativos da urbanização de São Paulo explicam esse processo no início do século XX, como a expansão de uma rede de transportes urbanos paralelo afora o bonde, a partir de 1926, já com 8.957 ônibus; em 1939, a cidade contava com 18.582 automóveis de passageiros (Simões, 1940) e a população crescia rapidamente: em 1890 havia, segundo um recenseamento, 64.034 habitantes e em 1917, 500.000 habitantes. (Azevedo, 1958, p. 8-10).⁶

A industrialização se desdobrou em outros setores da economia, ampliando o mercado de trabalho urbano. Segundo Cano (1998, p. 118), a taxa anual de trabalho urbano no país entre 1920 e 1940 era 2,9%; em São Paulo, no mesmo período, a taxa era de 4,5%.

Quanto à construção civil, em 1920 havia na cidade de São Paulo, 1.875 novas construções; em 1930, 3.922 e em 1940, 12 mil novas construções. (Morse, 1954, p. 293). Na década de 50 aumentou a verticalização da cidade, com edifícios de até 15 andares.

A questão da falta de uma política de zoneamento acompanhando o crescimento da cidade de São Paulo ainda é assunto de inúmeros urbanistas. Muitas críticas eram feitas, já nas décadas de 30 e 40, sobre os projetos e a legislação de construção, como também o

⁵ A implantação industrial anterior a 1930 não pode ser chamada de processo de industrialização. Só a partir de 1933 o movimento de acumulação industrial é o motor determinante da economia. A rigor, de 1933 a 1955, ela será uma industrialização restringida, dada a incipiente produção nacional de bens de produção e a continuidade, em grande parte, da dependência do setor primário-exportador em determinar a capacidade para importar aqueles bens. De 1956 em diante, com a implantação de alguns setores industriais pesados, se alteraria o padrão de acumulação. Cf. CANO (1998, p. 48).

⁶ Os números da população da cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX:

1920 – 579 033 habitantes

1933 – 1 000 000 habitantes

1940 – 1 258 482 habitantes

1950 – 2 198 096 habitantes

código de obras da cidade de São Paulo. Legislação pouco clara, fácil de ser burlada e também uma visão grandiosa de construção de grandes avenidas e viadutos, muitas vezes, sem uma planificação adequada, marcaram o crescimento da cidade. Uma imitação americana de crescimento urbano, com grandes edifícios e pouca preservação da memória arquitetônica, aliada à especulação econômica, aos movimentos migratórios, à falta de critérios urbanísticos, ao lado de um modelo copiado de urbanização, e eis uma cidade que desde o início de seu desenvolvimento apresentou um modelo de progresso, em relação à configuração da cidade, voltado às influências da especulação e do capital.

Essa grandiosidade e idéia de progresso eram um orgulho, na época, para os paulistanos, como nos mostra um artigo do jornal *A Voz*, com o título *Melhoramentos de SP*:

Há alguns anos atrás SP era uma cidade bonita, mas, faltava-lhe muita coisa para ser a grande metrópole que hoje é. As ruas acanhadas e estreitas se transformaram. Novas avenidas, novos viadutos; logo surgiram e São Paulo começa a tomar a moderna feição atual. O prefeito da cidade Sr. Dr. Francisco Prestes Maia prosseguindo a serie de melhoramentos iniciada pelo Dr. Fabio Prado, como a demolição do velho viaduto do Chá e a construção de um novo, de cimento armado além de outros, [...]. O estádio do Pacaembu, a avenida 9 de julho, a avenida Ipiranga, o túnel sob a Avenida Paulista ligando o bairro Jardim América a avenida 9 de julho, deram à cidade um aspecto grandioso. Capitalistas, estimulados pela ação do prefeito se encorajaram e São Paulo está cada vez maior, chegando a construir de 7 a 8 prédios por hora. Assim São Paulo progride dia a dia e continuará por muito tempo, para alegria e orgulho nosso. (A Voz, n.56, fev.1941), (10 anos).

São Paulo, por ter se constituído centro industrial atraiu, em um país com desigualdades regionais e crescimento desigual, privilegiando e sacrificando regiões nos diferentes estágios de desenvolvimento, uma população de migrantes que se estabeleceu e ainda se estabelece na cidade na busca de oportunidades de trabalho e sobrevivência.

O modelo de urbanização de Prestes Maia, na década de 30, prefeito da cidade durante sete anos e considerado um dos incentivadores da 'grandiosidade' da cidade, previa grandes avenidas, arranha-céus e viadutos. Como bem coloca Rubino (1995), a aura de

prefeito da cultura ficou para Fábio Prado muito em função do seu sucessor, Prestes Maia, imprimir uma visão técnica de administração, privilegiando obras viárias e outras.⁷

São Paulo foi naquele momento reconhecida como uma cidade moderna e internacional. Existem algumas visões que se contrapõe a esse processo de desenvolvimento urbano rápido ou extraordinário, protótipo de metrópole efervescente, como constata Ernani Bruno (1954, p. 28), [...] *cidade provisória, nada dura, sempre em mudança, com um crescimento desordenado*.

Talvez seja esse um dos motivos por que as descrições sobre a cidade de São Paulo da década de 30, presentes no jornal *A Voz*, nos remetam à nostalgia de um tempo, quem sabe idealizado, principalmente para os de origem paulistana.

Hobsbawm (1998, p. 17), sobre a idealização do passado, afirma que, *o passado é um elemento essencial. Se não há nenhum passado satisfatório, sempre é possível inventá-lo*.

Assim, poderíamos chamar de crônicas a narração de alguns aspectos da cidade escritos no jornal. Antonio Cândido (1991, p. 5), no prefácio do volume n. 5, da coleção *Para gostar de ler*, aponta a crônica como *um gênero menor. Graças a Deus, seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica mais perto de nós*, complementa o autor. Realmente, a forma simples, a proximidade com o cotidiano e a despreensão desses escritos esbarram na definição de Cândido: *(a crônica) não tem pretensões de durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa*.

Transcrevo, a seguir, algumas dessas crônicas sobre a cidade de São Paulo, que aparecem no jornal, principalmente nos anos 30, demonstrando um certo romantismo na descrição de suas praças e tardes ensolaradas. Esses escritos, em forma de *descrições* e *composições*, práticas escolares utilizadas em boa parte das atividades da Biblioteca, expõem em seu conteúdo uma visão lúdica da cidade.

⁷ Fábio Prado foi prefeito da cidade de São Paulo entre 1934 e 1938. Prestes Maia assumiu a prefeitura entre 1938 e 1945 e novamente de 1961 a 1965. As obras de urbanismo de Fábio Prado incluíam preocupações com a vida cultural da cidade: a abertura da Av. 9 de Julho; a reforma do Viaduto do Chá; o início da construção do Estádio do Pacaembu e a construção de um novo prédio para abrigar a Biblioteca Pública Municipal, atual Mário de Andrade, como também galerias de arte. Segundo Paulo DUARTE (1986, p. 50) *Prestes Maia tinha ojeriza aos projetos do Departamento de Cultura. Maia paralisou a construção do novo prédio da Biblioteca Pública, retomando em 1941 e não obedecendo ao projeto inicial de suas torres e ambiente climatizado, para baixar custos. Finalizou o Estádio do Pacaembu*.

Uma descrição dos jardins da cidade em artigo que homenageia Fábio Prado, então prefeito e o chefe de Divisão de Parques e Jardins da Prefeitura, sob o título *A Beleza dos jardins paulistanos*:

[...] a praça Marechal Deodoro. Esta praça foi cortada para o alargamento da Av. São João, em nada sofreu com esta operação, pois os seus canteiros atuais são verdadeiros encantos. Mostra aos seus frequentadores uma grande quantidade de flores bem variadas [...] O jardim da Av. Paulista (com) canteiros cobertos de rosas convidam pelo aroma ao transeunte a sentar sob a sombra de suas frondosas árvores. O Jardim da Praça da República e da Praça Princesa Isabel [...] possuem lindos arbustos cujas flores a certa distancia não se sabe se são flores ou folhas. Outro jardim é o da Luz, principalmente no canteiro da secção das rosas. (A Voz, n 15, set.1937, 13 anos).

E outra descrição de uma das praças movimentadas da cidade, na época:

(O largo do Arouche) Um dos largos mais atraentes que existe em São Paulo ... É espaçoso e bem alegre [...] uma parte ajardinada e outra só arborizada. [...] calçada com pedrinhas coloridas, formam lindos desenhos. Este largo é muito movimentado por auto-ônibus e bondes, automóveis e carroças. Os dias de maior movimento são quartas e sábados por causa da feira [...] o vai e vem de pessoas interessadas nas compras e até mesmo para dar um passeio. Passarinhos que aproveitam os restos da feira, nas frestinhas do calçamento[...]. (Descrição). (A Voz, n. 2, set.1938, 10 anos).

Esses exemplos permitem entrever a própria vivência dessas crianças e jovens em uma cidade que se transforma.

As mudanças que a cidade de São Paulo sofreu nos seus aspectos físicos foram acompanhadas por uma *cultura urbana*, representada pelo ritmo e intensidade da vida metropolitana. O acesso a meios de transportes mais rápidos e de comunicação mais desenvolvidos, a bens culturais e de consumo e a ocupação dos espaços públicos conferem a São Paulo um aspecto moderno e progressista, a sua metropolização. Indico aqui cultura no sentido lato: são modos de ser, hábitos, manifestações compartilhadas por um grupo. No caso do Brasil, a cultura urbana como fato recente. (Bosi, 1992).

Na discussão sobre o sentido dos termos colônia, culto e cultura, Bosi (1992, p. 16-17), refere-se à cultura, em seu significado mais geral, *como o conjunto das práticas, das*

técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social.

Na apreensão do termo nas sociedades urbanas, esse autor destaca que cultura

[...]foi tomando também o sentido de condição de vida mais humana, digna de almejar-se, termo final de um processo cujo valor é estimado, mais ou menos conscientemente, por todas as classes e grupos. [...] Cultura supõe uma consciência grupal operosa e operante que desentranha da vida presente os planos para o futuro. [...] a partir do século XVIII aproximam-se e às vezes, fundem-se as noções de cultura e progresso. (grifos do autor).

Em São Paulo, um novo contexto cultural estava em andamento desde as primeiras décadas do século XX, um outro estilo de vida e uma sociedade menos estratificada e estável moldavam a vida na cidade, com as novas exigências e necessidades advindas do desenvolvimento do mercado interno, do crescimento da população e da elevação de seu padrão de vida. Sobre as rápidas e intensas mudanças que a cidade de São Paulo sofreu nos primeiros anos do século XX e o impacto que produziu para boa parte da população Sevcenko (2000, p. 40) assinala que

[...] a nova metrópole emergente era um fenômeno surpreendente para todos, tanto espacialmente, por sua escala e heterogeneidade, quanto temporalmente, tão absoluta era a sua ruptura com o passado recente. Afora uma inexpressiva minoria que desfrutava o raro privilégio das viagens internacionais, a maciça maioria da população ignorava a experiência de viver numa metrópole, até o momento em que foi inadvertidamente envolvida numa.

O homem urbano adquiriu novos hábitos como mostram as preocupações com habitação, alimentação, saneamento e higiene⁸ que se tornaram assuntos de pesquisas nas décadas de 30 e 40.

A Escola de Sociologia e Política e o Laboratório de Psicologia da Universidade São Paulo participaram de várias pesquisas sobre hábitos da população da cidade, além das

⁸ Sobre o Instituto de Higiene, ver Heloisa H. ROCHA (2001) *Higienização dos Costumes: educação escolar e saúde no Projeto do Instituto de Hygiene de SP (1918-1925)*. Este Instituto participou de algumas pesquisas sobre os hábitos da população de São Paulo.

pesquisas sócio-econômicas já mencionadas sobre a população infantil. A maioria dessas pesquisas foi proposta pelos poderes públicos municipais, por intermédio da Divisão de Estatísticas e Documentação do Departamento de Cultura, com o objetivo de ordenar o espaço urbano a partir dos dados obtidos e implementar políticas públicas.⁹ O teor dessas pesquisas demonstrava que a cidade, espaço urbano desordenado, com rápido crescimento, população heterogênea e contínuo processo migratório, precisava ser conhecida. Juntamente com a higienização, o saneamento e planos urbanísticos, indícios de um modo de vida civilizado, intencionava-se imprimir condutas condizentes com o novo modelo moderno de cidade.

Essas pesquisas integraram um momento de reorganização das relações de trabalho em moldes industriais e urbanos, respaldadas pelo ideário da racionalização e representado pelo IDORT.¹⁰ Antonacci (1993, p. 6) examina a administração científica que envolveu tanto empresas quanto à administração pública e norteou suas políticas pela investigação sobre hábitos da população, com a intenção de *controle e disciplinarização social*. Segundo essa autora, *observa-se que a delimitação de novos e rigorosos métodos de trabalho, ao lado de novas condições de vida, geraram múltiplas e variadas intervenções em diferentes instâncias do social*.

O processo de ordenação e hierarquização social constituía a nova face do progresso e questões disciplinares e normativas envolviam o espaço público e o privado. O espaço urbano foi incorporado no dia-a-dia das pessoas e a sua ocupação representava um novo padrão de vida que dava o tom à cidade.

⁹ Essas pesquisas estão publicadas na *Revista do Arquivo Municipal*. Cito algumas como exemplo: *Pesquisa Padrão de Vida dos operários da cidade de São Paulo, em 1934*, coordenada por Horace DAVIS, *Revista* n. 13; *Pesquisa Padrão de Vida das famílias dos operários da Limpeza Pública da municipalidade de São Paulo de 1936*, coordenada por Samuel LOWRIE, da Escola Livre de Sociologia, *Revista* n. 19. (Essa pesquisa culminou com o aumento de salário dos funcionários da limpeza pública, motoristas e empregados da garagem municipal da cidade de São Paulo). *A alimentação da classe operária de São Paulo*, coordenada por Oscar E. de ARAUJO, *Revista* n. 69 agosto/1940. *Habitações de São Paulo: um estudo comparativo*, de Donald PIERSON, *Revista* n. 81 de janeiro/fevereiro de 1942. *Hábitos alimentares em São Paulo: um estudo comparativo*, de Donald PIERSON, *Revista* n. 98 de setembro/outubro de 1944. *Sondagem preliminar a um estudo sobre a habitação em SP*, *Revista* no. 139 de abril/maio de 1951, s. a.

¹⁰ Sobre o Instituto de Organização Racional do Trabalho - IDORT, Maria M. ANTONACCI (1993, p. 17) indica que *esse instituto surgiu em São Paulo, em 1931, fruto da experiência acumulada, no decorrer da década de 20, por vários grupos envolvidos com questões da organização científica do trabalho, num momento de redefinição das práticas de dominação social*.

O centro comercial de São Paulo e seus apressados transeuntes, o protótipo da metrópole efervescente, estão contemplados em uma crônica, no jornal, sob o título: *A pça patriarca as 6 horas da tarde, num sábado*.

Seis horas da tarde; uma pálida lua envolvia a cidade [...] Na Praça Patriarca o movimento era intenso; as casas comerciais começavam a se fechar e seus empregados livres finalmente, apressavam-se para tomar o ônibus. Na porta do “Preço Fixo” vê-se um empregado atrapalhado com uma senhora [...] que quer ainda fazer uma ‘comprinha’, como diz ela. Em frente a casa “Fachada” encontra-se um elegante rapaz muito nervoso com a impontualidade de alguém. Os homens de negócio apressados... Bem ao contrario desses, parece um grupinho de estudantes que reunidos na Rua Direita, conversam despreocupadamente. Uma cena também interessante é a afobação das pessoas que estão em fila para esperar o onibus. Os jornaleiros com seus estridentes gritos [...] e é assim prezados leitores que eu encontro aos sábados a velha praça do Patriarca. (A Voz, n.39, set.1939).

O moderno passava também pelo automóvel, que chamava a atenção e assustava, além de representar *o último grau de ostentação* (Sevcenko, 2000, p.74). Uma descrição, no jornal, da atual Praça da Sé, enfatiza o automóvel,

[O largo da Sé] As 10 horas, são os luxuosos automóveis que fazem paradas as portas dos palacetes e escritórios particulares, deixando aqui um capitalista, ali um proprietário e mais além, um advogado, etc. (A Voz, n.41, nov.1939, 13 anos).

A rapidez desse novo meio de transporte fazia da velocidade algo ameaçador e o automobilismo tornou-se um culto na cidade, como indica a descrição, no *A Voz*, da primeira corrida de automóveis nas ruas paulistas. Sob o título *A Grande Corrida Automobilística de S. Paulo*,

12 de Julho! São Paulo todo amanheceu alvoroçado na expectativa de assistir a grande corrida de Automóveis; a 1ª. que se realizou em S. Paulo. Ninguém poderia supor o tristíssimo fim dessa corrida que foi tão bem começada. [...] Não fui a corrida mas seguí com interesse a irradiação [...] Já estava quase em seu final empolgante a grande prova quando o povo na ansia de aplaudir (Teffé que disputava o terceiro lugar com Helle Nice, corredora francesa) invadiu a pista. [...] o carro da volante francesa matou muitas pessoas e feriu outras. (A Voz, n. 3, ago.1936, 13 anos).

Algumas crônicas sobre a cidade relatam a presença feminina em suas ruas, fato recente e próprio de uma cultura urbana. A mulher que trabalha, que vai às compras, junta-se ao inédito da mulher que dirige um automóvel nos anos 30.

[O largo da Sé]: O largo da Sé varia de aspecto conforme a hora e conforme o dia. Logo pela manhã começam os pregões dos jornais e aparecem as primeiras caras femininas: costureiras que vão ao caminho das oficinas, estudantes em demanda as escolas, enfim, é uma confusão de vozes de gente que se cruza irrequieta, na grande artéria comercial e central. (A Voz n.4, nov.1939, 13 anos).

E a audaciosa motorista:

De repente, com o apito desse guarda, que chama a atenção de uma pessoa, um carro para e uma jovem que fazia o papel de 'chauffeur' toda atrapalhada com a multa, quer explicar-se mas o guarda que não tem tempo para ouvir desculpas, dá por terminada a conversa, indo a pequena embora levando consigo a multa e deixando atrás vários curiosos. (A Voz, n. 39, set.1939).

Existem algumas críticas ferinas e definições jocosas a respeito da burguesia paulistana, na época. As palavras de Morse (1954, p. 235) revelam a imitação dos países centrais por parte da elite paulistana: [...] *complexo norte-americano de martinis, clubes noturnos, Cadillacs etc., substituindo as afetações francesas do passado recente.*

Um outro depoimento, o de Joel Silveira, (1943, p. 7-8) repórter carioca e autor de um artigo intitulado *Grã finos em São Paulo*, na *Revista Diretrizes*, de Samuel Wainer, em 1943, indica o desenvolvimento econômico da cidade.

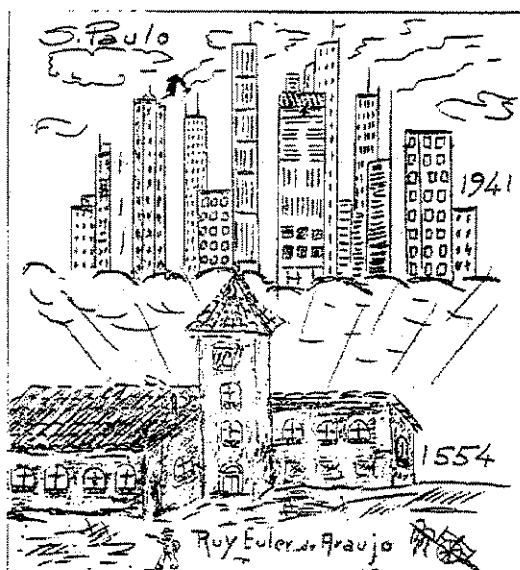
A riqueza em São Paulo, é sabido, vem de suas fábricas. Agora as fábricas estão trabalhando ainda mais, porque a guerra é exigente. Dia e noite, os motores não param. Há uma turma de operários que passa o dia inteiro diante dos motores. Quando chega a noite, a turma vai embora, muito cansada e chega outra que se cansará até de madrugada.

Além de uma descrição irreverente sobre uma certa elite, reunida em torno de vários grupos de *grã finos* da cidade de São Paulo, desde os quatrocentões até os imigrantes milionários, como os Matarazzo e que lhe conferiu várias inimizades pelos comentários

ferinos: *Os rapazes se vestem muito bem e telefonam de 5 em 5 minutos e conversam com Fifi, com Lili, com Lelé. Coquetéis, jóias, vida mundana, festas, recepções, uma carreira rápida de automóvel, jantares fascinantes [...].* (Silveira, 1943, p.12).¹¹

Os escritos no jornal *A Voz* descrevem a cidade de forma elogiosa e enaltecem o desenvolvimento pelo qual estava passando: a idéia de progresso a partir das grandes construções e avenidas, prevalecendo uma visão otimista e também um enaltecimento regional. O orgulho de pertencer a uma cidade que a olhos vistos demonstrava sua missão. *São Paulo, máquina do progresso, que conduz o Brasil para um grandioso e radioso porvir.* (*A Voz*, fev.1937). Ou sob o título *A cidade de S. Paulo*, uma matéria enaltecendo seu desenvolvimento,

Centro de arranha-ceus e de um grande movimento [...]. Aqui tudo é grande. Grande e belo. Magnitude deslumbrante e beleza encantadora. Si formos verificar de perto os movimentos das fábricas, constataremos que São Paulo é de fato o maior centro industrial da América do Sul. [...] (*A Voz*, n. 43, jan. 1940, 11 anos).



Capa do “A Voz da Infância” número 55, de janeiro de 1941, ilustrativa do desenvolvimento de São Paulo.

¹¹ As crônicas de Joel Silveira foram reunidas e publicadas recentemente sob o título *A Milésima Segunda Noite da Avenida Paulista*, São Paulo, Cia das Letras, 2003.

O progresso e o desenvolvimento não podem ser entendidos sem o contexto que os abrange. O que o jornal apresentou nas matérias que enfatizaram o desenvolvimento e o progresso retratava a saída do atraso social, econômico e cultural, apontando uma direção para a civilização brasileira em mudança. A reconstrução social, naquelas décadas, teve na promoção da educação escolar um dos seus sustentáculos, como espaço legítimo para formar homens aptos ao novo ritmo do processo econômico, aspecto que será retomado posteriormente. O desenvolvimento se expressava como representativo de toda a sociedade, referenciando São Paulo como seu pólo irradiador, cidade que centralizava a modernidade.

***A Voz* Paulista**

A marca regionalista do jornal *A Voz* se revela também pela *vocação paulistana*, entendida aqui como a representação da liderança de São Paulo frente ao país, que no jornal vem indicado em várias matérias e frases sob a influência ainda recente de fatos que São Paulo protagonizou. O que promoveu esse regionalismo e essa *vocação* de conduzir o país, apresentados no jornal, foi a atuação da oligarquia paulista na Primeira República como classe hegemônica, consequência do modelo agroexportador da cultura do café, como já foi apontado, garantindo, até determinado momento, a supremacia de São Paulo. O processo de industrialização que estava se encaminhando preservou essa posição, mas com mudanças na conjuntura política desencadeada pela Revolução de outubro de 1930, fazendo emergir novos protagonistas.

Os regionalismos no país se originaram a partir de certas condições econômicas: ciclos de produção localizados, colonização diferenciada, desenvolvimento desigual e desproporcionado e regiões *eleitas* pela lógica da economia capitalista.

A Constituição da Primeira República, em 1891, dispôs sobre a federação, tendo como eixo a descentralização do poder, fortalecendo e atendendo a interesses políticos e econômicos dos grupos regionais. Como afirma Caio Prado (1979, p.218), *do império unitário o Brasil passou bruscamente, com a República, por uma federação largamente descentralizada que entregou às antigas províncias, agora Estados, uma considerável*

autonomia administrativa, financeira e até política.

A federação permitiu um maior desenvolvimento a alguns estados, principalmente São Paulo, que se destacou, imprimindo um ritmo de crescimento acelerado em relação a outras regiões do país e, a prioridade de um enfoque nacional, contrariando interesses regionais, que ocorreu a partir da década de 30, não apagou a imagem de São Paulo como setor dominante.

A Revolução de 30 representou uma mudança institucional, consequência da crise econômica que atingiu a produção do café, principal sustentáculo de uma elite agrária que perdeu o poder. Saes (1996, p. 458), em seu ensaio sobre a classe média brasileira, comenta que o alcance limitado das transformações em 30 *não é suficiente para descaracterizar a dimensão efetiva revolucionária do processo*, indicando a importância das mudanças ocorridas na esfera político-administrativa representadas pela centralização do poder, em detrimento do modelo federativo da primeira República.

A perda da posição hegemônica de São Paulo ocorreu a partir de vários fatores, consequência do processo de reorganização do modelo político e econômico das primeiras décadas do século XX: a crise de 29, que afetou diretamente a economia do país encabeçada por esse estado cafeeiro; a Revolução de 30, mudando as diretrizes políticas do país e terminando com as sucessivas eleições, desde a República, de acordos com a oligarquia paulista e, principalmente, o fracasso da Revolução Constitucionalista em 1932, liderada por São Paulo, na tentativa de retornar ao mando regionalista desencadeado com a constituição de 1891. Soma-se a esses fatores a condição de capital cultural que São Paulo encabeçou nos anos 20 e explica-se o sentimento de desprestígio que envolvia a elite e o povo paulista na época.

Esse desprestígio não aparece no jornal *A Voz*, mas sim a história e a missão de São Paulo. A Revolução Constitucionalista em 1932 mostrou o poder e a união desse estado e o culto às personalidades paulistas e à figura do bandeirante, representado no jornal, indicam uma volta ao passado como recuperação da importância de São Paulo e de sua vocação.

Sobre o uso social do passado, Hobsbawm (1998, p. 33) afirma que,

[...] busca sustentar uma auto estima incerta. Os novos burgueses buscam pedigree, as novas nações ou movimentos anexam à sua história exemplos de grandeza e realização passados na razão direta do que sentem estar faltando dessas coisas em seu passado real – quer esse sentimento seja ou não

justificado.

Em seu trabalho que investiga a ideologia da paulistanidade, Cerri (1996, p. 74), sobre a *missão* que envolveu São Paulo, destaca:

A evocação de 1932 como o resultado do levante unânime do estado permitirá a utilização de uma imagem que marca todos os discursos paulistas sobre o movimento, que é a personalização do estado como um sujeito histórico, como um gigante resultado da união das vontades harmônicas e unificadas de todos os seus habitantes.

O regionalismo, nos dizeres da época, foi justificado como componente para o fortalecimento de um país com o tamanho e as especificidades do Brasil, não evidenciando nenhuma contradição entre os regionalismos e a nação. Armando de Salles Oliveira, em discurso pronunciado no Teatro Municipal no aniversário de São Paulo, em 25 de janeiro de 1936, publicado na *Revista do Arquivo Municipal* n. 19, sob o título, “Notável Oração do Governador Dr. Armando de Salles Oliveira”, afirma:

O regionalismo, longe de amortecer a unidade nacional, dá-lhe vida e colorido. Unidade não significa conformidade. O Brasil não é uma rocha inerte, é um corpo vivo, com órgãos variados e complexos e tão solidários entre si que nenhum deles poderia ser suprimido sem que todos os outros se alterassem. [...] Cada uma das regiões do país cultiva e resguarda as tradições locais, os costumes e as peculiaridades da vida social, mas permanece brasileira, visceralmente brasileira. As múltiplas combinações dessa diversidade é que constituem a grandeza da pátria. (p. 6).

A integração nacional e a idéia de nação ainda recentes no país foram conclamadas pelos paulistas sob a sua liderança; a nação deveria organizar-se a partir de São Paulo. Inúmeros autores promulgaram essa *paulistanidade*¹² e a imagem de São Paulo como irradiador do desenvolvimento se manifestou pelos próprios projetos desenvolvidos na década de 30, como o teor que envolveu o Departamento de Cultura da cidade, a criação

¹² Cf. OLIVEIRA, José de Alcântara Machado. *Vida e Morte do Bandeirante*. S. Paulo, Edusp, 1980. LEITE, Aureliano. *História da Civilização Paulista*. S. Paulo, Saraiva, 1954. ELLIS, Alfredo. *Raça de Gigantes: a civilização no Planalto Paulista*. S. Paulo, Hélios, 1926. Esses autores estão contemplados em CERRI (1996) e ABUD (1999).

da Universidade de São Paulo e da Escola de Sociologia e Política, já mencionados. Em seu original trabalho sobre um diário pessoal de um participante da Revolução de 32, Borges (1997, p. 73) destaca que o regionalismo pretendeu mostrar *o papel precursor da civilização paulista*.

Essas questões estão reproduzidas no *A Voz* nos dizeres sobre personalidades paulistas do passado e figuras políticas do momento, nas homenagens e comemorações sobre a Revolução de 32 e no mito do bandeirante, fartamente representado. Nos anos 40, essas referências não desaparecem no jornal, mas ao enaltecimento a São Paulo por seu significado acrescenta-se o orgulho pelo desenvolvimento urbano e o progresso da cidade.

No *A Voz*, desde o seu primeiro número, em julho de 1936, constava o lema *Non Ducor, Duco*, símbolo de São Paulo, significando que esse estado é o que conduz o país, revelando a sua missão histórica. O símbolo desapareceu em outubro de 1937, mês do Golpe de Estado de Getúlio Vargas e a instalação do *Estado Novo*. Um decreto de 03 de dezembro de 1937 proibiu a divulgação de qualquer símbolo no território nacional, mas o jornal se antecipou, provavelmente por estar vinculado a uma instituição pública.

O jornal percorreu um período majoritariamente getulista ou conhecido como a *Era Vargas*, nas várias divisões feitas pelos historiadores quanto à atuação de Getúlio Vargas na época,¹³ que foi permeada pelo populismo e pela farta propaganda. Mas é ele o grande ausente no *A Voz*.

Um dos fatores que explicam a ausência de Vargas é o conteúdo mais regional do jornal, já que a presença de figuras políticas do momento refere-se principalmente a personalidades paulistas, não havendo menção a políticos em geral. Os efeitos da Revolução de 32 também podem indicar essa ausência, na medida em que os setores médios urbanos da população da cidade de São Paulo, que estavam representados no jornal, foram conclamados e se envolveram diretamente no confronto, sob o ideal da Constituição e da superioridade desse estado¹⁴. Um outro fator como alguma diretriz imposta pela

¹³ Como recurso didático o período Vargas é assim reconhecido: governo provisório, de 1930 a 1934; governo constitucional, de 1934 a 1937 e governo autoritário, de 1937 a 1945. CAPELATO (2000, p. 187-197) destaca que dependendo do enfoque estudado sobre o período de Getúlio Vargas no poder, como por ex. o populismo ou a representação das classes trabalhadoras, os marcos cronológicos mais usuais nem sempre são aceitos.

¹⁴ Como exemplo, no trabalho sobre o perfil de algumas mulheres a partir de uma pesquisa em escolas normais do período, Maria D. REIS (1993, p. 105) indica: *As normalistas da praça participaram da*

direção da Biblioteca parece remoto, na medida em que o jornal nunca lidou com temas polêmicos ou encaminhou-se pela contestação, assim, a censura imposta no período do Estado Novo não deve ter se constituído em ameaça.

As discussões em torno do Estado Novo fazem parte do trabalho de Capelato (2000, p. 199), que assim se expressa, referindo-se às últimas pesquisas sobre o tema:

Durante o estado Novo, as oposições democráticas e os adversários do varguismo na luta pelo poder continuaram atuando. A repressão foi intensa, e as liberdades foram anuladas, mas não ocorreu o monopólio absoluto do Estado no plano físico, jurídico e econômico. [...] a imagem de uma sociedade UNA, homogênea e harmônica, veiculada pela propaganda política, esteve longe de se traduzir numa prática de constituição de opinião única em torno do regime e de seu líder.

Talvez essa falta de unanimidade possa também explicar a ausência da figura política de Getúlio Vargas, principalmente em uma publicação paulistana e ainda recente dos acontecimentos de 1932, que foram fartamente explorados no jornal. Isso não significa que o ideário do *Estado Novo*, principalmente quanto ao culto ao nacionalismo, não se apresentasse no *A Voz*, como será destacado posteriormente.

A menção a Getúlio Vargas deu-se na descrição de uma parada comemorativa da proclamação da república, em que o *Dr. Getúlio Vargas* é mencionado como o 14º presidente do país. (*A Voz*, n.65, nov.1941) e, posteriormente, no número 117 do jornal, em março de 1946, assim indicada: **Ditador deposto**, na sessão de Palavras Cruzadas, em que havia duas casas para serem preenchidas com as consoantes **G** e **V**.

O que predominou no *A Voz* foi o sentimento de paulistanidade presente em seus escritos, principalmente nos anos 30, em frases como: *Alma paulista na sua pureza espartana* (*A Voz*, jul. 1936); *O povo de São Paulo é nobre, tem bom coração e boa vontade* (ago.1936) e nas inúmeras matérias sobre a Revolução Constitucionalista.

Sob o título *9 de Julho*, alguns dizeres do jornal sobre a Revolução de 32 ilustram o significado desse acontecimento ainda recente,

Revolução de 32, confeccionando uniformes, alimentação para os soldados e campanhas de recolhimento de fundos. Normalistas da praça eram as alunas do Curso Normal do Instituto Caetano de Campos.

[...] não é apenas um movimento de revolta, foi de fato uma revolução. [...] Todos se portaram como verdadeiros heróis, dignos do nome de Paulistas. Apesar das diversas causas que contribuíram para que os Paulistas perdessem a causa, os seus frutos colhem-se hoje. (A Voz, jul.1936, 14 anos).

Ainda sobre a Revolução Constitucionalista, no n. 25, de julho de 1938 aparece uma *Homenagem aos valorosos soldados da campanha de 32*, sob a forma de ilustração.

Na maioria das matérias a palavra *Paulista* é escrita com letra maiúscula e o termo *paulificante* aparece como sinônimo de urbano e da vida na cidade.

O jornal descreve um retrato de Carlos Gomes, na Biblioteca Infantil, envolto na bandeira *Paulista* e uma romaria a um cemitério de São Paulo onde se achava enterrado Pedro de Toledo,¹⁵ no aniversário de um ano de sua morte. A matéria narra a adesão dos frequentadores da Biblioteca e da Escola Modelo (escola primária anexa ao Instituto de Educação) e transcreve um discurso feito no cemitério, pela diretora dessa escola, D. Carolina Ribeiro:

*Se for preciso por SP, lutaremos!
Se for preciso por SP, venceremos!
Se for preciso por SP, morreremos!
Então bradem de uma só vez:
Salve, Pedro de Toledo. (A Voz, jul.1936).*

As comemorações sobre a trajetória de São Paulo e sua missão histórica, que a Biblioteca incentivou em seu espaço e estão representadas no *A Voz*, reforçaram a imagem de superioridade e resistência desse Estado. O processo de resgate e recriação dessa imagem foi uma forma de tornar presente e reiterar o imaginário, com determinados valores voltados para a preservação de uma certa tradição paulista. *A resistência da paulistanidade, na política não logra, mas na memória ou em termos ideológicos ela permanece*, afirma Cerri (1996, p. 50).

A presença do bandeirante em vários números do jornal, na forma de matérias,

¹⁵ Pedro Manuel de Toledo (1860-1935) nomeado interventor de São Paulo por Getúlio Vargas, foi chefe civil da Revolução Constitucionalista em 1932. Preso, exilou-se em Portugal, retornando ao Brasil em 1934, quando da promulgação da Constituição.

biografias, feitos históricos e ilustrações se identificava com a trajetória de São Paulo. Abud (1999, p. 76), em suas análises sobre o bandeirante e a formação de São Paulo como estado líder, confirma essa identificação.

A riqueza e o progresso de São Paulo podiam então ser considerados como consequência de sua própria história. Se São Paulo ocupava naquele momento uma situação privilegiada era porque seus homens carregavam uma tradição de arrojo e vitalidade, que haviam herdado dos primeiros povoadores da capitania de São Vicente. Assim, para os paulistas havia razões de sobra para que São Paulo exercesse a hegemonia na federação que então se formava. Tudo isso se sintetizava numa figura histórica: o bandeirante.

Raça bandeirante (A Voz, jun.1937), *Altivez dos bandeirantes paulistas* (A Voz, jul.1940) são alguns dos dizeres que identificam São Paulo com esse personagem.

Assim começa uma matéria com o título *Altivez dos Bandeirantes Paulistas*:

Inteligentes, patriotas, altivos e honestos trabalhadores para o seu país, eram os bandeirantes paulistas.(A Voz, n. 41, nov.1939,14 anos).

Esses dizeres apontam para a finalidade moralista do herói, nas palavras de Miceli (1994, p. 10), *servindo para avaliar e dirigir capacidades e condutas [...]*.

Sob o título *As Bandeiras*,¹⁶ uma matéria reafirma o reconhecimento desse movimento com a tenacidade dos paulistas, indicando Piratininga como a mais rica cidade da época, o que não corresponde à realidade dos séculos XVI e XVII.

Nessas viagens (os paulistas) povoavam [...] muitas aldeias para a cidade de Piratininga, a mais rica da época, o berço mágico de muitos heróis anônimos, que nestes longínquos, formavam o alicerce do pedestal sobre o qual deveria erguer-se a estátua grandiosa do povo paulistano, que se agigantava e precisava expandir-se. (A Voz, n. 38, ago. 1939, 13 anos).

E não faltam adjetivos ou qualidades em relação ao bandeirante, como também nas ilustrações no jornal que reproduziram e reforçaram essa imagem. O desenvolvimento do estado e da cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX e sua presença política

¹⁶ O Monumento às Bandeiras, instalado na região sul da cidade de São Paulo foi encomendado a Victor Brecheret por Armando de Salles Oliveira, em 1934.

vai ao encontro desse mito. Desbravador, conquistador, herói, responsável pela expansão do território, valente, que a história do país disseminou através da literatura e livros didáticos, a figura do bandeirante é apropriada pelos paulistas que identificam a trajetória e a grandeza de São Paulo com a valentia, altivez e superioridade física desses personagens.

Apesar de serem mitos nacionais, reconhecidos como responsáveis pela expansão do território, a sua origem e a mística de sua atuação histórica são identificadas com São Paulo. A grandeza do herói representando a grandeza de São Paulo como estado pioneiro e condutor do país e o orgulho paulista vinculado à tradição bandeirante.

Abud (1999, p. 79) reafirma a imagem do bandeirante com a de São Paulo, enquanto elemento integrador do país,

[...] os aspectos de elemento integrador e instrumento da ação civilizatória que a historiografia atribuía ao bandeirante, representavam também a lealdade devida à nação que ele mesmo tinha construído, ligando suas mais longínquas regiões entre si, levando para ela os aportes da civilização ocidental, como a língua portuguesa, o cristianismo, estabelecendo o mito da unidade não só territorial, mas também cultural.

Raça Bandeirante é o título de uma poesia, no jornal, dedicada à D. Lenyra, diretora da Biblioteca, finalizando com os dizeres:

*Raça valente, raça superior
Que não reconhece rei nem senhor
Raça Paulista, Raça Bandeirante. (A Voz n.12, jun.1937, 13 anos).*

Sobre a identificação do bandeirante com o ideário da cidade do progresso, Moog (1974, p. 172), em seu estudo publicado em 1955, visando comparar o desenvolvimento dos Estados Unidos e do Brasil, indica que ainda é muito próxima a figura do bandeirante, já que relacionada com o próspero desenvolvimento industrial de São Paulo. Assim se expressa o autor:

[...] a julgar pela atoarda da literatura nacional em torno dos bandeirantes, dir-se-ia que o São Paulo moderno, o São Paulo das indústrias, o São Paulo do café, o São Paulo que constrói e monta o mais soberbo parque industrial da América do Sul é obra exclusiva do bandeirante e do espírito de bandeira. [...]. Se, para valorizar o símbolo que lhe é caro, for preciso atribuir ao bandeirante atributos orgânicos, ele o atribuirá; se para

magnificá-lo for preciso torcer a história, ele a torcerá. [...] ainda é a imagem idealizada do bandeirante a que paradoxalmente mais cultua o estado mais poderoso do Brasil.

Durante muito tempo, o bandeirismo foi inspirador para fundamentar a posição de São Paulo e ainda hoje, o enorme monumento esculpido por Julio Guerra, homenageando Borba Gato, no bairro de Santo Amaro, na cidade de São Paulo, demonstra essa representação: a figura do bandeirante, personificado como homem de grande estatura física e moral.

Da mesma forma enaltecedora, são apresentados os heróis e figuras da história do país no jornal (descritos na apresentação dos seus conteúdos), presença em que predominou o personagem sobre os acontecimentos que protagonizaram e a reprodução dos fatos históricos revela-se de acordo com uma história oficial e transmitida como disciplina moral.

Sobre os conteúdos e objetivos que informaram o ensino da História no período, Manoel (2003, p. 13) assinala que

[...] onde de fato existe uma sociedade fragmentada em interesses regionais dispares, que foram sufocados pela ação política e militar, insiste-se em encontrar uma Pátria, mãe de todos; onde existe uma sociedade fragmentada em classes sociais conflituosas e contraditórias, insiste-se em encontrar uma Nação, una e harmoniosa.

A história que o jornal caracterizou fundamenta-se no exemplar, buscando no passado nomes, heróis e fatos que reiteram um ideal de sociedade em que são dados a outros, a grandes homens a direção e o encaminhamento da trajetória do país. Isso porque esses personagens não são vistos como pessoas comuns, mas uma áurea os diferencia, destacam-se e fazem a história voluntariosamente onde não há contexto nem processos. Esses princípios assimilados porque repetidos e justificados estão explicitados através de como a história de São Paulo e do país foi reproduzida pela geração que estava representada no jornal.

Em seu texto sobre a reconstrução histórica do conhecimento, Ciavata (2001, p. 133), destaca que, na concepção tradicional de história, *privilegiava-se a individualidade, e essa era a dos indivíduos singulares, poderosos, era a história dos grandes feitos e dos homens ilustres, e dela ficavam excluídos todos os outros sujeitos sociais.*

Alguns aspectos do jornal sobre a interpretação da história podem ser significativos para o entendimento de como era organizado esse ensino na época.¹⁷ No *A Voz*, as datas históricas eram sempre lembradas e comemoradas e seus protagonistas principais apresentados em enunciados enaltecedores e muitas vezes destacados na forma de ilustração na capa do jornal; os grandes temas foram privilegiados; as biografias eram sempre bem-vindas e foram inúmeras, estimuladas pela biblioteca (como indicam algumas notas do jornal e nos arquivos da biblioteca) e na abordagem dos acontecimentos prevalecia a descrição do fato histórico e do tempo cronológico e linear, indicando o predomínio da história descritiva e não analítica.

Sobre a diferença entre fato e ficção Hobsbawm (1998, p. 19) afirma que *tentativas de substituir a história pelo mito e a invenção [...] podem determinar o que entra nos livros escolares.*

A escola, através dos conhecimentos transmitidos e dos livros didáticos, foi um instrumento fundamental na formação das crianças e dos jovens que produziram o jornal e a Biblioteca Infantil reiterou, em seu espaço, as práticas educativas na reprodução das comemorações cívicas, referendando símbolos, mitos e rituais, obedecendo ao que estava previsto no calendário escolar e influenciando sobre o que deveria ser assunto do jornal *A Voz*. Outras influências, que ultrapassam o espaço educativo, sem dúvida se fizeram presentes, mas essas instituições configuraram um local adequado para reforçar um legado de valores morais, como referência do que se deveria conservar na memória sobre a trajetória do país. Nadai (2001, p. 25) sobre a tradição que acompanhou os estudos históricos no Brasil, que o *A Voz* reproduziu, afirma,

O passado aparece, portanto, de maneira a homogeneizar e a unificar as ações humanas na constituição de uma cultura nacional. A história se apresenta, assim, como uma das disciplinas fundamentais, no processo de formação de uma identidade comum – o cidadão nacional – destinado a continuar a obra de organização da nação brasileira.

¹⁷ Sobre os programas de História do Brasil, verificar, entre outros, HOLANDA, G. *Um quarto de século de Programas e Compêndios de História para o ensino secundário (1931-1956)*, RJ, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1957. Circe M. F. BITTENCOURT, (1990) *Pátria, Civilização e Trabalho: o ensino de história nas escolas paulistas (1917-39)*.

A história que se destaca no jornal, de uma forma geral, é fragmentada e imbuída de parcialidade, em que não cabem porquês, processos, interesses, conseqüências ou *por onde começar*, no dizer de muitos historiadores, questões não muito simples de serem respondidas, pois necessitam considerar aspectos da estrutura e da conjuntura social. O *A Voz* representou a história oficial, baseada em conceitos de neutralidade, de harmonia e integração social e dos fatos destacados dos seus vínculos.

Em seu estudo sobre as teorias que informaram as ciências humanas, Lowy (1987, p. 17) destaca *a explicação causal dos fenômenos, de forma objetiva, neutra e livre de julgamentos de valor*, como uma das *premissas* que fundamentam a concepção positivista na abordagem dos fatos e que se enquadra no que o jornal apresentou enquanto história do país. A neutralidade na descrição dos fatos sem juízos de valor, a história dada e repetida sem questionamentos predominou no jornal, traduzindo uma concepção que durante muito tempo prevaleceu na abordagem dos acontecimentos históricos e às vezes ainda persiste, apesar de outras abordagens em ciências humanas que se fizeram presentes, principalmente a partir dos anos 60.

Essa pretensa neutralidade, quando destaca o fato do contexto, justifica uma determinada ordem social, porque não apresenta conflitos e o que parece simples e desinteressado pode levar, nas palavras de Lowy (1987, p.32) a *uma ilusão ou ocultamento deliberado e freqüentemente, uma mistura bastante complexa dos dois*.

Chaui (2001, p. 9) em seu ensaio sobre a forma como está representada a história do país, aborda a origem de uma certa figuração ufanista e positiva e o significado do mito *como solução imaginária para tensões, conflitos e contradições*. Essa autora usa o termo *mito fundador* para destacar uma certa concepção de história que escamoteia a realidade. Segundo essa autora,

[...] esse mito impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa nunca, que se conserva perenemente presente e, por isso mesmo, não permite o trabalho da diferença temporal e da compreensão do presente enquanto tal.

Chaui (2001, p. 9-10) destaca a diferença entre *fundação e formação*, indicando que o entendimento da *fundação* é relativo à origem, a um passado imaginário, a uma referência já acabada e já dada e a *formação* está relacionada a processos históricos, à continuidade,

no qual cabem mudanças e transformações.

Tomando essas definições de Chauí, o *A Voz* reproduziu, enquanto história do país, a *fundação*, a repetição de um passado idealizado, fundamentado em construções parciais, sem a abrangência necessária para a apreensão do processo histórico.

Em um momento de expansão das camadas sociais e do sistema produtivo, o jornal reproduziu as mudanças decorrentes do progresso, da modernidade e, ao mesmo tempo, a tradicional áurea de feitos e heróis exemplares, fruto de um processo social menos dinâmico. Essa aparente contradição exteriorizou a conformação de uma neutralidade necessária, representada na idealização de uma história sem conflitos e com valores a serem conservados.

A modernidade que o jornal expressou vem acompanhada do reconhecimento da educação escolar enquanto fator de inserção nesse processo. Esse aspecto será destacado na análise da educação e sua valorização como elemento essencial na configuração da sociedade que se reorganizava.

CAPÍTULO IV

A EDUCAÇÃO ESCOLAR: projeto de ascensão social e de progresso do país

A Voz da Infância, além de ser um jornalzinho patriótico, tem moral e deseja que os futuros homens da Pátria sejam trabalhadores e honestos. (A Voz, n.25 jul. 1938, 13 anos).

A convicção na força integradora da educação, que se fortaleceu no país nas primeiras décadas do século XX, é contemplada no *A Voz* em inúmeras matérias que se referem à educação escolar como depositária de expectativas de ascensão social e como projeto coletivo para o desenvolvimento do país. Sob o título *A escola*, os dizeres a seguir, entre outros que serão destacados, demonstram a importância que se deu à educação escolar na época, como também o forte significado do patriotismo refletido através de valores de ordem moral e cívica.

A escola é o nosso templo de ensino, nossa segunda mãe. [...] A escola é uma obrigação pois analfabetos são parasitas da pátria.[...] Triste é a vida dos pobrezinhos, que vivem sem conhecer a escola, que é um farol que ilumina o nosso espírito. Hoje o governo ajuda com grupos escolares as crianças menos privilegiadas pela fortuna. Isto é um consolo e uma alegria para essas infelizes crianças abandonadas nas ruas, pois os pais operários ou pobres não podem olhar por elas. O governo contribui para o bem estar das crianças infelizes, praticando assim a mais bela das virtudes – a Caridade. [...] O Brasil precisa de filhos que trabalhem sem esmorecer para

o seu progresso, para o seu engrandecimento. Tudo pela pátria - seja o nosso lema [...]. (A Voz, n.69, mar. 1942).

O exemplo transcrito apresenta a escola como *templo, segunda mãe e farol que ilumina*; a *obrigação* da escolarização como fator de inserção social - *parasitas* se não tiverem acesso à escola, ao menos a elementar -; a tristeza da criança de origem operária, porque sem escola e abandonada; a conotação tutelar e caridosa do estado frente à pobreza e o progresso do país vinculado à educação.

Através dos escritos do *A Voz* que mencionam a educação escolar, constata-se o conhecimento dos seus jovens redatores de que nem todas as crianças tinham acesso à escola, que a educação escolar era considerada um valor fundamental para a promoção social e o bem da nação e observa-se que a criança das camadas populares é retratada como distante do universo da criança que freqüentava a Biblioteca e escrevia para o jornal. Nas matérias que expressam sentimentos em relação à nação brasileira, esta é evocada enquanto valor motivador de uma moral patriótica e cívica, representada na relevância do tratamento aos símbolos nacionais e através das comemorações promovidas pela Biblioteca.

Os escritos que abrangeram a importância da educação escolarizada e que exprimiram valores sobre a pátria e o civismo serão privilegiados neste capítulo, por duas principais razões. A primeira, pela freqüência de relatos sobre a escola como instrumento de ascensão social e pelo civismo enquanto prática educativa. Quanto à relação escola/ascensão social, crônicas, contos ou narrações apresentam uma divisão entre crianças: há as que estudam e as desprovidas de educação, apresentadas, muitas vezes, como crianças que trabalham, pobres ou proletárias, para quem o esforço pessoal e a escolarização são fatores necessários a um futuro auspicioso. Sobre o Brasil, as matérias do *A Voz* manifestam princípios cívicos e uma visão enaltecida e otimista em relação ao país. A segunda razão norteadora da discussão aqui desenvolvida trata da modernização capitalista que se instalava nos anos 30 e 40, entendida como o projeto de industrialização, que demarcou de forma mais visível a sociedade de classes. Nesse sentido, os escritos que possuem uma pauta de idéias associada a esse processo de desenvolvimento, transmitidas pelos jovens e crianças enquanto reprodução de concepções presentes na sociedade, podem oferecer uma perspectiva de avanço na apreensão do movimento conflitivo que se destacou

nesse processo, interpretado pelos estudiosos como o que caracterizou uma etapa do capitalismo brasileiro.¹

Na perspectiva proposta neste trabalho, a escolha de um jornal das décadas de 30 e 40 foi comprometida com o objetivo de buscar, através de uma fonte concreta - um jornal escrito por crianças e jovens enquanto agentes reprodutores de idéias - uma base explicativa sobre o encaminhamento dado à sociedade brasileira na época: o que foi valorizado e o que se pretendeu conservar. O jornal não é uma fonte definitiva, não indica princípios que se possam generalizar, mas é representativo de um público escolar e de uma parcela da população. Sobre os valores presentes na sociedade, principalmente paulistana, nas décadas de 30 e 40, este trabalho se propôs a discuti-los através da fonte apresentada, como expressão de idéias e dentro de determinado contexto, porque históricos e mutáveis. Para tanto será necessário recorrer às orientações teóricas de autores que avançaram na discussão sobre a questão da ideologia.

A transitoriedade das ideologias compõe a contribuição de Gramsci (1978, p. 65) nas suas exposições sobre o significado do termo para a filosofia da práxis (marxismo), afirmando que a ideologia faz parte de uma estrutura social e deve ser analisada em sua historicidade.

São amplas as discussões sobre o termo ideologia² e a questão dos valores. Considerei que a indicação de Konder (2002, p. 45) sobre a ideologia em Marx, assinala o que expressaram os valores reproduzidos no jornal:

[...] as discussões a respeito da universalidade e da singularidade, ou a respeito do duradouro e do efêmero deveriam se articular com o tema dos valores, quer dizer, deveriam levar em conta a existência de valores distintos conferidos pelos seres humanos ao que lhes convém momentaneamente ou circunstancialmente e ao que significa muito para eles, em geral, e é reconhecido como importante para a humanidade. (grifo do autor).

¹ Indico, entre outros trabalhos, Octavio IANNI (1971) *O Estado e Planejamento Econômico no Brasil (1930-1970)*. IANNI (1984) *O ciclo da Revolução Burguesa*. Edgard CARONE (1977) *O Estado Novo (1937-1945)*. Boris FAUSTO (1997) *A revolução de 30: Historiografia e História* e Eli DINIZ (1996) *O Estado Novo: Estrutura de Poder - Relações de Classe*.

² Nas publicações sobre Ideologia destacam-se Michel LOWY (1995) *Ideologias e Ciência Social*, Leandro KONDER (2002) *A questão da Ideologia* e EAGLETON, T. *Ideologia*. São Paulo, Boitempo, 1997.

A ideologia é demonstrada nas práticas sociais e culturais, através de princípios formados, disseminados e reconhecidos para a sustentação de uma determinada organização social e o jornal evidencia essas questões, na medida em que expõem em seus escritos, algumas idéias que percorreram o período de sua produção.

A década de 30, época de criação do jornal e de boa parte dos escritos abordados neste trabalho, é contemplada por inúmeros estudos que destacam esse período pelos movimentos que protagonizou: a Revolução de outubro de 1930 e o Estado Novo, em 1937. As análises se valem de diferentes conceitos, abordagens e de diferentes suportes teórico-metodológicos e trazem uma discussão, ainda presente,³ sobre o processo que culminou nesses acontecimentos e sobre quais forças políticas e interesses predominaram nas mudanças ocorridas no país nos anos 30, época de definições sobre o encaminhamento do desenvolvimento capitalista industrial.

A Revolução de 30, fruto da crise econômica do setor agroexportador do café e do embate de segmentos sociais que não se consideravam referenciados no processo político no período da Primeira República e o golpe de Estado em 1937, justificado pela necessidade de se manter a ordem institucional contra os regionalismos e as ameaças de influências internas e externas, foram momentos de mudanças nas relações entre estado e sociedade, fortalecendo a centralização do poder.

Sobre as relações entre estado e sociedade, vários autores reconhecem a hegemonia e o predomínio dos interesses das oligarquias agroexportadoras do café na Primeira República⁴ e que novas camadas sociais se fizeram representar com a Revolução de 30. A perda da força política por parte do setor agrário⁵ e a falta de articulação dos outros setores dominantes para assumirem a hegemonia, facilitou a criação de um estado forte.⁶

³ No período mais recente alguns trabalhos se destacaram. Cf. DE DECCA, Edgar. *O Silêncio dos Vencidos*. S. Paulo, Brasiliense, 1980.

⁴ Cf. CARONE (1977), DINIZ, (1996), FAUSTO (1997) e IANNI (1971 e 1984).

⁵ O setor agrário era constituído pelo segmento agroexportador vinculado ao café, que detinha a hegemonia e o grupo agrário voltado para a produção interna. Cf. IANNI (1984, p. 16-18).

⁶ Essa análise está presente em FAUSTO (1997) e IANNI (1971) entre outros, que não consideram a Revolução de 1930 como um movimento de ascensão da burguesia industrial ao poder.

Borges (2000) faz um apanhado da historiografia brasileira sobre os anos 30, incluindo as influências das várias vertentes teóricas e ideológicas que a contemplam. Nesse seu estudo, a autora menciona trabalhos basicamente de historiadores e sistematiza essa produção em períodos. Sobre os trabalhos produzidos a partir da década de 60, em que predominam os enfoques marxistas, Borges (2000, p. 170) assim se expressa,

Pode-se afirmar que essa história política tem sido marcada por duas interpretações que datam dessa época. A primeira, que destaca uma ruptura, o que constituiu a intenção bastante bem-sucedida daqueles no poder, que acabou por constituir uma 'história oficial'; a idéia de ruptura perdura até em revisões que se querem radicais. A idéia oposta - a negação da ruptura ou visão de continuidade - interpreta o movimento de outubro de 1930 como uma simples troca de homens no poder; na época, essa idéia estava presente tanto naqueles que desejavam uma grande transformação no momento (como a "esquerda", por exemplo) quanto naqueles que a isso se opunham [...].

A autora afirma que na produção teórica sobre os anos 30, prevalece uma análise que tomou como referência um processo único e não um *campo de possibilidades*, indicando que alguns estudos atuais sobre o tema utilizam uma pluralidade de abordagens e objetos não contemplados em produções anteriores.⁷ Nesse sentido, Borges (2000, p. 181) destaca,

A visão da história não mais como história processo, mas sim a de história como um campo de possibilidades. A pluralidade, por conseguinte, se colocava tanto do ponto de vista do objeto, quanto do ponto de vista da concepção de história.

A discussão mencionada no trabalho de Borges e em boa parte dos historiadores demonstra a particularidade dos vários enfoques em relação ao processo desencadeado no país na década de 30, mas a dinâmica representada pelo período é evocada, mesmo pelos que divergem sobre o sentido dos desdobramentos implementados nesse processo.

⁷ As várias vertentes atuais em história estão contempladas, entre outros, em SAVIANI, LOMBARDI e SANFELICE (Orgs.) (1998) *História e História da Educação - O debate teórico-metodológico atual*.

Como instrumento de pesquisa e representativo desse momento, o *A Voz* revela em seu conteúdo alguns indícios sobre determinadas concepções presentes na sociedade, que podem contribuir para retratar o caráter formador dessa etapa do capitalismo brasileiro e o sentido político ideológico de algumas questões. Mesmo utilizando o jornal como uma mediação, como um objeto de análise com determinadas especificidades, ele é demonstrativo de alguns aspectos desse período.

A educação como fator de integração social

Os debates sobre a educação e sua função na sociedade moderna indicam que, em diferentes momentos, o discurso sobre a educação escolar acompanhou o ideal de ofertá-la a todos, porque um bem comum, um direito e fator importante de democratização social e desenvolvimento. No contexto em que o jornal *A Voz* foi produzido, de expansão das forças produtivas no país, a educação escolar foi considerada um instrumento fundamental de inserção nesse processo, ao mesmo tempo em que o modelo escolar estabelecido foi o de diferenças na oferta, no acesso e na qualidade da escola.

Desde as primeiras décadas do século XX, os rumos da educação do país foram pauta de discussão de vários setores organizados da sociedade. A criação da Associação Brasileira de Educação, em 1924, com a função de promover debates em torno da questão educacional; a influência da Escola Nova e seus defensores, movimento que se empenhou em dar novos rumos à educação, questionando o tradicionalismo pedagógico, e os embates da Igreja no seu confronto com o estabelecimento de novos modelos para a educação tornam evidente a diversidade de interesses que abrangia a educação escolarizada. A criação do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública em 1930; a Constituição de 1934 estabelecendo a necessidade de um Plano Nacional de Educação e a gratuidade e obrigatoriedade do ensino elementar, e as Reformas Educacionais nos anos 30 e 40⁸

⁸ Em 1931, a Reforma Educacional conhecida como Reforma Francisco Campos estruturou e centralizou para a administração federal os cursos superiores, o ensino secundário e o ensino comercial (ensino médio profissionalizante). Francisco Campos foi ministro do recém criado Ministério da Educação e Saúde Pública, entre 1930 e 1934. O ensino primário ou elementar e o ensino normal não foram contemplados nessa legislação por serem de alçada dos Estados.

Em 1942, a Reforma Capanema, com o nome de Leis Orgânicas do Ensino, estruturou o ensino industrial, reformou o ensino comercial e criou o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, como

demonstram que, nessas décadas, houve mudanças formais e substanciais na educação escolar do país.

O pensamento educacional formulado pelos vários grupos ultrapassa os objetivos deste trabalho.⁹ O indicado aqui é que a educação foi reconhecida como instrumento de integração e resolução das questões sociais e nacionais e, nos debates sobre a concretização dos projetos educativos, os vários interesses envolvidos vieram à tona, retratando sua heterogeneidade e refletindo as contradições presentes na sociedade brasileira. Nos discursos, a questão valorativa da educação foi contemplada, como que destacada do contexto que a envolvia, ao mesmo tempo em que os grupos que se sobressaíram nessas discussões, por questões econômicas ou doutrinárias, almejavam objetivos diversos, indicando que a educação não é autônoma e sim parte dos conflitos que regem uma sociedade de classes sociais.

Em *Escola e Democracia*, Saviani (1985, p. 7-8), na parte que trata das *Teorias da educação e o problema da marginalidade*, destaca, que *no que diz respeito à questão da marginalidade, as teorias educacionais podem ser classificadas em dois grupos*. Discorrendo sobre o primeiro grupo,¹⁰ o qual entende a educação como instrumento de integração e *superação da marginalidade*, Saviani assinala que para estes,

[...] a sociedade é concebida como essencialmente harmoniosa, tendendo à integração de seus membros. A marginalidade é, pois, um fenômeno acidental que afeta individualmente a um número maior ou menor de seus

também trouxe mudanças no ensino secundário. Gustavo Capanema esteve a frente do Ministério da Educação entre 1934 e 1945.

Em 1946, já no fim do Estado Novo e durante o Governo Provisório, a legislação organizou o ensino primário com diretrizes gerais, que continuou a ser de responsabilidade dos estados; organizou também o ensino primário supletivo, com duração de dois anos, destinado a adolescentes a partir dos 13 anos e adultos, o ensino normal e o ensino agrícola e criou o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial- SENAC. O Ministério da Educação estava a cargo de Raul Leitão da Cunha. Essas legislações estão contempladas no trabalho de Otaíza de O. ROMANELLI (1978).

⁹ O ideário dos diversos setores envolvidos com a educação escolar nas décadas de 20 e 30 é destaque de vários estudos. Indico alguns que trazem uma discussão na formalização da educação escolar: S. SCHWARTZMAN (2000) *Tempos de Capanema*. Marlos B. M. ROCHA, *Tradição e Modernidade na Educação: O processo Constituinte de 1933-34* e José S. B HORTA. *A Constituinte de 1934 – Comentários*. Os dois últimos estão publicados em Osmar FÁVERO (2001) *A Educação nas Constituintes Brasileiras 1823-1988*.

¹⁰ O segundo grupo destacado por SAVIANI concebe a educação como totalmente dependente da estrutura social, em uma sociedade formada por grupos antagônicos e assim, instrumento que reforça a dominação dos grupos que detêm o poder.

membros o que, no entanto, constitui um desvio, uma distorção que não só pode como deve ser corrigida. A educação emerge daí, como um instrumento de correção dessas distorções. Constitui, pois uma força homogeneizadora que tem por função reforçar os laços sociais, promover a coesão e garantir a integração entre todos os indivíduos no corpo social.

A afirmação acima indica que, nessa perspectiva, à educação é dada uma autonomia frente à sociedade e um poder de estabelecer ajustes necessários à integração das partes envolvidas na organização social. De uma forma geral é essa a conotação que os escritos do jornal transmitem quando se referem à educação. Em uma análise mais rigorosa, o valor dado à educação escolar e sua função integradora se manifesta entremeados de outros julgamentos em relação à composição da sociedade brasileira na época.

O jornal exteriorizou alguns conceitos quando as matérias referem-se às crianças pobres, retratadas também como operárias e desvalorizadas enquanto camada social, porque despossuídas de educação e diferentes dos padrões de comportamento das classes médias, como também caracterizou o esforço pessoal como fator fundamental para que as pessoas consigam alcançar os benefícios de uma educação escolarizada e galgar uma situação de bem estar social e para o futuro do país.

Os textos no jornal que destacam as diferenças sociais, reproduzindo situações das crianças pobres, abordam a educação como instrumento de ascensão social e resolução das desigualdades. Alguns desses escritos são indicativos de como se deu a participação da educação e da escola no processo de modernização do país.

Verifica-se no jornal que criança pobre e criança de família operária são quase sinônimos e a criança proletária ou a educação operária significam popular no sentido de distanciamento das outras camadas sociais. O operário enquanto trabalhador braçal é classificado como despossuído de educação e a criança dessa origem, como criança largada. Isso se confirma na descrição de uma excursão ao *Ninho Crespi*, instituição benemerita que acolhia crianças pobres cujos pais trabalhavam:

Lá dentro tratada por educadoras especializadas, a criança começa a sua educação moral e física [...] leva uma vida verdadeiramente pré-escolar, que o acostuma a ir, aos poucos, perdendo a liberdade desenfreada e perniciosamente gozavam. Concluindo com uma dedicatória da matéria à Condessa Crespi, que tão bem soube compreender o problema da educação

operária, a admiração de quem viu a maravilha que é o Ninho Crespi. (grifos meus) (A Voz, n.9, fev.1937, 12 anos).

Em uma outra descrição de uma visita feita ao Parque Infantil Pedro II, um dos parques instituídos em bairros operários na década de 30,¹¹ lê-se no último parágrafo da matéria,

Despedimo-nos de D. Sara e dos nossos colegas do Parque e voltamos todos contentes por termos visto o quanto a PREFEITURA é amiga das crianças, franqueando-lhes Parques e Bibliotecas, onde meninos pobres e ricos passam horas alegres fortalecendo o físico e instruindo o espírito para a grandeza da nossa querida terra. (A Voz, n.9, fev.1937, 14 anos).

O físico, que o escrito destaca, refere-se às crianças dos Parques Infantis e o espírito, às crianças da Biblioteca Infantil. Os parques infantis, instituições recreativas e educativas localizadas em bairros operários cumpriam os objetivos educacionais para essa população. A Biblioteca tinha outra especificidade, situada em um bairro aristocrático da cidade, na época, atendia uma população majoritariamente das camadas médias.

Mesmo assim, a questão ideal, de atendimento a todas as crianças e o papel da Biblioteca é descrito em uma palestra de Lenyra Fraccaroli, sua diretora:

Tenho comigo, que, da reunião dos 3 elementos básicos – livro, bibliotecário e ambiente – encontraremos o melhor meio de praticar a higiene mental, frustrando os impulsos maléficos, aplainando dificuldades de concepção, modificando idéias feitas e conceitos apriorísticos tomados de adultos empenhados na negação constante dos valores morais e intelectuais. A biblioteca tira a criança da rua e dos seus perigos. Desvia a juventude proletária dos folguedos perigosos e dos exemplos perniciosos.¹²

¹¹ Os Parques Infantis atendiam preferencialmente crianças de 3 a 7 anos. Segundo Ana Lucia FARIA (1993) *funcionavam três Parques Infantis: Parque D. Pedro II, no bairro da Barra Funda, Parque do Ipiranga, Parque da Lapa e em 1938 foi criado um Parque em Santo Amaro. A direção dos Parques Infantis esteve a cargo de Nicanor Miranda que escreveu diversos artigos sobre os objetivos e funcionamento desses equipamentos, publicados na Revista do Arquivo Municipal.*

¹² Palestra pronunciada por Lenyra Fraccaroli (Fonte: Texto datilografado de 1943, incompleto, com o histórico da Biblioteca e alguns dados estatísticos. Pasta de textos de Lenyra, Arquivo da Biblioteca).

Uma outra matéria do jornal reafirma a importância da Biblioteca para tirar as crianças das ruas. Sob o título *Como foi aceita pela gurizada a nossa Biblioteca Infantil*, há os dizeres:

O bom sucesso desta reclama a criação de mais nos bairros, para subtrair das ruas, onde passam miseravelmente, muitos futuros homens, que serão preciosos a pátria. (A Voz, n.1, jul.1936).

Nesses escritos, expressões como *liberdade desenfreada; juventude proletária e seus folguedos perigosos e exemplos perniciosos; os perigos da rua* indicam o distanciamento entre as classes sociais, na medida em que o comportamento operário é assinalado como não condizente com os valores das camadas médias da população, constituindo-se, inclusive, em ameaça.

Ao mesmo tempo a educação é assinalada como fator de proteção e emancipação – o espaço da Biblioteca e seu poder de resgatar para o futuro – evidenciando sua função de desatrelar as camadas populares do seu obscurantismo. A intenção educativa de alguns desses dizeres imprime um princípio modelador da educação para homogeneizar comportamentos, indicando formas de condutas diferenciadas. Essa hierarquização e os benefícios da educação para a vida civilizada aparecem com um modelo próprio, baseado nos valores das camadas médias, que não compõe com o modo de vida operário e para isso, a necessidade da ação disciplinadora da educação.

O intento de modificar hábitos, a questão moral implícita em alguns escritos do jornal e os valores de classe manifestados nesses dizeres, assinala que a classe trabalhadora, força social importante e em expansão, necessitava ser tutelada para não sofrer as influências dos meios nocivos em que vivia.

A criança do meio proletário foi foco de atenção de várias instituições na época e, de uma forma idealizada, políticas públicas e discursos se voltaram para questões higiênicas e educativas, com a finalidade de adaptá-las socialmente, proporcionando ambientes sadios e tirando-as dos meios que freqüentavam. As matérias do jornal, descritas acima, informam sobre duas instituições, entre outras, que atendiam às crianças pobres ou operárias. O *Ninho Crespi* é exemplo de associação de benemerência que se multiplicava a partir da Igreja e da burguesia, com obras assistenciais para acolher essas crianças. Nota-se

que a referida instituição não era um orfanato, já que tratava de crianças cujos pais trabalhavam, ou seja, com uma família constituída.

Os Parques Infantis estabelecidos pela prefeitura de São Paulo em bairros operários tiveram a atribuição de promover, no seu espaço, atividades voltadas para as crianças, principalmente, filhos desses trabalhadores.¹³

O Acto n. 861 da Prefeitura de São Paulo, de 30 de maio de 1935, sobre a organização do Departamento de Cultura e de Recreação, no Título IV, Capítulo I, Art. 42, a respeito dos Parques Infantis, indica:

Os parques infantis que se propõem a colaborar na obra de preservação e de previsão social e contribuir para a educação higiênica das crianças, serão construídos e installados, preferivelmente, nos bairros operários, nas proximidades de escolas e casas de apartamentos.

Para a classe operária em geral, o DC apresentou, no seu projeto, uma proposta com a intenção de proporcionar atividades que absorvessem o tempo dessa população.

No Título IV, Capítulo II, o Art. 51 dessa lei dispõe:

O Governo Municipal installará, sobretudo em bairros operários, campos de actividades athléticas, gymnasticas e esportivas, destinadas a proporcionar a adolescentes e adultos, oportunidades para exercicios physicos ao ar livre e a desviar, dos ambientes improductivos ou prejudiciaes, os operários em folga no tempo disponível que lhes faculta o regime de trabalho.

Ainda sobre o lazer dos trabalhadores, os Parques Infantis descritos foram ocupados no período da noite, a partir de 1937, pelo *Clube dos Menores Operários*, nos bairros do Ipiranga, Lapa e o D. Pedro II, conforme dizeres de Nicanor Miranda.¹⁴

¹³ O caráter educacional dos espaços destinados a criança de 0 a 6 anos é pauta de discussão de vários autores. Cf. Ana Lucia FARIA (1993) e KRAMER, S. *A política do pré escolar no Brasil- a arte do disfarce*. Rio de Janeiro, Dois Pontos, 1987.

¹⁴ Segundo MIRANDA (1944, p. 154) *Clubes que funcionavam diariamente das 19.00 às 23.00 horas. A municipalidade está realizando, assim, uma obra de verdadeira elevação da mentalidade do operário nacional.*

Esses clubes atendiam menores trabalhadores de 12 a 21 anos. Cf. FARIA (1993, p. 83).

No seu trabalho sobre o cotidiano operário nas décadas de 20 e 30, Decca (1987, p. 50) apresenta a intenção disciplinadora dos poderes públicos em relação às camadas populares, afirmando:

No decorrer do referido período pode ser identificada, especificamente, uma preocupação unificadora com a racionalização e adequação da vida operária em seus múltiplos aspectos, por parte de diferentes instituições, agências do poder público, setores sociais.

As pesquisas que foram desenvolvidas sobre a cidade de São Paulo, na época, demonstraram a intenção de investigar o modo de vida das camadas populares que se expandiam, além de subsidiar ações administrativas voltadas para o crescimento da cidade de São Paulo, como já foi apontado.¹⁵ Essas pesquisas, algumas em forma de cadernetas a serem preenchidas durante um tempo determinado pela parcela da população escolhida, interferiam diretamente no cotidiano das famílias, que informavam desde o tamanho da moradia em número de cômodos, o número de moradores, a renda familiar, o mobiliário, os gastos com vestuário e higiene e os hábitos alimentares. Tantas informações constituíram, sem dúvida, uma intervenção pública no espaço privado e tinha nas classes populares seu alvo principal, com o intento de conhecer e controlar essa população.¹⁶ Como já foi comentado, eram pesquisas de caráter técnico e não voltadas para o entendimento de determinações mais gerais.

Na lei que organizou os Parques Infantis também estavam previstos inquéritos sobre essa população. No Título IV, Capítulo I, o parágrafo h do Artigo 45, dessa lei, destaca essa intenção:

¹⁵ Não só os poderes públicos participavam dessas pesquisas. A pesquisa entre operários da Usina Santa Olímpia Ltda. no bairro do Ipiranga, confirma as afirmações de DECCA (1987, p.50) que indica as estratégias de poder e controle sobre o operariado, conduzidas por diferentes instituições, dentro e fora do poder público. A pesquisa em questão constou de um fichamento individual e familiar dos operários, sobre hábitos, condições de moradia etc. e está publicada como suplemento da *Revista do Arquivo Municipal* n. 80, de 1941, sob o título: *Uma pesquisa de padrão de vida* e foi elaborada por Oscar Egidio de ARAUJO (Prof. Assistente da Escola de Sociologia e Política e Técnico em Estatística do DC de São Paulo).

¹⁶ O Arquivo Histórico Municipal de São Paulo tem em seu acervo algum material de campo dessas pesquisas. O estudo de DECCA (1987) traz várias descrições sobre essas pesquisas e como já foi indicado, a *Revista do Arquivo Municipal* publicou a maioria desses trabalhos.

*promover frequentemente ou solicitar de institutos especializados, inqueritos e pesquisas higienicas, psysicológicas e sociaes, nas populações infantis que frequentarem essas instituições extra-escolares.*¹⁷

Paulo Duarte (1986, p. 82) discorrendo sobre os objetivos dos Parques Infantis, faz um relato dessas pesquisas,

[...] fins essenciais: conservar as crianças pobres fora das ruas, prevenir a delinquência infantil, promover, ao ar livre, a saúde dos protegidos, assistindo-os, observando as suas tendências para a efetivação do trabalho de parque: a educação. Sem contar a observação sociológica cientificamente recolhida que iria fornecer ao serviço de Documentação Social um dos seus melhores elementos para análise, estudos e investigação.

No jornal, a representação das crianças pobres ou proletárias revela como era reconhecida essa população pelas camadas médias, população em crescente expansão, atraída pela urbanização e colocação no mercado de trabalho em uma cidade com crescimento acelerado. Os movimentos migratórios e também a convivência com imigrantes europeus que se instalaram na cidade desde o fim do século XIX caracterizavam uma população heterogênea, com hábitos diversos dos padrões burgueses e entre si, o que constituía uma ameaça. A necessidade de homogeneizar atitudes, evidenciada no jornal em vários momentos, indica uma forma de aproximação para os costumes burgueses, assinalando que à educação cabia impor os moldes de civilização. Abaixo, sob o título *A criança que estuda*, uma evocação à escola como elemento formador para a vida social:

A criança que estuda tornar-se-á mais tarde um elemento precioso para a coletividade. O estudo desenvolve e prepara o espirito da criança para mais tarde ter uma compreensão mais exata da vida e das coisas que a rodeam. A criança que não sabe cumprir os seus deveres na escola, não saberá mais tarde cumprir as suas obrigações para com a família, a sociedade e a pátria. (A Voz, n.28 out. 1938, 8 anos).

¹⁷ FARIA (1993, p. 47) indica que o teor dessas pesquisas era sobre cultura, sobre a tradição brasileira e sobre a vida da classe operária e dos funcionários da prefeitura, para respeitar justamente aquelas tradições, preocupação de Mário de Andrade.

Essas pesquisas abrangeram um período que extrapolou a gestão de Mário de Andrade que esteve à frente do DC entre 1934 e 1937.

As diferenças sociais também se apresentaram no *A Voz* mediadas pela solidariedade, pela caridade e o compadecimento com o sofrimento alheio, pela resignação e dignidade do pobre, temas que aparecem sob a forma de contos de natal, relatos sobre o inverno e sobre mendigos. Termos como *A Boa Ação*; *A criança Asilada*; *A Miséria laboriosa*; *Como é bom ser rico: dá-se conforto aos seus e presta-se auxílio aos que precisam*, são títulos e parágrafos internos de algumas matérias do jornal.

A criança que trabalha

O trabalho, de uma forma geral, é caracterizado em vários momentos do *A Voz* como agente de construção do país e atividade nobre, vinculada à honestidade e aos bons costumes e também como ocupação para afastar a população da delinquência. Sob o título *O Trabalho*, assim se apresenta uma matéria do jornal:

O trabalho é o preço único de tudo quanto tem valor. Sem ele cousa alguma se consegue. [...] Não são as honras, nem as grandezas que nos dão repouso, nem os livros e o saber que nos traz a felicidade, mas... o Trabalho. É o trabalho o melhor antídoto do crime. (A Voz, n.57, mar.1941, 14 anos).

Em outubro de 1936, na comemoração da semana da criança, uma matéria no jornal, sob o título *A criança que trabalha* demonstra o trabalho infantil e a educação como instrumento para aliviar essa situação,

Nós, crianças que estudamos, não realizamos a metade do esforço físico e mental que realizam as crianças que trabalham. A labuta cotidiana enrijece a fibra e da experiência da vida. Esta última só a tem quem amassou o pão de cada dia com o suor de seu rosto. A criança que trabalha é como o coral, ser obscuro e quieto, mas, que produz maravilhas de paciência e de arte. Para tirar a criança que trabalha desta obscuridade é que se esforça a Biblioteca Infantil Municipal. Salve, pequeno obreiro de uma grande pátria.(A Voz, n.5, out.1936, 12 anos).

O trabalho da criança pobre foi muitas vezes justificado, na época, como uma maneira de tirá-la da rua e dos folguedos malvistos, pois a disciplina e o tempo ocupado

que o trabalho proporciona eram considerados elementos para ordenar o comportamento. Nas matérias sobre o trabalho infantil, não há uma crítica ao trabalho da criança, já que a situação de pobreza justificaria essa atividade. Na apreciação que envolve essa questão, a escola e a Biblioteca são mencionadas como agentes promotores dessas crianças, demonstrando que esses eram os instrumentos indicados para resolver ou ao menos apaziguar essa situação, tornando evidente o valor que envolvia a educação. A valorização da escola nas matérias do *A Voz* é tão latente, que reveladora da crença na educação como resolução de todas as questões sociais e apesar da posição de estudantes das crianças e jovens que produziam o jornal ser um fator de influência na superestimação da escola, essa constatação não invalida a forte representação desse ideário na sociedade daquele momento ou ao menos no seio das camadas médias da população.

Ainda sobre a criança que trabalha, o sentido depreciativo dos que se encontram nessa situação é ilustrado no exemplo a seguir:

(A Semana da Criança)

Para esses (a criança que trabalha) foi instituída no Brasil, em vários países da América do Sul e, há pouco tempo nos Estados Unidos uma SEMANA DA CRIANÇA, na qual esses pequenos gozam de regalias e de privilégios que são como que um prêmio para o seu árduo trabalho. Essa CRUZADA PRO INFANCIA, como a chamam é uma instituição benemérita, pois, só Deus sabe o que esses pobres engraxates ou vendedores de jornais virão a ser daqui a alguns anos. Se por acaso verificam que não há prêmio ao trabalho, que ninguém recompensa seu esforço: Para que trabalhar? E assim deixarão de se esforçar e serão talvez mais tarde, elementos nocivos à sociedade. (A Voz, n.52, out.1940,14 anos).

A necessidade de estudar, a conotação moral da criança que estuda e a ascensão social pela educação são assim interpretados em uma história em quadrinhos, com o título *O vadio*, mostrando que o menino que não quer estudar e sim se divertir é castigado pela vida e que determinadas profissões que exigiam qualificação possuíam um valor inestimável aos padrões da classe média. No final da história,

[...] Foi assim que o vadio tornou-se um simples operário e os outros que aproveitaram os estudos hoje são: MÉDICOS, ENGENHEIROS, ADVOGADOS, DENTISTAS. E o vadio, muitos anos depois diz: crianças,

estudai para que possam ter um futuro melhor. Isto aconselho porque estou arrependido de não ter aproveitado melhor o meu tempo. (A Voz, n.68, fev.1942, 13 anos). (grifos da citação).

A diferença entre o trabalho manual e o intelectual é bem demarcada. Sobre essa questão, uma matéria intitulada *A força física e a força intelectual*, descreve um trabalhador braçal: *Crônica (Exaltação ao operário)*

[...] seu esforço é sobrehumano, mas ele sabe que daquele esforço depende o futuro da pátria. Debruçado sobre os tubos de ensaio ou sobre os livros, está o intelectual. [...] seu cérebro trabalha vertiginosamente, pensando: que será do meu Brasil se eu largar o meu trabalho? Assim são as duas grandes forças como duas grandes rodas de uma engrenagem. (A Voz, n. 11, maio.1937, 15 anos).

A implicação pejorativa do trabalho menos qualificado, resquício do período colonial escravocrata, é reproduzida no jornal em vários momentos e apesar de o trabalho aparecer como atividade imbuída de bons valores, o trabalhador braçal é apresentado de forma discriminada.

Com o título *Um Tipo Popular*, a matéria abaixo, sobre aspectos da cidade de São Paulo, refere-se ao trabalhador menos qualificado representado pelas classes populares como *inferior*, exemplos que se repetem demonstrando preconceitos e distanciamento entre as camadas sociais.

De uns tempos para cá, com o progresso natural dos meios de propaganda, surgiram na cidade, para admiração de todos vários homens pernas de pau...

São os mais altos frequentadores da rua Direita. Enxergam os outros de cima sem, no entanto, serem superiores. Eis um caso em que ocupando os postos mais elevados, os homens embora sendo populares, são inferiores aos que debaixo os apreciam. (A Voz, n. 3, ago.1936,13 anos).

As crianças e jovens retratavam em seus textos aspectos, fragmentos da organização social brasileira, do período, principalmente através de relatos sobre a vida urbana paulistana. A recente modernização capitalista no Brasil trouxe novos atores, novas possibilidades de colocação no processo produtivo, a expansão de novas camadas sociais e a crise de hegemonia da oligarquia agrária, segmento que se fortaleceu na Primeira República. De uma forma simplificada, no processo desencadeado na década de 30, a

sociedade brasileira apresentava uma recente burguesia industrial¹⁸ e trabalhadores da indústria, aspecto eminentemente urbano e localizado, uma oligarquia agrária e trabalhadores do campo. A classe média encontrava-se na nova configuração de incremento do comércio, do setor de serviços e de trabalhadores autônomos, advinda da industrialização e da urbanização, processos concomitantes porque dependentes e que abriram possibilidades de mobilidade social na estrutura de classes da sociedade brasileira, com a ampliação do mercado de trabalho voltada aos setores administrativos e financeiros, como também o aumento do mercado consumidor.

A divisão do trabalho no modo de produção capitalista dificulta a identificação de classe social enquanto unidade. Sobre os estudos das classes sociais, Hobsbawm (1998, p.99) afirma as dificuldades em se abordar essa questão pelas relações que devem ser consideradas, *como as gradações de classe, sua definição em relação a outros grupos e suas divisões internas e estratificações*, indicando que esse estudo deve ser um estudo da sociedade. Segundo esse autor,

[...] classe não define um grupo de pessoas em isolamento, mas um sistema de relações tanto verticais quanto horizontais. Assim, é uma relação de diferença (ou semelhança) e de distância, mas também uma relação qualitativamente diferente de função social, de exploração, de dominação/ sujeição.

Classe social não é uma categoria isolada, englobando um complexo de relações que se configuram no sistema produtivo e nas possibilidades de inserção em outras instâncias sociais. São poucos os trabalhos sobre as classes médias brasileiras e sua identificação política. Carone (1977, p. 3) em seu estudo sobre o Estado Novo, na apresentação da estratificação sócio-urbana da cidade de São Paulo nos anos 30, divide a classe média em alta, média e baixa e já no prefácio do seu trabalho, na explicação do que seria abordado, assinala que na parte que trata das classes sociais, *a classe média não é analisada por não ter encontrado material*. Sobre as classes médias, Fausto (1997, p.76-80) traz uma discussão, presente na historiografia brasileira, da vinculação desse segmento com o

¹⁸ Boris FAUSTO (1997, P. 23-25) sobre a burguesia industrial no período, indica que a força política desse segmento social, nos anos 30, foi superestimada por muitos autores. Edgard CARONE, em seu trabalho *O Estado Novo* (1977, p. 107) considera que a burguesia industrial vai adquirir um caráter hegemônico somente a partir dos anos 50.

movimento tenentista¹⁹ e constata a dificuldade em conceituar essa camada social e *estabelecer seus limites*, indicando que *a representação política das classes médias, pela própria heterogeneidade da categoria social, assume formas de natureza mais complexa do que a representação de outras classes ou frações*.

Em seu ensaio sobre as posições políticas da classe média no país, no período compreendido entre 1930 e 1964, Saes (1996, p. 452-453) define-a como o conjunto dos trabalhadores não manuais. A herança do trabalho escravo estigmatizou o trabalho manual e *criou uma barreira entre a classe média e o proletariado*, afirma esse autor. O jornal é representativo dessa forte carga de preconceito em relação à degradação do trabalho manual, decorrente da marca escravista. A pouca proximidade da classe média em relação à classe trabalhadora é assim indicada por pelo autor,

[...] se fazem sentir sobre a classe média os efeitos ideológicos da supergradação do trabalho manual, devida a presença dominante, ao longo de quatro séculos, do trabalho escravo. Tal estigma do trabalho manual foi legado pela economia colonial e escravista ao capitalismo industrial nascente, gerando assim, desde o nascedouro, uma grande distância social e uma grande dificuldade de aproximação (não encontráveis, pelo menos ao mesmo nível de intensidade, no capitalismo europeu) entre a classe média e o proletariado nascentes.

O trabalho manual e o não manual demarcam uma linha divisória no capitalismo, porque em uma sociedade *meritocrática*, que valoriza o esforço e a abnegação, a hierarquia social advinda da divisão do trabalho retrata como mérito e desmérito, capacidade e incapacidade a colocação das pessoas no sistema produtivo, o que se dá de acordo com as suas aptidões. O jornal é representativo de como se encaminhou esse distanciamento no processo de consolidação dos segmentos médios e do operariado no projeto urbano-industrial do país.

¹⁹ Movimento militar de jovens tenentes, da década de 20, do século XX, contra o poder das oligarquias e preconizando um maior centralismo do estado. CF. BORGES, V. *Tenentismo e Revolução Brasileira*, S. Paulo, Cia das Letras, 1990 e Boris FAUSTO (1997, p. 84), que afirma *inexistência de laços organizatórios mais sólidos entre os militares rebeldes e os meios políticos civis*, indicando que não há estreita vinculação entre o movimento e as camadas médias.

Essa discussão tem sua origem na procedência dos jovens tenentes, boa parte, oriundos desse segmento social.

Saes (1996, p. 454-457) faz uma distinção entre a classe média superior, identificada com a burguesia agroexportadora, que pregava a não intervenção do estado na economia para que seus interesses não fossem atingidos e a classe média inferior, voltada para o projeto de industrialização, de expectativa de consumo e de bem estar e possibilidades cada vez maiores de inserção social, com a dinâmica desse sistema.

Os conteúdos expressos no jornal sugerem que a industrialização e o progresso desencadeado pelo estímulo a essa modalidade de produção foram valorizados em vários momentos, indicando que o *A Voz* traduzia os anseios de uma classe média predominantemente urbana, participante de um momento de desenvolvimento, retratado, inclusive, na própria descrição do processo de mudanças da cidade de São Paulo, que foi reconhecida no jornal, somente pelo seu núcleo urbano, pois assim se identificavam as crianças e jovens que dele participaram.

Pela especificidade do *A Voz*, não há em seus escritos nenhuma indicação explícita de posições políticas dispersas nas várias tendências daquele momento, mas as aspirações ao progresso, que o jornal expressa tão bem, levam a considerar que talvez pela questão urbana e paulistana, a tendência que fica latente é de apoio ao incentivo à industrialização, apoio esse que naquele momento se caracterizava com a centralização do poder do estado. Entre 1930 e 1934, no *Governo Provisório*, em função do forte sentimento regionalista e da perda da hegemonia da classe que sustentava a supremacia de São Paulo (oligarquia agrária do café), a relação entre governo central e sociedade paulista era conflitante. Após 1937, Carone (1977, p. 115) indica *que a pressão sufoca qualquer sentido oposicionista*. O papel do Estado no que concerne à *sustentação da produção agrícola e industrial [...] explica a cordialidade entre classes produtoras e governo*. Esse autor demonstra, a partir de depoimentos de setores da classe dominante em São Paulo, a figura de Getúlio Vargas como representante da ordem para o progresso econômico (Carone, 1977, p. 116-117-118), assinalando que o Estado, na época, foi uma referência modernizadora.

A pesquisa sobre o perfil sócio-econômico dos frequentadores da Biblioteca, indicada no capítulo I deste trabalho demonstrou que a profissão dos pais era constituída, na maioria, por profissionais liberais, professores, proprietários e servidores públicos, ao

lado de outras categorias profissionais.²⁰ A divisão proposta por Saes (1996, p. 454) entre a classe média superior, configurada por profissionais liberais, altos funcionários públicos, como também, intelectuais e setores militares e a classe média inferior, representada pelo baixo funcionalismo público, empregados do comércio, bancários etc., se encontra diluída na frequência da Biblioteca.

No início de sua exposição sobre esse segmento social Saes (1996, p. 452) sugere que o conjunto da classe média não tem uma única posição a cada momento da luta política, indicando sua heterogeneidade e certa maleabilidade decorrente *da existência de diferentes situações de trabalho*. Sobre os ideais dessa classe Saes (1996, p. 452) assinala que mesmo na parcela que circunstancialmente se aproxima dos movimentos populares, a demarcação do trabalho manual se faz sentir.

Essa é a contradição ideológica própria da classe média: enquanto expressão privilegiada da divisão capitalista do trabalho, tende a ser atraída para o campo ideológico da burguesia (ou a uma das frações burguesas), quanto pode se unir politicamente ao proletariado em lutas que não ultrapassem um certo limite: o da supressão da divisão entre trabalho manual e trabalho não-manual.

Com o desenvolvimento do capitalismo, a diversidade de atividades decorrentes das mudanças ocorridas nas relações econômicas indicava a possibilidade de mobilidade social, que no jornal se expressa enquanto fruto do esforço pessoal através da escolarização, que é destacada para cumprir as exigências dessa nova organização social.

O esforço pessoal e a escola como fatores de ascensão social e também resolução da pobreza e das desigualdades sociais são assim descritos, na *Reprodução* de uma história sem identificação do autor. Com o título *Os dois meninos*:

Havia, numa pequena cidade, dois meninos. Um deles era rico e morava em um lindo palacete; o outro era pobre e vivia modestamente numa casinha campestre. Certo dia ia o menino pobre correndo a caminho da escola, quando ouve chamados. Era o menino rico que lhe pedia para brincarem juntos. Mas, como a sineta da escola tocou, o pobre parou, apenas alguns minutos.[...] Passaram-se os anos: os dois garotos de outrora são agora dois homens feitos. O pobre estudou e com isso lucrou muito. Um dia ele resolveu

²⁰ Nos arquivos da Biblioteca (indicado na nota n. 15 do capítulo I deste trabalho), foi feito um levantamento de 51 fichas dos seus frequentadores no período, em que consta a profissão dos pais, confirmando essas categorias profissionais.

visitar aqueles lugares por onde passava a caminho da escola. [...] Ouve então uma débil voz que lhe implora uma esmola. Deu ao pedinte alguns níqueis e perguntou-lhe onde estavam os moradores do castelo, hoje desmoronado. O pobre lhe contou que ele era o menino rico. O outro [...] pensou como tinha sido bom ter estudado, pois agora era um homem útil, que conseguira vencer na vida. (A Voz, n.54 dez.1940).

Esses escritos fornecem uma amostra do ideal moral fundado no mérito que envolvia a escola naquele momento. Sobre a constituição do liberalismo como política educacional e a *ilusão liberal de ascensão social pela escolarização*, Xavier (1990, p. 63) destaca que no período pós-república, no processo de organização social de uma sociedade aberta houve [...] *a incorporação definitiva dos pressupostos educacionais liberais na crença das camadas subalternas* e também das camadas médias. Pressupostos que indicavam a escola como alternativa e possibilidade de um futuro melhor.

Qual era a possibilidade de acesso à educação escolarizada das crianças e jovens na cidade de São Paulo nas décadas de 30 e 40? As escolas primárias ou cursos elementares públicos, freqüentados por crianças de 7 a 11 anos, atraíam as camadas pobres da população, como indicam o resultado da pesquisa demonstrada neste trabalho, no capítulo I e os estudos de alguns autores que se debruçaram sobre essa questão e que serão mencionados.

A crescente expansão da cidade e da população não foi contemplada com um número necessário de vagas nessas escolas e, conseqüentemente, uma parcela da população não freqüentava esses cursos, mesmo constatando-se que São Paulo, estado de referência econômica e de iniciativas educacionais, evidenciava um avanço nas matrículas escolares.

Paiva (1987, p. 115-117) confirma essa tendência regional, no seu trabalho sobre educação popular,²¹

O aumento das redes do ensino elementar devia-se fundamentalmente aos esforços estaduais. Em termos nacionais tanto as despesas quanto os níveis de atendimento são incomparavelmente maiores no Centro-Sul que em qualquer outra região do país; manifesta-se claramente na educação a desigualdade de riqueza regional.[...] em 1937, com uma população escolar de mais de 7 000 000 crianças (entre 7 e 12 anos) o atendimento ia pouco além de 2 600 000 crianças, correspondendo a pouco mais de 37%.

²¹ Nesse trabalho PAIVA (1987) considera educação popular a instrução elementar, incluindo a educação de adultos.

Sobre o acesso da população aos cursos elementares, em São Paulo, o trabalho de Sposito (1984, p. 32, 33 e 34) indica,

[...] após 30 continua a ser ampliada a oferta de vagas nas escolas primárias da cidade de São Paulo, mantendo-se um elevado nível de atendimento. Mesmo assim, frente a demanda da população com a expansão urbana, um número considerável de crianças não conseguia freqüentar os cursos primários.

A afirmação de Sposito quanto à expansão nas matrículas nos cursos elementares é apresentada por Romanelli (1978, p. 64)²², no quadro sobre a evolução do crescimento populacional e a escolarização no Brasil. Sobre os cursos primários no período analisado nesta pesquisa, a autora demonstra que, para uma população de 12.703.077 pessoas, em 1920, ocorreram 1.033.421 matrículas nos cursos primários; em 1940, a população representava 15.530.819 pessoas e as matrículas para esse grau de ensino foram 3.068. 269, ou seja, as matrículas triplicaram em 20 anos bem acima da proporção do aumento da população.

A propagação dos cursos elementares, nos anos 30, abriu uma via de acesso à educação escolar para camadas da população que ainda não haviam assimilado a escolarização como projeto de ascensão social, porque em processo de inserção no recente sistema produtivo que se ampliava.

Além de não ser contemplada como um todo pelos grupos escolares, a continuidade da escolarização das camadas populares tinha alguns entraves: a maioria das escolas secundárias, destinada às crianças e jovens de 12 a 18 anos, até meados dos anos 40, pertencia à iniciativa privada e esses cursos secundários, recentemente organizados com a Reforma Francisco Campos em 1931, apresentavam vasta abrangência de conteúdos, um sistema rígido de avaliação, afastando boa parte da população que não se via representada nessa escola e não deixando dúvidas sobre o caráter elitista desse grau de ensino na época.²³

²² Os dados completos apresentados por ROMANELLI se referem à população de 5 a 19 anos e a evolução das matrículas no ensino primário e médio, de 1920 a 1970.

²³ Sobre a organização dos cursos secundários verificar, entre outros, Otaíza ROMANELLI. (1978) *História da educação no Brasil 1930-7* e NUNES, M. T. *Ensino Secundário e Sociedade Brasileira*. RJ, ISEB, 1962.

Por outro lado, o exame de admissão não oferecia continuidade entre os cursos elementares e os secundários.

Os dados numéricos do trabalho de Romanelli (1978, p. 64) sobre o crescimento populacional e a escolarização ilustram também a diferença de matrícula na passagem dos cursos primários para os secundários ou médios. Em 1920, 1.033.421 era o número de matrículas nos cursos primários e no ensino médio, 109.281; em 1940, estavam matriculadas no ensino primário 3.068.269 pessoas e no ensino médio, 260.202, demonstrando o baixíssimo número de crianças matriculadas no ensino médio.

Em meados dos anos 40, a reivindicação pela continuidade da escolarização, com os cursos secundários, fez parte da organização dos movimentos de bairros em São Paulo, como demonstra o trabalho de Sposito (1984, p. 220-241). Essa autora indica que nos anos 30 havia somente um curso secundário público na cidade e que após o fim do *Estado Novo*, em 1945, com o fim do autoritarismo, movimentos populares se organizaram em várias regiões da cidade de São Paulo reivindicando melhores condições de vida e incluíram os ginásios públicos na sua pauta. A organização popular e a pressão por escolas, contemplados por Sposito, são indicativas da ineficiência do estado em beneficiar essa população. Esses movimentos demonstram que as camadas populares se mobilizavam, segundo o contexto e suas possibilidades de organização, para aumentar sua quota de participação no acesso à educação escolar.

Os projetos educacionais dos anos 30 e 40 não foram homogêneos nos seus objetivos, mas promoveram diretrizes nacionais quanto à escolarização da população. Além das tentativas de disseminação da escola elementar, que como vimos, não atendeu a demanda, houve um movimento para situar a educação no projeto de desenvolvimento capitalista, com a implementação dos cursos técnicos profissionalizantes. Nos anos 30 a legislação educacional incluiu em sua pauta o ensino comercial como ensino médio, e a criação de Liceus Industriais²⁴, nos centros urbanos, foi incentivada pelo governo central, visando à formação de mão de obra qualificada para o sistema produtivo que se expandia. Nos anos 40, a Reforma Capanema prevê o ensino industrial como nível médio. Esses

²⁴ O governo federal toma a iniciativa da construção dos Liceus Industriais nos estados, nos anos 30. Cf. PAIVA (1987, p.113).

curso eram terminais, com objetivos diversos dos cursos secundários voltados para a continuidade da escolarização: os cursos universitários que se organizavam no país.

No trabalho sobre os aspectos educacionais da gestão Capanema, Schwartzman (2000, p. 277) apresenta uma tabela demonstrativa do aumento no número dos cursos secundários em geral, incluindo os *outros de nível médio* que se expandiam. Como exemplo, em 1933 havia no país 417 cursos secundários e 1534 outros de nível médio. Em 1945, os cursos secundários eram 1.282 e 3.801 outros de nível médio.

O que não deixa dúvidas é que houve um avanço considerável na procura por escolarização a partir da década de 30. Mesmo assim Beisiegel (1995, p. 393) nos indica que a década de 40 não apresentou mudanças significativas no ingresso aos cursos secundários, para boa parte da população. Segundo esse autor,

A legislação em vigor nas décadas de 40 e 50 preservava a antiga organização “dualista” do ensino, caracterizada pela coexistência de algo como dois sistemas paralelos de educação, um para o povo em geral e outro para as elites, o primeiro iniciado na escola primária e continuado depois nas escassas escolas profissionais de nível médio então existentes, e o segundo, igualmente iniciado na escola primária e continuado depois na escola secundária, organizada com a intenção de encaminhar sua clientela para as escolas superiores e para as posições mais privilegiadas na sociedade.

As dificuldades de acesso e continuidade da escolarização demonstravam que no processo de desenvolvimento capitalista, as camadas sociais se inseriram na escola de acordo com a sua posição no sistema produtivo. A escola elementar pública, algumas vezes noturna para trabalhadores²⁵, os parques infantis e as entidades que assistiam as crianças das camadas populares são demonstrativos das diferentes escolas ou instituições educativas naquele momento.

O discurso que acompanhou os benefícios da educação, como um direito de todos, e o que se consolidou, como sistema educacional para a população em geral, indica o movimento contraditório entre o preconizado como ideal e as limitações do projeto educativo, limitações essas que não podem ser destacadas das necessidades do sistema produtivo. Para justificar o não alcance da escolarização ou a sua continuidade pela maioria

²⁵ As escolas noturnas para trabalhadores funcionavam desde o fim do século XIX. Cf. PAIVA (1987, p. 167).

da população, é colocada uma questão valorativa, demonstrada pelo mérito ou esforço pessoal como premissa para essa inserção.

Em seu estudo sobre a educação e os princípios do liberalismo, Xavier (1990, p. 59) destaca que a organização da educação escolar foi uma resposta às necessidades reais do país, indicando que a adequação do ensino está diretamente relacionada ao processo de desenvolvimento. Os limites das mudanças no processo de modernização capitalista, foram acompanhados pelos limites de acesso à educação.

A contradição exposta a partir dos escritos do jornal *A Voz*, valorizando a educação escolar como elemento fundamental de inserção social e de saída do atraso e o que acontecia realmente, de a escola não contemplar a população como um todo e dos diferentes graus de ensino serem alcançados pelos diferentes segmentos sociais, traduz como foi encaminhado o processo de modernização no país, que não absorveu a demanda por inserção social, mesmo que as décadas de 30 e 40 apresentassem uma conformação de abertura no sistema produtivo. Xavier (1990, p. 61), sobre o ideário liberal que propunha a escola pública e gratuita, afirma,

[...] os ideais liberais da escola redentora, promotora de progresso individual e social, móvel do desenvolvimento econômico, acabaram por se traduzir na acanhada defesa da ampliação do sistema tradicional que produzia elites dominantes.

A educação escolar e extra-escolar atendeu a população dentro das ambigüidades da constituição das diversas camadas sociais, com projetos diferenciados para serem alcançados pelas condições e demanda dos vários segmentos que compunham a sociedade brasileira. O processo de inclusão-exclusão, próprio do projeto burguês de educação, baseia-se no ideário liberal, em que é dada ao indivíduo a responsabilidade de seu sucesso ou fracasso. No jornal, essa idéia está caracterizada em vários escritos que destacam a escolarização como instrumento necessário para a ascensão social e melhor inserção no sistema produtivo, indicando que a relação da educação com a constituição da sociedade de classes acompanhou o movimento conflitivo de organização dessa sociedade.

Escola para o engrandecimento da pátria e a construção da nação

As diferenças sociais demarcadas no jornal se diluem quando os escritos incluem a nação e a pátria enquanto elementos significativos da reprodução de uma formação cívica voltada para as crianças e os jovens. As várias mesclas que o nacionalismo teve nas décadas de 30 e 40, propagadas não só pela formação escolar, mas pelos meios de comunicação disponíveis na época²⁶ como a radiodifusão, o cinema e a imprensa escrita e também nas organizações de cunho cívico, como a *Juventude Brasileira*,²⁷ vão além do que foi representado no jornal.²⁸ De uma forma geral, os escritos vinculados à questão do nacionalismo se concentram no enaltecimento da pátria enquanto valor a ser cultuado e construído com esforço e abnegação, através do estudo e da escola. A valorização da escola e sua função de formar futuras gerações para o bem do país se insinuam em várias matérias do jornal.

Uma visita dos *Pioneiros Paulistas*, escoteiros que participaram de uma seção de cinema na Biblioteca, foi encerrada com um orador do grupo e sua fala transcrita no jornal,²⁹

[...] *A entidade pioneiros paulistas tudo procura fazer pelas crianças, pois cuidar delas é cuidar de uma geração vindoura que transformará o Brasil em país grandioso. Estamos hoje admirando as bases da educação do homem e assim como as bases asseguram a integridade de um prédio, a educação da criança assegurará a integridade do Brasil de amanhã. A entidade Pioneiros Paulistas e a Biblioteca Infantil, ambas aqui, se*

²⁶ Em 1934 Getúlio Vargas cria o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural.

²⁷ A *Juventude Brasileira*, criada em 1940, no seu projeto inicial levou o nome de *Organização Nacional da Juventude* e foi alvo de disputas internas no governo quanto ao seu teor, mais ou menos militarizado e a competência do Ministério que a regeria, envolvendo o Ministério da Guerra, o da Justiça e o da Educação, que ficou com a incumbência de colocá-la em prática. Foi um movimento cívico promotor do culto aos símbolos nacionais.

²⁸ Em muitos momentos esse caráter nacional teve como propósito neutralizar núcleos estrangeiros que se formaram no país com o movimento de imigração européia. Esse aspecto do nacionalismo não transparece no *A Voz*.

²⁹ A prática do escotismo esteve vinculada à obediência, à hierarquia e a valorização da pátria através de rituais cívico-militares e foi uma atividade largamente divulgada. *Em 1937 o escotismo tornou-se uma atividade diretamente subordinada à Diretoria do Ensino, em São Paulo, com programa definido pela legislação educacional.* Cf. Circe BITTENCOURT (1990, p. 173) *Pátria, Civilização e Trabalho*.

*concatenam no mesmo ideal, que é educar a criança para melhorar a raça.*³⁰ (*A Voz*, n. 42, dez.1939).

Outra matéria sob o título, *O menino estudioso*, demonstra o importante papel da educação escolar para o futuro do país.

Carlos está na mesa de estudo. Sua atenção está voltada ao problema que tem de resolver. Lá fora o dia está bonito. [...] Coleguinhas brasileiros, fujamos a tentação. Acima de tudo, nossos estudos. Depois as outras ocupações. Seremos assim, filhos dignos deste glorioso estado brasileiro. (*A Voz*, n.29, nov.1938, 10 anos).

Outros dizeres - *grandeza da pátria* (*A Voz*, n.28); *elevamos o nome da pátria, cultivai sempre com amor e carinho as grandes datas de nossa história* (*A Voz*, n.52); *tudo pela pátria será o nosso lema* (*A Voz*, n.69) - expressam o civismo e o patriotismo incentivados pela escola e pelo projeto educativo da Biblioteca. A educação, até meados dos anos 30 foi valorizada como instrumento para a modernização do país e um projeto nacionalista na formação das novas gerações se configurou a partir do *Estado Novo*, imprimindo à educação a função de construção da nacionalidade.³¹

No contexto do *Estado Novo*, a Reforma Capanema que vigorou a partir de 1942 e lançou as diretrizes da educação nacional até os anos 60 propôs uma formação escolar, em que o patriotismo foi o foco central. Sobre o ensino secundário, assim se expressou Gustavo Capanema,

[...] o ensino secundário deve ser, por isto, um ensino patriótico por excelência, e patriótico no sentido mais alto da palavra, isto é, um ensino capaz de dar ao adolescente a compreensão dos problemas e das necessidades, da missão, dos ideais da nação e bem assim dos perigos que a acompanham, cerquem ou ameacem, um ensino capaz, além disso, de criar, no espírito das gerações novas a consciência da responsabilidade diante dos valores maiores da pátria, a sua independência, a sua ordem, e seu destino.(apud. Romanelli, 1978, p.157).

³⁰ O *Dia da Raça* foi título, com ilustração, de uma matéria no jornal, sobre a *robustez das crianças, sobre os soldados fortes e intrépidos e os operários másculos, cooperando para a grandeza da pátria* (*A Voz*, n. 28, out. 1938, 14 anos).

³¹ A tese de doutorado de José Silvério Baia HORTA (1994) *O Hino, o Sermão e a Ordem do Dia: A educação no Brasil (1930-45)*, no capítulo *Educação Moral e Cívica: A educação a serviço do Estado*, traz o histórico da inserção da instrução moral e cívica nos programas escolares daquela época.

As questões regionais e nacionais percorreram toda a produção do jornal, através dos inúmeros escritos sobre os heróis e os feitos da história do país, reforçados pela Biblioteca, pela escola e pelo contexto que envolvia a época, como já foi mencionado. A presença de outros países vem acompanhada de datas comemorativas, principalmente o descobrimento da América e a Revolução Francesa, como também narrativas de acontecimentos que envolviam o Brasil. Sobre os Estados Unidos, este é apresentado como o mentor do *Pan-americanismo*³², movimento que foi comemorado em várias edições do jornal. Chauí (2000, p. 38) indica *que o Pan-americanismo foi instituído pelo Departamento de Estado norte-americano durante os anos da segunda Guerra Mundial (1939-1945)*. Carone (1977, p. 295) destaca que, a partir de 1939, os EUA se preocupam mais com a América Latina, *pois temem a conflagração européia*. No jornal, o *Pan-americanismo* aparece pela primeira vez em abril de 1937 e em 1939 há uma afirmação sobre o mês de abril, como data comemorativa *porque a maioria das escolas, cujo interesse se trata de despertar, estão abertas nessa época* (*A Voz*, n. 34, abr. 1939, 13 anos), expressando a importância da função propagadora da escola.

Há várias referências sobre o Paraguai, indicado como país invasor. A Guerra do Paraguai é ilustrada através de matérias sobre os heróis nacionais, principalmente o General Osório e Duque de Caxias³³ e o enaltecimento dos feitos brasileiros, sem nenhuma referência sobre o grau de destruição que provocou. Nos números 15, 16, 17 e 18 de 1937, do *A Voz*, consta uma história sequencial, em quadrinhos, sobre a Guerra do Paraguai, como *Epopéia brasileira*.

A resistência às idéias socialistas que se divulgavam na época e que o fortalecimento do poder do Estado, enquanto instituição promotora da nacionalidade, tentou

³² Termo consagrado na 1ª Conferência Internacional dos Estados Americanos, realizada em Washington em 1889, quando foi criada a União Pan-Americana. Nos anos 30 a política do Pan-americanismo foi reforçada, comemorando-se em 14 de abril o dia *Pan-americano*.

A política externa norte-americana também se inseriu pela via cultural. *Em 13 de janeiro de 1938 foi inaugurado, no Rio de Janeiro, perante numerosa assistência, o Instituto Brasil-Estados Unidos, para combater a propaganda norte-americana que transparece sutilmente de instituições culturais européias. Propõe-se, a nova Instituição, a desenvolver a cooperação intelectual entre o Brasil e os Estados Unidos.* GROPP, D. M. *Revista do Arquivo Municipal*, n. 68, jul. 1940.

³³ A Guerra do Paraguai durou cinco anos, entre 1864 e 1870. O Gal. Manuel Luis Osório foi comandante do exército brasileiro nos primeiros anos, sendo substituído, em 1866, por Duque de Caxias.

abrandar³⁴ não é mencionada em nenhuma matéria no jornal, mas o registro de uma fábula, sem referência da fonte, chamada *O Gato Bolchevista*, que transcrevo literalmente, traduz a ironia a essas idéias:

Havia um gato muito esperto. Quase todos os dias ele fazia discursos em praça pública, dizendo: Nós devemos derrubar este governo! Se todos votarem em mim, quando eu for chefe tudo o que eu tiver será de vocês; o tesouro estará as ordens. Poderão andar de aeroplano terão rádios de 8 válvulas e assim por diante.

Votem no partido bochevista! (sic) Os outros gatos, ficaram animados com estas palavras e no dia da eleição, todos votaram nele. Certo dia, depois que já era chefe, viu um bom achado. Um frango assado que cheirava de longe. Agarrou o apetitoso frango e poz-se a come-lo. Enquanto comia, chegou um seu amigo que disse: Olá amigo, vamos passar bem hoje, não?

Está muito enganado; quem achou o bocado fui eu e o que é meu não é seu. Ora amigo então esqueceu o que ensina a moral do nosso partido? Está por acaso tonto, louco, fascista ou burguês?

Nada disso. Quando eu tinha a pança vazia eu era bom bolchevista, mas, agora que ela já está cheia, sou bom CONSERVADOR. (A Voz, n. 4, set.1936,10 anos).

O civismo e o culto a pátria no jornal foram acompanhados por um enaltecimento quanto à construção do país como que predestinado a ter um futuro glorioso. Alguns dizeres do jornal, tais como: *país mais rico do mundo; o Brasil será colocado entre os primeiros do mundo (A Voz, n.95); [...] O Brasil será um dos países mais poderosos do mundo, porque o Brasil é o país do futuro. (A Voz, dez.41 - 14 anos); até pouco tempo tudo era importado, hoje o Brasil é que exporta tudo: CAFÉ, FRUTAS, ETC.* indicam otimismo em relação ao país, reforçando a sua imagem de grandiosidade, riqueza e futuro auspicioso.

No fim de uma matéria sobre o Descobrimento do Brasil, assim se manifesta esse sentimento,

*E agora, 439 anos após a descoberta,
nós, os filhos desta terra abençoada,
devemos fazer tudo para engrandece-la.
Estudai, meus colegas, estudai!*

³⁴ Cf. SILVA, Carla Luciana Silva. *Imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)* Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

Estudando trabalharão para enriquecer o Brasil e torna-lo sempre maior.
(*A Voz*, n.34, abril de 1939, 12 anos).

Nessas alusões transparece uma conotação coletiva, de um povo caminhando para o desenvolvimento e a escolarização como instrumento fundamental nesse processo. A respeito da construção do Estado-Nação, Chaui (2000, p. 19) considera que a partir da metade do século XIX, a nação se manifesta como, *um poderoso elemento de identificação social e política, facilmente reconhecível por todos*.

Sobre o princípio da nacionalidade, essa autora define dois pressupostos: o *caráter nacional* tendo como elementos o território, a população e sua expressão cultural e a *identidade nacional*, em que se encontra mais um elemento, produto da divisão do trabalho, *a inserção de classe social*, indicando que o caráter nacional vincula-se ao unitário e ao homogêneo e a identidade nacional, às diferenças e ao heterogêneo. Para o primeiro, a idéia de *nação totalizada*, onde às diferenças se diluem, em que o caráter significa homogeneização e brasilidade. Para o segundo, a idéia lacunar, diferenciando a população entre brancos, negros, ricos e pobres.

Empregando esses termos e definições propostas por Chaui, (2000, p. 26-27) quando no jornal a nação e a pátria são evocadas, transparece um sentimento de unidade, o *caráter nacional*. Nos escritos que expõem os diferentes segmentos sociais, prevalece a distância entre as classes, indicando o que autora define como a *identidade nacional*, ou seja, a diferenciação entre as classes sociais. Chaui indica a *representação homogênea que os brasileiros possuem do país e de si mesmos* e a contradição que essa representação produz ao assinalar o *lado bom e ruim* como partes de um todo, que não revela as contradições.

A noção do nacional, *do verdeamarelismo*, nas palavras de Chaui (2000, p. 38) foi sendo elaborada no século XIX pelas elites agrárias no sentido de assegurar sua hegemonia. e essa ideologia essencialmente agrária conservou-se no processo de industrialização das primeiras décadas do século XX deslocando sua função de exaltação de um grande território propício à economia agrária, para a exaltação de um povo caminhando rumo ao futuro. *O verdeamarelismo assegura que aqui não há lugar para a luta de classes e sim para a cooperação e a colaboração entre o capital e o trabalho, sob a direção e vigilância do Estado*, afirma essa autora.

De uma forma geral, há várias implicações nesse enaltecimento ao nacionalismo naquele momento, que se complementam: a necessidade de reafirmar a identidade do país ainda recente como nação e com isso a elaboração de uma cultura nacional incorporada pela sociedade; o nacional se contrapondo aos regionalismos que ainda vigoravam no país; os movimentos externos nacionalistas, que a ditadura do *Estado Novo* representou com o seu projeto e como resistência ao ideário socialista; a contingência do processo econômico, de industrialização das décadas de 30 e 40, atrelado ao Estado.

Há uma distinção entre união nacional e classes sociais, mas o projeto que se vislumbrou sobre a unidade nacional se manifestou muitas vezes, no jornal, como o de modernidade, de desenvolvimento e de diluidor das diferenças sociais, em que o papel dos envolvidos se apresenta como consensual.

Os escritos do jornal traduzem uma intenção de unidade quando mencionam o nacional e a nação, ao mesmo tempo em que revelam a distância entre os vários segmentos sociais, expressando a herança do período colonial, que durante o processo econômico agroexportador se consubstanciou em uma sociedade hierárquica e que utilizou o trabalho escravo, fundamentos de uma sociedade autoritária, excludente e com inúmeros preconceitos.

A formação da cidadania e a unidade nacional, que transparecem no *A Voz*, não se deram pelo entendimento de como foi formada a sociedade brasileira, mas pelos seus ícones e símbolos nacionais. Nesse sentido, a Bandeira, o Hino, os feitos históricos e seus heróis foram reiterados com a função formadora das novas gerações, pelas tradições vazias dos processos em que se formaram, distantes enquanto realidade concreta porque forjadas, repetidas e não contextualizadas; a idéia de nação como falsa consciência, porque reiterada enquanto movimento homogêneo para um próspero futuro.

As idéias e valores apresentados no jornal expuseram um ideário reproduzido pela geração que nele se expressou, indicando uma formação moral, de *visão de sociedade*, a partir de pilares conservadores, com indícios de modernidade.

O *A Voz* demonstra que, no seu processo de desenvolvimento, a sociedade brasileira tomou um rumo, fruto de uma dinâmica de fatores, de uma herança cultural e ideológica que se manteve conservadora. A década de 30 não rompeu com a tradição oligárquica e ao

mesmo tempo foi palco de um processo de acomodação dos conflitos, com o poder centralizador e autoritário do Estado, modernizando alguns setores.

As crianças e jovens que escreveram para o jornal faziam parte, como já foi apontado, majoritariamente das camadas médias e reproduziram, em seus escritos, a distância entre as classes e a hierarquia presente na sociedade brasileira. Eram jovens letrados, ilustrados, com acesso a livros e informações na época e reproduziram determinados valores e não outros.

A classe média paulistana, representada no *A Voz*, trouxe indícios de como se revelou a modernidade capitalista no país, processo encaminhado nos anos 30 e 40 e que deu forma ao desenvolvimentismo, termo que vai ser utilizado para caracterizar o projeto econômico pós-guerra, a partir dos anos 50.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] as novas nações anexam a sua história exemplos de grandeza e realização passados na razão direta do que sentem estar faltando dessas coisas em seu passado real – quer esse sentimento seja ou não justificado. (Eric Hobsbawm, 1998, p. 33).

[...] preocupar-se com a educação significa preocupar-se com a elevação do nível cultural das massas, significa, em consequência, admitir que a defesa de privilégios (essência mesma da postura elitista) é uma atitude insustentável. Isto porque a educação é uma atividade que supõe a heterogeneidade (diferença) no ponto de partida e a homogeneidade (igualdade) no ponto de chegada. (Dermeval Saviani, Educação: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo, Cortez, 1985, p. 13).

Nessas considerações é necessário tornar presente uma questão que acompanhou todo o processo de construção deste trabalho: a originalidade e a limitação da fonte de pesquisa. A utilização de novas fontes de pesquisa para a reconstrução histórica constitui uma prática ainda recente, principalmente nos estudos sobre a educação e pode, pelo inusitado que encerra, expor um registro de caráter inestimável. Como fonte primária de pesquisa o *A Voz* apresentou textos que ratificaram um amálgama de valores representativos da organização social do país e isso se deu pela característica e riqueza da fonte, que mostrou determinados aspectos das décadas de 30 e 40 – período da história

contemplado por análises nas várias áreas do conhecimento, que trouxeram informações preciosas sobre o processo de modernização brasileiro.

Os escritos destacados neste estudo, observados como um todo após a sua finalização, perfizeram basicamente a década de 30 e o início dos anos 40, não deliberadamente, mas pela característica do jornal, que foi se repetindo, perdendo um pouco o entusiasmo dos primeiros anos de sua produção.

O primeiro contato com o *A Voz* levou à impressão de escritos individualizados e circunstanciais. Uma análise mais rigorosa, porém, revelaria um conjunto de conceitos que transpareceram ao longo da produção deste trabalho, no movimento de sua construção e na busca do que representaria a totalidade do objeto da pesquisa. Embora alguns temas tenham desencadeado outros e alguns ainda foram deixados de lado, convém reafirmar que o jornal foi o ponto de partida de toda a pesquisa apresentada.

Lowy (1985, p. 16), em seu ensaio sobre ideologia, buscando demonstrar as categorias que dão conta de expressar uma análise de totalidade, afirma,

É impossível entender o desenvolvimento de uma ideologia, de uma teoria, de uma forma de pensamento, seja religiosa, científica, filosófica ou outra, desvinculadamente do processo mesmo do desenvolvimento das classes sociais, da história, da economia política.

Essa constatação de Lowy quanto às relações possíveis entre maneiras de pensar e o processo mais amplo que as informaram, esclarecem o que representou o *A Voz* que, pela sua especificidade de jornal infanto-juvenil, se pretendeu neutro e desinteressado e uma análise que procurou situá-lo em um contexto mais amplo, evidenciou um ideário expresso em seus conteúdos.

A atividade que envolveu a produção do jornal, com o intuito maior de promover a Biblioteca Infantil como seu órgão divulgador e de garantir a permanência das crianças e jovens em seu espaço expôs seu caráter educativo e formador. São amplas as discussões sobre a função social da educação, mas de uma forma geral, a educação é permeada de propósitos, não é neutra nem descomprometida, por mais que seja insuspeito o espaço escolar ou de qualquer instituição que promova a educação. O que define ideologicamente a neutralidade da educação, é que o êxito dos envolvidos depende de capacidades individuais

e do esforço pessoal, além do inegável valor educativo e dos benefícios que envolvem a ação pedagógica, por isso, sempre bem intencionada.

Todos os escritos do *A Voz*, independente dos assuntos assinalados, foram interpostos pela educação escolar, seja pela influência direta da escola, através do currículo escolar, traduzido nos temas destacados e na forma como foram abordados ou ainda, pela valorização da escola, apresentada como fator fundamental de promoção social e desenvolvimento.

O *A Voz* revelou dois aspectos referentes à educação. O primeiro, sobre a sua função propagadora de valores, expresso na reiteração dos marcos históricos do passado, na “escola patriótica” do Estado Novo e no projeto educativo da Biblioteca. O segundo, sobre a educação como um bem almejado porque meio de inserção social e também de progresso para o país, demonstrando a relevância da educação escolar na resolução dos problemas sociais.

Na época de produção do *A Voz*, período do Estado Novo, a escola foi considerada um dos meios eficazes na salvaguarda dos interesses e exaltação dos valores nacionais. Práticas educativas foram incluídas no espaço escolar com a função de disseminar o amor à pátria e a coesão do país através das tradições e dos seus símbolos, reproduzidos tão bem no jornal, nos relatos dos feitos históricos e na reverência aos seus personagens e que a Biblioteca reiterou através do seu projeto educativo.

Circe (1990, p. 165) analisa o ensino de História do Brasil no período e assim se expressa sobre a função da escola no projeto nacionalista,

A escola, principalmente durante o período autoritário do Estado Novo, sob a ótica do nacionalismo, era a instituição fundamental criada pela nação para formar o indivíduo, possuindo, portanto, tarefas específicas que permeavam o conjunto das disciplinas com seus conteúdos e métodos.

A expectativa que permeava a educação escolar como instrumento na transmissão de um ideário de união nacional, através da disseminação de um passado exemplar e de um futuro grandioso para o país, dispunha também sobre o desempenho da educação para resolver problemas que afetavam esse “todo” idealizado,

Paiva (1987, p.28) sobre a educação como resolução das questões sociais assinala,

[...] se a educação do povo era o único problema nacional, seu corolário era atribuição de todos os problemas à ignorância de nossa população. Associa-se à posição o preconceito contra o analfabeto como elemento incapaz, responsável pelo escasso progresso do país e pela impossibilidade do Brasil participar do conjunto das nações cultas.

Nos marcos da década de 30, a organização da política educacional brasileira ocorreu pelo reconhecimento da educação para a saída do atraso, instrumento de que dispunha a sociedade brasileira, naquele momento, para atingir um patamar de civilização, questões postas desde o início do século XX e que se materializaram no jornal, através da identificação do moderno e do civilizado como progresso material e desenvolvimento urbano.

A relação entre a educação escolar e o projeto de modernidade, entendido aqui como a produção industrial vinculada ao progresso, só pode ser esclarecida no seu vínculo com o ideário liberal de oportunidades para todos. Ao enfatizarem a importância da educação escolarizada, ao mesmo tempo em que uma parcela da população não tinha acesso à escola ou somente à escola elementar, os escritos do jornal expõem os mecanismos de discriminação social, em que a defasagem educacional e a exclusão social são apresentadas como responsabilidade do indivíduo que precisa se esforçar e estudar, justificativa pela qual se desloca do sistema seus aspectos excludentes. Legitima-se a desigualdade social com a capacidade medida pelo êxito escolar, como também a educação é valorizada como solução das questões sociais, camuflando os aspectos estruturais que definem esses problemas e que são anteriores ao ingresso escolar.

A educação escolarizada para a população foi um movimento necessário ao processo de desenvolvimento em que se encontrava o país, principalmente nos centros urbanos, decorrente da necessidade de qualificação para o ingresso nas ocupações advindas desse processo. A impossibilidade de acesso à escola ou de continuidade da escolarização pela maioria, foi decorrência dos limites da expansão capitalista no país, indicativa de que a população se estrutura numa ordem de participação diferente na apropriação da riqueza e do conhecimento. Ser alfabetizado ou freqüentar os grupos escolares para muitos representou um grande avanço, nos anos 30 e 40, pois os bens educacionais mais aprimorados nem sempre foram alcançados pelas classes populares, pelas limitações materiais. Os movimentos de pressão por escolarização, que se organizaram,

principalmente a partir dos anos 40 promovendo algumas conquistas, demonstraram a assimilação, por parte da população, sobre o que a educação escolar poderia proporcionar, como meio de atingir algum patamar de colocação social.

Concomitantemente à ampliação da escolarização nos anos 30, questão já contemplada por Beisiegel e Sposito, entre outros, manteve-se as diferenças nas possibilidades de ingresso a esse *bem comum*. Sem saltos ou previsões, a demarcação mais clara no processo de expansão e inserção social, representada pela modernidade, demonstrou que as camadas médias foram mais beneficiadas pelas oportunidades educacionais, no início da expansão escolar, fator visível ainda hoje.

O que o alargamento das oportunidades escolares demonstra é que quando um nível de ensino se amplia, facilitando-se o acesso, esgota-se ou diminui o seu valor como meio propulsor de inserção, ou seja, a viabilidade de um patamar de escolarização pela maioria, desvaloriza esse nível, dando a outro, menos concorrido, o valor da formação educacional. Uma incômoda atualidade, porque acompanha o movimento de expansão-discriminação do projeto de escolarização, visível no processo de atendimento educacional no país, ainda com um contingente mal contemplado pelos graus de escolarização.

O discurso que acompanha as críticas à escola pública atual, comparando-a com tempos passados, deve considerar que o ensino secundário público, que se ampliou a partir de meados dos anos 40, até os anos 60 foi uma escola alcançada por boa parte das classes médias brasileiras, mantendo um padrão de qualidade até tornar-se comum para esse público, como nível de ensino intermediário para os cursos superiores.¹

A Biblioteca Infantil reafirmou a configuração de possibilidades diferenciadas de inserção pela educação que caracterizou o processo de modernização no país, pelas particularidades do bairro em que estava localizada na cidade de São Paulo e por ter desenvolvido um projeto de atendimento a crianças e jovens que, nos anos 30 e 40, estivessem escolarizados.

O projeto da Biblioteca Infantil foi bem ambicioso, representando uma disposição em proporcionar uma educação aprimorada, promovendo uma complementação escolar de

¹ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, recolhidos no Censo de 2000, somente 6,8% da população com mais de 25 anos, no país, concluiu o ensino superior. 34,5% desse total se refere ao Estado de São Paulo. Cf. Fernanda da ESCOSSIA. Só 6,8% dos brasileiros têm curso superior. *Folha de São Paulo*, 03.12.2003, p. 4.

acordo com os mais novos modelos pedagógicos, com propostas que envolviam os frequentadores em diferentes atividades, aproximando-os de vários instrumentos do conhecimento, incentivando a palavra escrita, a leitura e a literatura com outras formas de expressão, como concursos de desenhos, cinema e teatro, constituindo-se em um centro de cultura. À educação mais ilustrada, que instituições como a Biblioteca promovia, foi facilitado o acesso às camadas sociais mais letradas, pelo próprio contexto de diferentes possibilidades de inserção, contexto que se reproduz, com outras nuances, até os dias atuais.

A proposta deste trabalho de demonstrar por uma fonte primária alguns aspectos do processo de modernização do país, constituído pelas décadas de 30 e 40, evidenciou o caráter conservador desse momento de reorganização social, na representação dos ideais da classe média urbana paulistana, emergente e esclarecida, que apontava entusiasticamente para o sentido da modernidade: modernidade tão comprometida com o passado.

LOCAIS DA PESQUISA DE DOCUMENTOS

BIBLIOTECA INFANTO-JUVENIL MONTEIRO LOBATO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO - Seção de Bibliografia e Documentação

Acervo *Lenyra Fraccaroli*:

Álbuns de correspondências recebidas e enviadas de 1936 até 1950

Álbuns de fotografias de 1925 a 1950

Álbuns de recortes de jornal de 1924 até 1960

Caixa Arquivo com o material do jornal *A Voz da Infância*:

- Composições para concurso de repórter do jornal *A Voz da Infância*
- Correspondências
- Livro de *riscos* em papel de desenho e ilustrações
- Matérias originais escritas pelas crianças e jovens
- Pasta encadernada com Atas do jornal *A Voz da Infância* de 1937: Ata da fundação do jornal e Ata da eleição da primeira diretoria

Coleção do Jornal *A Voz da Infância*

Pasta de textos de Lenyra Fraccaroli

Fichas dos consulentes da Biblioteca Infantil Municipal

Textos da Exposição: *60 Anos de Memória da Biblioteca*

Acervo *Monteiro Lobato*.

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Acervo de Documentos sobre o Departamento de Cultura

Acervo de Documentos sobre a Divisão de Documentação Social do Departamento de Cultura.

Coleção *Departamento de Cultura*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, K. M. A idéia de São Paulo como formador do Brasil. In: FERREIRA, C. A. e outros. *Encontros com a História: Percursos históricos e historiográficos de São Paulo*. UNESP, 1999.

ANDRADE, M. *Paulicéia desvairada*. São Paulo, Casa Maiença, 1922.

ANTONACCI, M. A. *A Vitória da razão(?)*: O Idort e a sociedade paulista. São Paulo, Marco Zero, 1993.

ARAUJO, J. C. S. E GATTI JR, D. (Orgs.) *Novos Temas em História da Educação Brasileira*: Instituições escolares e educação na imprensa. Campinas, A. Associados, 2002.

ARAUJO, R. A. *Cinema Sonoro e a Educação*. Tese apresentada para Técnico de Educação, São Paulo, s. ed., 1939.

AZEVEDO, A. *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana*. São Paulo, Ed. Nacional, 1958. v. 1.

BASTOS, M. H. C. Espelho de Papel: a Imprensa e a História da Educação. In: ARAUJO, C. S. e GATTI, D. *Novos Temas em História da Educação Brasileira*, Campinas, Autores Associados, 2002.

BEISIEGEL, C. Educação e Sociedade no Brasil após 30. In: HOLANDA, S. B. (Dir.) *O Brasil Republicano: economia e cultura*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995. v. 4 (Col. História Geral da Civilização Brasileira).

BITTENCOURT, C. *Pátria, Civilização e Trabalho*: o ensino da história nas escolas paulistas (1917-39). São Paulo, Loyola, 1990.

BORGES, V. P. *Getulio Vargas e a Oligarquia Paulista*. São Paulo, Brasiliense, 1979.

_____. *Memória Paulista*. São Paulo, Edusp, 1997.

_____. Anos Trinta e Política: História e Historiografia. In: FREITAS, M. C. *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo, Ed. Contexto, 2000.

BOSI, A. *Dialética da Colonização*. São Paulo, Cia das Letras, 1992.

BRUNO, E. S. *Histórias e Tradições da cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1954.

CÂNDIDO, A. Prefácio da *Coleção para gostar de ler*. São Paulo, Ática, 1991. v. 5.

CANO, W. *Desequilíbrios Regionais e Concentração Industrial no Brasil*. Campinas, Instituto de Economia da Unicamp, 1998.

CAPELATO, M. H. Estado Novo: Novas Histórias. In: FREITAS, M. C. *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo, Contexto, 2000.

CAPELATO M. H e PRADO, M. L. *O Bravo Matutino – imprensa e ideologia: O Jornal “O Estado de São Paulo”*. São Paulo, Alfa-Omega, 1980.

CARONE, E. *Revoluções do Brasil contemporâneo*. São Paulo, Deso, 1965.

_____. *O Estado Novo (1937-1945)*. RJ, Difel, 1977.

CASTRO, C. A. *Um olhar distanciado para os velhos Objetos*. Tese (Doutorado em educação), USP, 1998.

CATANI, D. B. e SOUZA, C. *Imprensa Periódica Educacional Paulista (1890-1996)*. São Paulo, Pleiade, 1999.

CAVALHEIRO, E. *Testamento de uma geração*. Porto Alegre, Globo, 1944.

CERRI, L. F. *Non Ducor, Duco. A ideologia da Paulistanidade e a Escola*. Dissertação (Mestrado em Educação), Unicamp, 1996.

CHAUÍ, M. *Brasil - Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Ed. Perseu Abramo, 2001.

CIAVATA, M. O conhecimento histórico e o problema teórico-metodológico das mediações. In: FRIGOTTO, G e CIAVATTA, M. (Orgs.) *Teoria e Educação no Labirinto do Capital*. RJ, Vozes, 2001.

DECCA, M. A. G. *O controle do cotidiano operário*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

DINIZ, E. O Estado Novo: Estrutura de Poder: Relações de Classe. In: HOLANDA, S. B. (Dir.) *O Brasil Republicano: sociedade e política (1930-1964)*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996, v. 3 (Col. História Geral da Civilização Brasileira).

ESCOSSIA, F. Só 6,8% dos brasileiros têm curso superior. *Folha de São Paulo*, 03.12.2003, p. 4, c. C.

FAUSTO, B. A Revolução de 1930: Historiografia e História. São Paulo, Cia das Letras, 1997.

FRACCAROLI, L. *Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil em Língua Portuguesa*, São Paulo, s. ed., 1953.

GARCIA, J. R. *Sobre a organização da Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato*. São Paulo, 1993. (Mimeo).

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1968.

_____. *Obras escolhidas*. São Paulo, Martins Fontes, 1978.

HOBSBAWM, E. *Sobre a História*. São Paulo. Cia das Letras, 1998.

HORTA, José S. B. *O hino, o sermão e a ordem do dia*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1994.

_____. A Constituinte de 1934: Comentários. In FÁVERO Osmar. (Org.) *A Educação nas Constituintes Brasileiras 1823-1988*, Campinas, Autores Associados, 2001.

IANNI, O. *Estado e Planejamento Econômico no Brasil (1930-1970)*. RJ. Civilização Brasileira, 1971.

_____. *O ciclo da Revolução Burguesa*. São Paulo, 1984. Petrópolis, Vozes, 1984.

_____. *A Sociologia e o mundo moderno*. São Paulo, 1988. (Mimeo).

KONDER, L. *A questão da ideologia*. São Paulo, Cia das Letras, 2002.

LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo, Ática, 1985.

LOURENÇO FILHO, M. B. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. São Paulo, Melhoramentos, 1978.

LOVE, J. *A locomotiva: São Paulo na Federação Brasileira – 1889-1937*. São Paulo, Paz e terra, 1982.

LOWY, M. *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*. São Paulo, Ed. Busca Vida, 1987.

_____. *Ideologias e Ciência Social: Elementos para uma análise marxista*. São Paulo, Cortez, 1995.

MAGALHAES, J. P. Breve Apontamento para a História das Instituições Educativas. In: SANFELICE, J. L. SAVIANI, D. LOMBARDI, J. C. (Orgs.) *História da Educação: Perspectivas para um intercâmbio internacional*. Campinas, Autores Associados, 1999.

MANOEL, I. A. *O ensino da História do Brasil: origens e significados (uma interpretação)*. São Paulo, Cadernos de Pesquisa Vunesp, n. 16, 2003.

MARCONDES F. C. *O capital da Notícia*. São Paulo, Ática, 1989.

MARX, K e ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. Lisboa. Ed. Presença, 1976.

- MASCARO, C. C. *O município de São Paulo e o ensino primário: ensaio de administração escolar*. Livre-docência, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, 1960.
- MICELI, P. *O Mito do Herói Nacional*. São Paulo, Contexto, 1994.
- MICELI, S. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo, Ed. Difel, 1979.
- MIRANDA, N. Clube dos menores operários desde 1937. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, n.1, jul.1944.
- MOOG, V. *Bandeirantes e Pioneiros*. Porto Alegre, Globo, 1974.
- MORSE, R. M. *De Comunidade à Metrópole: Biografia de São Paulo*. São Paulo, Ed. Gráfica Irmãos Adrioli, 1954.
- NADAI, E. O ensino de história e a Pedagogia do Cidadão. In: PINSKY, J. e outros. *O ensino de História e a criação do fato*. São Paulo, Contexto, 2001.
- PAIVA, V. *Educação Popular e Educação de Adultos*. São Paulo, Loyola, 1987.
- PATARRA, N. Dinâmica Populacional e urbanização no Brasil: O período pós-30. In: HOLANDA, S. B. (Dir.) *O Brasil Republicano: economia e cultura (1930-1964)*. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 1995. v. 4. (Col. História Geral da Civilização Brasileira).
- PENTEADO, A. E. de A. *Literatura Infantil, História e Educação: Um estudo da Obra Cazuza, de Viriato Corrêa*. Dissertação (Mestrado em Educação), UNICAMP, 2001.
- PEREIRA, L. *O magistério Primário na Sociedade de Classe: contribuição ao estudo sociológico de uma ocupação na cidade de São Paulo*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1963.
- PINHEIRO, A. R. *A imprensa escolar e o estudo das práticas pedagógicas: o jornal "Nosso Esforço" e o contexto escolar do curso primário do Instituto de Educação (1936-39)*. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política e Sociedade), PUCSP, 2000.
- PRADO JR. C. *História Econômica do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1979.
- PRIMEIRO Congresso de Escritores Infantis e Juvenis. *Era uma Vez....* Belo Horizonte, dez.1945, p. 10-20 (Revista Infantil de Minas Gerais).
- REIS, M. C. D. *Tessitura de destinos: mulher e educação em São Paulo-1910/20/30*. São Paulo. Ed. PUCSP, 1993.
- ROCHA, H. H. *Higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)*, Tese (Doutorado em Educação), USP, 2001.
- ROCHA, M. B. M. Tradição e Modernidade na Educação: o processo Constituinte de 1933-34. In: FÁVERO, Osmar. (Org.) *A Educação nas Constituintes Brasileiras 1823-1988*. Campinas, Autores Associados, 2001.

- RODRIGUES, J. H. *A Pesquisa Histórica no Brasil*. S. Paulo, Cia Ed. Nacional, 1969.
- ROMANELLI, O. *História da educação no Brasil 1930-73*. Petrópolis, Vozes, 1978.
- SAES, D. A. M. Classe Média e Política no Brasil: 1930-1964. In: HOLANDA, S. B. (Dir.) *O Brasil Republicano: sociedade e política*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996. v. 3. (Col. História Geral da Civilização Brasileira).
- SAVIANI, D. *Escola e Democracia*. São Paulo, Cortez, 1985.
- _____. *Do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo, Cortez, 1985.
- SAVIANI, D., LOMBARDI, J. C. e SANFELICE, J. L. (Orgs.). *História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual*. Campinas: Autores Associados, 1998.
- SCHWARTZMAN, S., BOMENY, H. M. e COSTA, V. M. *Tempos de Capanema*. São Paulo, Paz e Terra, 2000.
- SEVCENKO, N. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Cia das Letras, 2000.
- SILVEIRA, J. Grãfinos em São Paulo 1943: sobre São Paulo. In: *Grandes Reportagens de Joel Silveira*. Rio de Janeiro, Codecri, 1980.
- SIMÕES, C. Q. *História e situação da rede rodoviária do Estado de São Paulo*. São Paulo, 1940.
- SPOSITO, M. *O povo vai à escola*. São Paulo, Loyola, 1984.
- VIDAL, D. G. *O Exercício disciplinado o olhar: livros, leituras e práticas da formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-37)* São Paulo, Ed. Universidade São Francisco, 2001.
- VILA NOVA, S. *Donald Pierson e a escola de Chicago na sociologia brasileira: entre humanistas e messiânicos*. Lisboa, Veja, 1998.
- XAVIER, M. E. S. P. *Capitalismo e escola no Brasil*. São Paulo, Papirus, 1990.

BIBLIOGRAFIA SOBRE O DEPARTAMENTO DE CULTURA

- ABDANUR, E. F. *Os ilustrados e a política cultural de São Paulo: O Departamento de Cultura na gestão Mário de Andrade (1935-38)* Dissertação (Mestrado em História) Unicamp, 1992.
- DUARTE, P. *Memórias. A Inteligência da fome*. São Paulo, Hucitec, 1974. V. III.

_____. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo, Hucitec, 1986.

FARIA, A. L. G. *Direito à Infância: Mário de Andrade e os Parques Infantis para as crianças de família operária de São Paulo*. Tese (Doutorado em Educação), UNICAMP, 1993.

OLIVEIRA, R. C. *Colonizadores do futuro: Cultura, Estado e o Departamento de Cultura do Município de São Paulo (1935-1938)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), PUCSP, 1995.

RAFFAINI, P. T. *Esculpindo a Cultura na Forma Brasil: O Departamento de Cultura de São Paulo (1935-38)*. Dissertação (Mestrado em História), USP, 1999.

RUBINO, S. Clube dos pesquisadores: A sociedade de Etnografia e Folclore e a Sociedade de Sociologia. In: MICELI, Sergio (Org.) *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo, Sumaré, 1995.

SCHELLING, V. *A presença do povo na cultura brasileira: ensaio sobre o pensamento de Mário de Andrade e Paulo Freire*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1991.

SILVEIRA, S. A. *Nas trilhas da brasilidade: Mário de Andrade e o projeto de construção da nação brasileira*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), PUCSP, 1995.

REVISTAS DO ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

ACTO n. 861 de 30 de maio de 1935 – Organiza o Departamento de Cultura e de Recreação. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, n. 12, p. 229-241, maio, 1935.

DUARTE, P. Departamento de Cultura: vida e morte de Mário de Andrade. *Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo*, n. 106, p. 75-86, fev. 1946.

ENSAIO de um Método de Investigação do Nível Social de S. Paulo pela Distribuição da Profissão dos Pais dos Alunos das Escolas Primárias Públicas [elaborado pelo Departamento Municipal de Cultura (Subdivisão de Documentação Social) em colaboração com o Instituto de Educação da Universidade de São Paulo (Laboratório de Psicologia Aplicada)]. *Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo*, n. 23, p. 189-207, maio, 1936.

FRACCAROLI, L. C. (Bibliotecária-chefe da Biblioteca Infantil). *Biblioteca Infantil do Departamento Municipal de Cultura*. Separata da *Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo*, n. 64, fev. 1940.

GROPP, D M. Bibliotecas do Rio de Janeiro e de São Paulo e o movimento bibliotecário da capital paulista. *Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo*, n. 68, jul.1940.

GUIA do Arquivo Municipal de São Paulo. Separata da *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, 2000.

GUIA ÍNDICE da Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo, desde 1934. *Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo*, n. 200, 2002.

KATZENSTEIN, B. e FREITAS, B. Algo do que as crianças gostam de ler: Estudo de dois livros preferidos por meninos e meninas (Especial para a Revista do Arquivo) *Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo*, n. 77, p.5-87, jun./jul. 1941.

LOWRIE, S. H. (Da Escola de Sociologia e Política de S. Paulo e do Departamento de Cultura). Origem da População da Cidade de S. Paulo e diferenciação das classes sociais. *Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo*, n. 43, p. 195-212, jan.1938.

----- Pesquisa Padrão de Vida das famílias dos operários da limpeza pública do município de S. Paulo. *Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo*, n. 51, 1938.

NOTÁVEL Oração do Governador Dr. Armando de Salles Oliveira no Teatro Municipal. *Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo*, n. 19, p. 5-13, jan.1936.

RIBEIRO, C. Os parques infantis como centros de educação extra-escolar. *Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo*, n. 89, mar./abr.1943.

ANEXO I

JORNAL *A VOZ DA INFÂNCIA* N. 28, OUT.1938

AVOZ DA INFANCIA

ORGÃO DA BIBLIOTECA INFANTIL MUNICIPAL

Redação - Rua Major Sertorio, 638

Fone-4.1016

Diretor
Jose Machado

Redator-chefe
Haroldo S. Abreu

Redator
Mauricio P. Vasques

Nº 28

São Paulo, Outubro de 1938

ANO III

BRIEF DE NEVE E OS 7 ANOS



O dragão manhoso



SABE DE UMA COISA?

Houve outrora uma grande cidade.

Era uma cidade orgulhosa e seu rei mais orgulhoso ainda.

Assolava o país, nesse tempo um enorme dragão marinho.

Era um monstro enorme, de cabeça semelhante a um cavalo, de olhos vermelhos como brasa. Esse monstro vivia de galinhas. Comia galinhas sem conta, e quanto mais comia, mais queria comer. E quando não as havia, chorava. E chorava tão alto que o chão tremia.

Um dia acabaram-se as galinhas. Bateu-se o país, mas, nem uma galinha, nem um frango, nem um pinto, nem um mísero ovo foi encontrado em toda a região. E o dragão começou a chorar. Chorava, desesperadamente, e tão alto que até o rei no seu palácio de mármore amarelo passava a noite em claro.

acostumado a passar mal, logo se habituou, mas o rei, que só vivia no luxo e conforto, passava as noites em claro, neurastênico e colérico.

Tentou-se tudo para fazer o monstro parar, mas, como não havia galinhas, ele não parava de chorar. Enfim, el-rei resolveu oferecer a mão de sua filha aquele que conseguisse o silêncio do dragão. Todos tentaram.

Pediram ao dragão; ameaçaram-no. Quizeram mata-lo, mas, nada deu certo.

Afinal, Herito V barão do Batatan, resolveu fazer aquilo cessar.

Convidou os escultores para uma grande conferência.

Galinhas e galinhas de mármore foram feitas. De gesso, foram fabricadas milhares. De madeira também. Ninguém tinha pensado nessa coisa tão simples. Mas, o dragão comeu as 10.000 primeiras por que estava com muita fome, mas, depois reclamou, e continuou a chorar.

Então apareceu um farmacêutico. Trouxe dez sacos de veneno, e modelou com eles galinhas tentadoras e apetitosas, que faziam vir água à boca. O dragão cheirou, cheirou, cheirou, cuspiu em cima, e não quis.

Depois vem um fazendeiro. Trouxe dez carros de bois cheios de algodão. Encheu os ouvidos do rei e da corte.

E assim, ninguém mais ouviu o dragão. Mas isso trouxe inconvenientes. Um dia, estava o rei dando audiência. Chegou um homem, humilde e cabibaixo.

- Magestade, eu quero receber dez carros de ouro.

O rei que nada ouvia senão vagamente, pensou que o homem queria presentear-lo com dez carros de ouro, e respondeu, sorridente:

- Muito bem, meu filho, muito bem!

Assim, tomou um prejuízo formidável. Aconteceu muitos casos como este, pois ninguém ouvia. Se o rei pedia um chapéu, traziam o salcior; se queria tomar café, iam preparar-lhe o banho. Uma coisa horrível. Então, foi abandonado esse método de entupir o ouvido; decididamente, não dava certo.

(continua no próximo mês)

O LUAR DA PRAIA

É noite. A lua começa a apontar
nhando a praia com os seus raios
ateados.
As ondas decemente rolam na areia.
Sopra um vento agradável que vem
mar. Ao fundo vem-se algumas ca-
s em cujas janelas tremelicam lu-
nhas.
Não se distinguem as arvores; to-
s elas projetam sombras indefini-
is...
Em torno da orla da lua são azues
nuvens, tornando-se cada vez mais
curas, quanto mais afastadas.
No meio do mar o raios lunares
escoam construindo uma estrada
nínosa! Um barqueiro canta uma
iste canção...

Jose' Luiz Rodrigues Vercesi
11 anos

Inspirada numa noite das minhas
rias no Guarujá).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

SABADO DE CHUVA

Um sabado chuvoso é um dia mui-
ruim para uma pessoa que traba-
a.
Quem quer passear, ir a Santos,
zar as delicias da praia em com-
nhia de sua familia, enfim fugir
bulicio enervante da vida tra-
lhosa da cidade, vê seus planos
ustados, quando a inclemencia do
mpo faz do sabado um dia de chu-

Maria Helena Sartorelli
12 anos

VVVV---VVVV---VVVV

AS DUAS MENINAS

Duas meninas estavam no mesmo
upo.
Uma era pobre e a outra rica.
A pobre era estudiosa e adianta-
e a rica não era nada disso.
A mãe da menina pobre era lava-
ira e trabalhava de manhã até a
ite e por isso ela ficava muito
nçada.
A pobre queria ao menos ser uma
ofessora e a rica queria até ser
retora.
A menina pobre já era diplomada
a rica estava ainda no quarto

Um dia o desejo da menina reali-
zou-se, mas em vez de ser professora
chegou a ser diretora.

Certa vez, chegou ao grupo uma
empregada muito pobre e mal arranja-
da. A diretora reconheceu logo a ami-
ga rica cujo pai, perdera tudo por
ter ido para a guerra.

A diretora ficou muito triste com
a sorte da antiga colega e arranjou-
lhe um bom emprego no grupo.

As duas viveram sempre muito ami-
gas.

Flavio Wagner- 9 anos

XXXX...XXXX...XXXX
....

SONHO DE UMA NOITE DE ANO BOM

(Reprodução de um "film" desenho
assistido na Biblioteca)
...

Era uma fria e humida noite de
inverno.

Noite de Ano Bom.

Uma pequenita, muito pobre es-
tava vendendo fosforos.

Estava com fome, mas... que fa-
zer?

Ninguém comprava os seus fosfo-
ros.

Estava com muito frio. Por isso,
sentou-se em um cantinho e começou
a acender um fosforo atraz do outro.

Conforme ia acendendo ia vendo
lindas visões.

Viu apetitosos manjares...

Achou-se no céu ladeada de an-
jinhos que lhe deram uma caixa a
qual continha uma boneca iguaisinha
a ela.

Depois veio um vento fortissi-
mo e tudo desapareceu.

No dia seguinte estava morta
de frio e de fome.

Um anjo levou a sua bôa almi-
nha para o céu.

Ernestina França
12 anos

OOOOO OOOOO
OOOOO

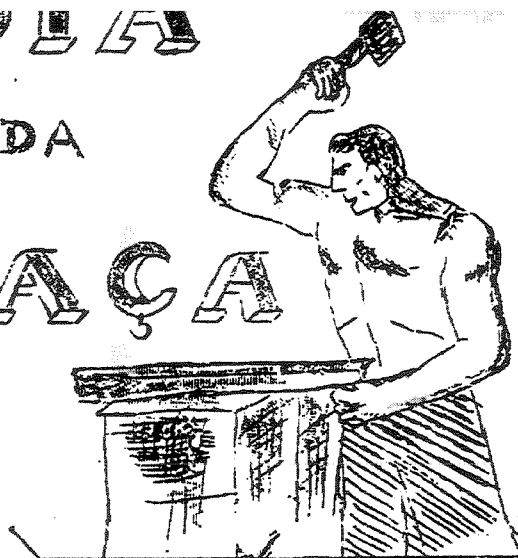
O MELHOR CHOCOLATE É O

"LACTA"

PREFIRAM SEMPRE



DA RAÇA



-Ah! filhinho... amorsinho, coma um pedacinho de carne... não quer? Não faz mal, florsinha, não faz mal... Mãe vai dar um docinho para você... coitadinho... tão pequeninho...

- Ahn! Papai não trouxe um automóvinho para mim!

Essa era a cena que se passava todos os dias na casa de um amigo meu. Seu filho mais velho, fraco e doente, era objeto de carícias de todos. No almoço comia doces e no jantar balas. Na hora de fazer exercícios com os irmãos, estava cansado, e andava um pouco mais do que de costume, ou se subisse uma escada um pouco alta, era certo: dores de cabeça, tonturas, fadigas, etc.

Vivia rodeado de doutores. Meu amigo temia que lhe acontecesse alguma coisa. Procurava evitar que ele adoecesse, empregando todos os recur-



morreu...

Bem, refletindo sobre isto, suponhamos que todos nós fossemos como aquele menino. O que seria de nós? O que seria do Brasil? O mesmo que a um barco, na imensidão do mar e sem tripulante.

Felizmente para todos nós, não é isto que acontece.

Quando assistimos um desfile, o que vemos?

Batalhões de soldados fortes, intrepidos, prontos para a defesa da pátria.

E num colegio?

Crianças sadias, risonhas, inteligentes, futuros homens. Homens de amanhã.

E numa oficina?

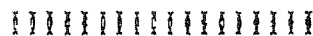
Operários gigantes, masculos, vibrando o martelo nas barras de ferro, britando imensos blocos de pedra, acendendo fornalhas, cooperando para a grandesa da pátria!

Bem, amigos, é de homens física e moralmente fortes que toda nação precisa.

Sejamos fortes, e avante!

Ilustrações e texto de

HAROLDO SANTOS ABREU-14 anos



A CRIANÇA ASILADA

Devemos ter muita pena da criança asilada, porque, quasi sempre são orfãos de pai e mãe. Não gosam pois, da mesma liberdade que nós.

No asilo são recolhidas as crianças desamparadas e também as que não podem ser sustentadas por seus pais.

No Natal, as pessoas bondosas levam aos asilos, brinquedos, doces, roupas, etc, que são distribuidos aos pequenos recolhidos.

Cheias de incontida alegria, agradecem com os olhinhos espantados do prazer.

Mas, depois do Natal, voltam as pobresinhas ao trabalho e ao isolamento.

Felizmente, têm elas grandes amigos nos diretores do Rotary Club, que periodicamente lhes oferecem espetáculos magestosos com farta distribuição de brinquedos e doces.

Ainda este mês, durante a "Semana da Criança", tivemos a asiladas

o grande prazer de assistir o belíssimo "film" Branca de Neve de Walt Disney, no cine Odeon, em sessão especial, oferecido pelo Rotary Club de São Paulo.

Nos que temos a felicidade de possuir nossos queridos pais, não devemos nos esquecer dos pobresinhos asilados, que esperam a consolação de uma nossa visita ou uma dádiva, que lhes proporcione prazer.

TEREZINHA AFONSO DE CAMARGO
13 anos

~~XXXX~~ ~~XXXX~~ ~~XXXX~~ ~~XXXX~~

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

(Reprodução do "film" de Walt Disney)

...

Branca de Neve, uma formosa princesa, depois da morte de sua mãe a rainha, era tratada pela madrasta como uma criada.

Estando certo dia lavando a escada do palácio, apareceu um príncipe que ficou encantado com sua beleza, e, foi cantando em direção a ela. Ela medrosa, corre para o seu quarto.

Enquanto isto se passa, a rainha diante do seu espelho mágico, gaba sua beleza e pergunta-lhe se havia pessoa mais bela no mundo do que ela. O espelho, porém, lhe responde, dizendo ser ela muito bonita, mas, Branca de Neve mais ainda.

Raivosa, chama um caçador e ordena-lhe que vá a floresta, matar Branca de Neve, e como prova trouxe-se o coração em uma caixa, que foi entregue ao mesmo.

O caçador, chama Branca de Neve e diz-lhe para que vá a floresta colher flores. Contente Branca de Neve corre por entre a floresta, sempre colhendo flores, quando vê um pobre passarinho machucado. Ao socorrê-lo, o caçador que estava atrás dela, avança com o punhal sobre a pequena. Ela não pode compreender e quando o caçador lhe conta que foi a mandado da rainha, ela fica muito espantada. O caçador, porém, fica condoído e pede-lhe perdão.

Branca de Neve foge aterrorizada para a floresta.

O caçador que tinha de levar o coração, mata um animal, tira-lhe o precioso órgão e leva-o a rainha.

eles a uma pequena casinha não muito distante.

Bate, ninguém responde. Torna a bater, mas vendo que ninguém responde, entra acompanhada pela bicharrada.

Viu que se tratava da casa de sete anõesinhos, e vendo tudo sujo, limpa com o fim de agrada-los.

Estando com muito sono, sobe para dormir um pouco.

Vê nas camas os nomes dos anões: Mestre, Zangado, Dengoso, Soneca, Feliz, Atchim e Dunga, tendo achado uma graça enorme.

Dorme um sono bem gostoso nas camas dos anões.

Os anões estavam já de volta e ao verem de longe a casinha iluminada, pensam que existe lá alma do outro mundo e lobisomem. Com muito medo aproximaram-se.

Depois de verificarem que era uma bela menina, a princesa Branca de Neve, resolveram ficar com ela.

No palácio, sabendo a rainha que Branca de Neve não havia morrido prepara-se e transforma-se numa horrenda bruxa, mordedora de maçãs. O veneno fazia a vítima ficar no "sono da morte" e só tornaria a viver se recebesse um beijo.

Os bichos ao verem a madrasta, vão chamar os anõesinhos, mas, ao chegarem lá a encontram caída no chão e perseguem a rainha, mas, esta, pensando estar subindo uma montanha, sobe em um abismo, sempre perseguida pelos anões. Como estava chovendo muito forte, um raio corta bem a extremidade onde a madrasta estava.

Voltando para casa os anões colocam Branca de Neve em uma cama e ficam velando dia e noite.

Passeando por aqueles lados o príncipe ao vê-la, beija-a e e com grande satisfação de todos, que Branca de Neve levanta-se e é carregada num belíssimo cavalo que a conduz ao palácio do príncipe, onde é celebrado seu casamento.

Maria Luiza A. Camargo
11 anos

~~XXXXXXXXXX~~

MOVIMENTO DA BIBLIOTECA, DURANTE O
MÊS DE JULHO DE 1938:

LIVROS LIDOS DE FICÇÃO	4.050
LIVROS CONSULTADOS	391
FREQUENCIA	4.273
MATRICULADOS NO MÊS	155
Livros mais lidos: Contos das fadas e contos de fadas	

o grande prazer de assistir o belíssimo "film" Branca de Neve de Walt Disney, no cine Odeon, em sessão especial, oferecido pelo Rotary Club de São Paulo.

Nós que temos a felicidade de possuir nossos queridos pais, não devemos nos esquecer dos pobresinhos asilados, que esperam a consolação de uma nossa visita ou uma dádiva, que lhes proporcione prazer.

TEREZINHA AFONSO DE CAMARGO
13 anos

DEVE DEVE DEVE DEVE

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

(Reprodução do "film" de Walt Disney)

...

Branca de Neve, uma formosa princesa, depois da morte de sua mãe a rainha, era tratada pela madrasta como uma criada.

Estando certo dia lavando a escada do palácio, apareceu um príncipe que ficou encantado com sua beleza, e, foi cantando em direção a ela. Ela medrosa, corre para o seu quarto.

Enquanto isto se passa, a rainha diante do seu espelho mágico, gaba sua beleza e pergunta-lhe se havia pessoa mais bela no mundo do que ela. O espelho, porém, lhe responde, dizendo ser ela muito bonita, mas, Branca Neve mais ainda.

Raivosa, chama um caçador e ordena-lhe que vá a floresta, matar Branca de Neve, e como prova trouxe-se o coração em uma caixa, que foi entregue ao mesmo.

O caçador, chama Branca de Neve e diz-lhe para que vá a floresta colher flores. Contenta Branca de Neve corre por entre a floresta, sempre colhendo flores, quando vê um pobre passarinho machucado. Ao socorrer-lo, o caçador que estava atrás dela, avança com o punhal sobre a pequena. Ela não pode compreender e quando o caçador lhe conta que foi a mandado da rainha, ela fica muito espantada. O caçador, porém, fica condoido e pede-lhe perdão.

Branca de Neve foge aterrorizada para a floresta.

O caçador que tinha de levar o coração, mata um animal, tira-lhe o precioso órgão e leva-o a rainha.

eles a uma pequena casinha não muito distante.

Bate, ninguém responde. Torna a bater, mas vendo que ninguém responde, entra acompanhada pela bicharada.

Viu que se tratava da casa de sete anõesinhos, e vendo tudo sujo, limpa com o fim de agrada-los.

Estando com muito sono, sobe para dormir um pouco.

Vê nas camas os nomes dos anões: Mestre, Zangado, Dengoso, Soneca, Feliz, Atchim e Dunga, tendo achado uma graça enorme.

Dorme um sono bem gostoso nas camas dos anões.

Os anões estavam já de volta e ao verem de longe a casinha iluminada, pensam que existe lá alma do outro mundo e lobisomem. Com muito medo aproximaram-se.

Depois de verificarem que era uma bela menina, a princesa Branca de Neve, resolveram ficar com ela.

No palácio, sabendo a rainha que Branca de Neve não havia morrido prepara-se o transforma-se numa horrenda bruxa, vendedora de maçãs. O veneno fazia a vítima ficar no "sono da morte" e só tornaria a viver se recebesse um beijo.

Os bichos ao verem a madrasta, vão chamar os anõesinhos, mas, ao chegarem lá a encontram caída no chão e perseguem a rainha, mas, esta, pensando estar subindo uma montanha, sobe em um abismo, sempre perseguida pelos anões. Como estava chovendo muito forte, um raio corta bem a extremidade onde a madrasta estava.

Voltando para casa os anões colocam Branca de Neve em uma cama e ficam velando dia e noite.

Passeando por aqueles lados o príncipe ao vê-la, beija-a e e com grande satisfação de todos, que Branca de Neve levanta-se e carregada num belíssimo cavalo que a conduz ao palácio do príncipe, onde é celebrado seu casamento.

Maria Luiza A. Camargo
11 anos

XXXXXXXXXXXX

MOVIMENTO DA BIBLIOTECA, DURANTE O
MÊS DE ABRIL DE 1958:

LIVROS LIDOS DE FICÇÃO	4.050
LIVROS CONSULTADOS	391
FREQUÊNCIA	4.273
MATRICULADOS NO MÊS	155
Livros mais lidos: Contos das fadas e	

O LUAR DA PRAIA

É noite. A lua começa a apontar banhando a praia com os seus raios prateados.

As ondas decemente rolam na areia.

Sopra um vento agradável que vem do mar. Ao fundo vem-se algumas casas em cujas janelas tremelicam luzinhas.

Não se distinguem as árvores; todas elas projetam sombras indefiníveis...

Em torno da orla da lua são azues as nuvens, tornando-se cada vez mais escuras, quanto mais afastadas.

No meio do mar os raios lunares se escoam construindo uma estrada luminosa! Um barqueiro canta uma triste canção...

Jose Luiz Rodrigues Vercesi
11 anos

(Inspirada numa noite das minhas férias no Guarujá).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

SABADO DE CHUVA

Um sabado chuvoso e um dia muito ruim para uma pessoa que trabalha.

Quem quer passear, ir a Santos, gozar as delicias da praia em companhia de sua familia, enfim fugir ao bulicio enervante da vida trabalhosa da cidade, vê seus planos frustrados, quando a inclemencia do tempo faz do sabado um dia de chuva.

Maria Helene Sartorelli
12 anos

VVVV---VVVV---VVVV

AS DUAS MENINAS

Duas meninas estavam no mesmo grupo.

Uma era pobre e a outra rica.

A pobre era estudiosa e adiantada e a rica não era nada disso.

A mãe da menina pobre era lavadeira e trabalhava de manhã até a noite e por isso ela ficava muito cansada.

A pobre queria ao menos ser uma professora e a rica queria até ser diretora.

A menina pobre já era diplomada e a rica estava ainda no começo

ano.

Um dia o desejo da menina realizou-se, mas em vez de ser professora chegou a ser diretora.

Certa vez, chegou ao grupo uma empregada muito pobre e mal arranjada. A diretora reconheceu logo a amiga rica cujo pai, perdora tudo por ter ido para a guerra.

A diretora ficou muito triste com a sorte da antiga colega e arranhou-lhe um bom emprego no grupo.

As duas viveram sempre muito amigas.

Flavio Wagner- 9 anos

XXXX...XXXX...XXXX

....

SONHO DE UMA NOITE DE ANO BOM

(Reprodução de um "film" desenho assistido na Biblioteca)

...

Era uma fria e humida noite de inverno.

Noite do Ano Bom.

Uma pequenita, muito pobre estava vendendo fosforos.

Estava com fome, mas... que fazer?

Ninguém comprava os seus fosforos.

Estava com muito frio. Por isso, sentou-se em um cantinho e começou a acender um fosforo atraz do outro.

Conforme ia acendendo ia vendo lindas visões.

Viu apctitosos manjares...

Achou-se no céu ladeada de anjinhos que lhe deram uma caixa a qual continha uma boneca iguaisinha a ela.

Depois veio um vento fortissimo e tudo desapareceu.

No dia seguinte estava morta de frio e de fome.

Um anjo levou a sua boa alminha para o céu.

Ernestina França
12 anos

00000 00000
00000

O MELHOR CHOCOLATE É O

"LACTA"

PREFIRAM SEMPRE

SACY

E
ESPANTALHO

CAPÍTULO II

POR
MAURICIO VASQUES
13 anosE
HAROLDO S. ABREU
14 anos.

SACY.

RESUMO:

Sacy e Espantalho, 2 garotos, ferraram uma briga, e o negrinho Sacy acabou desmaiando, vítima de um ponta-ESPANTALHO. po. Espantalho arrependido levou o pretinho para sua casa, um celeiro no meio da mata. Alta noite, porém, o celeiro pegou fogo o.....



13

FOGO! Tenho de carregar o negrinho, que ele ainda está "ruinsinho". Deus do céu!



14

FOGO!



Vamos dar o fora antes que chogue a policia.

...
...
...

15

De fato, a policia chega, seguida por inumeros carros de incendio. E agora! Nossos heróis serão acusados do incendio?!



16



Enquanto isso, numa cabana no outro extremo da floresta, tres homens de ma catadura conversam.

17

Otimo! O bobo do Ze' Bezerra pagou caro. Não quiz vender a floresta para extrairmos madeira, mas agora vamos ver o que ele fara com uma fogueira.



A SEGUIR
DESCOBERTOS! 18

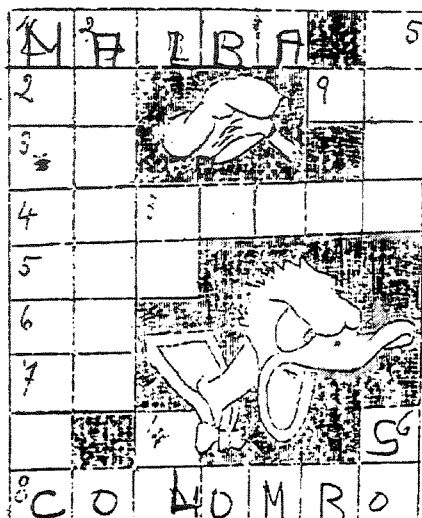


FOLHA CHARADÍSTICA

DIRETOR: Jose Machado



PALAVRAS CRUZADAS



Edgard Fleury

HORIZONTAIS

- Escritor querido das crianças
- Ave Maria
- Olha
- Soberba
- Irmã de mãe
- Sócrates Carvalho
- Do verbo ir
- Decobridor da America
- Ruim

VERTICAIS

- Primeiro nome do ousado navegador (invertido)
- Novo Mundo
- Conego de gato
- Nota musical (invertida)
- Mús de Maria
- Pedra de moinho

|||||...|||||...|||||

...|||...|||

NOVISSIMAS

1-2 - A " letra" e o " indicador" formam a ave.

1-2- "Aqui" o " sobrenome" formam o animal.

1-1- A menina " ruim" e o "pedaço" de vidro fazem o animal

Nacim Arida - 12anos

999 999 999 999

DECIFRADORES DO CONCURSO Nº 19

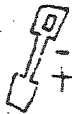
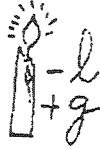
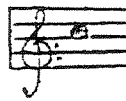
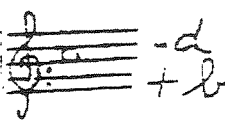
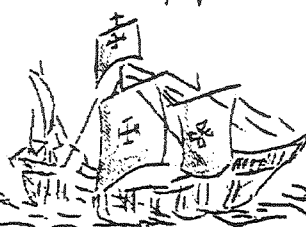
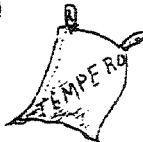
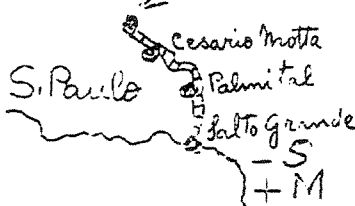
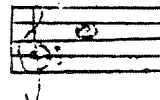
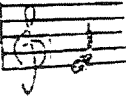
Jose Roberto Minervino, Aurea Lex, Altair Brandão, Mauro Ernani B. Costa, Ossian José Moreira, Ríscia Wachockier, Aldo Petrocelli, Walter Esteves, Myriam Frontini, Henrique Schnelvar, Osvaldo Coves, Vera Esteves Notari, Augusto Dias da Silva, Maria Luiza A. Camargo, Dulce Camargo Fraccaroli, Roberto Antonio Camargo, Alberico Lacerda Camargo, Lucia Saraiva, Lécio da Silva, Joaquim Silva, Ernestina França Telma Zabani, Antonio Tafner, Salomao Schnelvar, Isaias Raw, Mauro Ernani Costa, Noemia Pires de Almeida, Enaida de Melo Fleury, Carlos João Filippi, Maria Tereza Furia, Maria Helena Sartorelli, Nelson Corrêa, Maria da Gloria Mantovani, Neida Maotta, Maria Amelia Pasinato, Alice Mantovani, Wolfaro Lacerda Camargo, Milton Franco de Oliveira, Celso Lanzoni, Nelson Corrêa, Maria T. di Santi, Dulce L. Scoci, Antonio Carlos Pucci, Dora Lidman, Birce Arena, Teresinha Afonso de Camargo, Irmãos Camargo, Luis Carlos Laghi, Acyr Ribeiro, Roberto Silbiger, Durval Orlando, Claudio de Palma, Paulo Pires de Almeida, Dulce Arena, Celso Lanzoni, Luiz Silbiger, Dulce Pires de Almeida, Nacim Arida, Dinorah Pires de Almeida, Candido Corrêa, Alice Mantovani, Isa Saraiva.

9999
9999
9999

9999
9999
9999

9999
9999
9999

CARTA ENIGMATICA Nº 20

 -p XII D 10º MÊS D MCDXCII
 1  -p +N  -l +g  -a cidade da Itália -a +l S
 +h   -a +o  -p +v  -a +o M-
 -d +b  +m 7s  s S^{ta}.
 ia  -o +a E  -t +N, D -
 2-c +s B  U N  -v +m  -te +i
 A  -p -q L  -c +d O Pedro D
 -p +s   -D +U R  -i +e =
 -c +d  S. Paulo Cesarino Motta Palmital Salto Grande -S +M AS 
 A   -jo Vale
mº 20.
 n.

Iron Kuppermann - 12 anos.

ANEXO II

ROL DAS PROFISSÕES

Profissões A

Açougueiro	Cardador	Confeiteiro
Ajud. de pedreiro	Carpinteiro	Continuo
Alfaiate	Carregador	Copeiro
Amolador	Carteiro	Cozinheiro
Artífice	Caixeiro	Costureira
Ascensorista	Cobrador	Criado
Bilheteiro	Carroceiro	Domestico (serv.)
Boiadeiro	Carvoeiro	Decorador
Bombeiro	Cervejeiro	Estafeta
Britador	Cesteiro	Eletricista
Cabelereiro	Chacareiro	Entalhador
Cabo	Chapeleiro (emp.)	Empreiteiro
Caixoteiro	Charuteiro (emp.)	Empalhador
Calceteiro	Chauffeur	Emp. S. Público
Caldereiro	Chineleiro	Feitor
Camiseiro	Cigarreiro	Ferreiro
Capinador	Cocheiro	Guarda
Jardineiro	Operário	Soldado
Hortelão	Padeiro	Tanoeiro
Lavadeira	Pedreiro	Tapeceiro
Leiteiro	Pintor	Tintureiro
Carcereiro	Poceiro	Torneiro
Mecânico	Porteiro	Vaqueiro
Moldador	Quitandeiro	Vend. Ambulante
Motorista	Sapateiro	Vidraceiro
Motorneiro	Serralheiro	Vigilante
Oleiro	Servente	Vendeiro
		Zelador

Profissões B

Administrador	Datilografo	Lavrador
Agente	Despachante	Litógrafo
Agente de Policia	Desenhista	Militar
Ajud. de engh.	Emp. Escritório	Marmorista
Artista (pintor)	Emp. Cartório	Massagista
Avaliador	Emp. Comercio	Metalúrgico
Banq. de loteria	Enfermeiro	Modelador
Caixa (banco)	Escriturário	Negociante
Caixeiro viajante	Escrivão	Ourives
Cambista	Fabricante	Prático de farm.
Chapeleiro	Ferroviário	Relojoeiro
Charuteiro	Funcionário público	Repórter
Chefe de trem	Fotografo	Revisor
Comerciante	Gráficos	Sargento
Construtor	Guarda-livros	Tipógrafo
Contra-mestre	Insp. de policia	Telegrafista
Corretor	Joalheiro (neg.)	Tecelão

Profissões C (liberais)

Advogado	Coronel	Juiz
Agrimensor	Delegado	Major
Arquiteto	Dentista	Oculista
Aviador	Deputado	Maestro
Bancário	Desembargador	Pastor
Bibliotecário	Engenheiro	Professor
Boticário	Escultor	Proprietário
Capitão	Fazendeiro	Químico
Capitalista	Farmacêutico	Tabelião
Cirurgião	General	Tenente
Coletor	Gerente (de fab.)	Tenente-coronel
Comandante	Industrial	Veterinário
Comissário	Inspetor escolar	
Contador	Jornalista	

(Fonte: Separata da *Revista do Arquivo Histórico Municipal*, n. 64, fevereiro de 1940, p. 323-324).

ANEXO III

Carta de Mário de Andrade

D. Lenyra,

No último número do A Voz da Infância saiu um desenho “A Tempestade” que fiquei com vontade de possuir o original.

Se não for obrigação estrita guarda-los nos arquivos, seria possível a Sra. me conseguir esse trabalho delicioso? Não é cópia?

Mário de Andrade

(sem data).

(Fonte: Pasta de correspondências recebidas da Biblioteca Infantil Municipal, arquivada na “Seção de Bibliografia e Documentação” da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato de São Paulo).

ANEXO IV

ACTO N.861 – DE 30 DE MAIO DE 1935 **Organiza o Departamento de Cultura e de Recreação**

O Prefeito do Município de São Paulo, usando das attribuições que lhe são conferidas pelo paragrapho 4. do art. 11. do Decreto Federal n. 19.298 de 11 de novembro de 1930 e nos termos do acto n. 768, de 10 de janeiro do corrente anno,

Decreta:

TITULO III

CAPITULO I

Das bibliothecas

Art. 38 -Fica creada, annexa a Bibliotheca Municipal, uma Bibliotheca Infantil, que poderá funcconar, provisoriamente, no edificio daquela.

§ 1.o - A Bibliotheca Infantil será Installada e organizada de maneira e constituir um centro de attracção e de cultura infantil.

§ 2.o - A Bibliotheca Infantil -será constituída de obras nacionaes de literatura infantil e de traducções autorizadas de obras estrangeiras, historias de figuras e revistas infantis, recreativas e educativas, de mappas, gravuras, selos e moedas.

§ 3.o. - A Bibliotheca Infantil .organizará diariamente, para ser lido, desde a hora da sua abertura, o Jornal das Crianças, feito de recortes de todos os jornaes diários, de noticias, informações e commentarios que possam interessar às crianças e contribuir para a sua educação.

§ 4.o. - Serão feitos, frequentemente, inqueritos com o fim de verificar quaes as obras de literatura infantil preferidas pelas crianças, as impressões que deixam e as influencias que exercem sobre o seu espirito.

§ 5.o - Será organizado, annualmente, um concurso de livros infantis, estabelecendo premios em dinheiro aos concorrentes vencedores. A Comissão Julgadora nomeada pelo Director do Departamento, será composta de quatro membros a saber: o Director do Departamento, com voto de desempate um educador e dois escriptores.

(Fonte: *Revista do Arquivo Histórico Municipal*, n. 12, de maio de 1935, p. 235).

ANEXO V

FICHA DE LEITURA

VERSO

DEPARTAMENTO DE CULTURA – Biblioteca Infantil

FICHA DE LEITURA

Nome

Idade

Data do início da leitura

Data da terminação

Nome da Obra

Nome do autor

Número do volume

Nacionalidade do autor

Conhece outras obras do mesmo autor?

Os livros são os nossos maiores amigos – Conserve-os com cuidado.

REVERSO

Resuma o assumpto do livro nestas linhas:.....

.....

.....

.....

.....

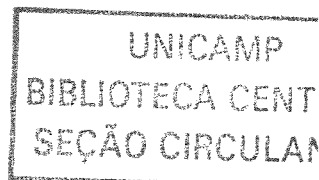
Que achou do livro?

É realidade ou ficção?

Prosa ou verso?

Qual o personagem que mais o impressionou?

Porque?



(Fonte: Reprodução de uma ficha de leitura da Separata da *Revista do Arquivo Municipal* n. 64, p. 297).